

**REVISTA DA ACADEMIA
NORTE-RIO-GRANDENSE
DE LETRAS 2020**
Nº 64 - JUL/SET



REVISTA DA ACADEMIA NORTE-RIO-GRANDENSE DE LETRAS



Nº 64

NATAL, JULHO/SETEMBRO - 2020

REVISTA DA ACADEMIA NORTE-RIO-GRANDENSE DE LETRAS

Publicação trimestral

Diretor: Manoel Onofre Jr.

Editor: Thiago Gonzaga

Diagramação e capa: Diolene Machado/ CJA Edições.

Arte da Capa: Tomé Filgueira (Acervo particular de Manoel Onofre Neto)

Catálogo na Fonte: Ana Cláudia Carvalho de Miranda – CRB15/261

R454

Revista da Academia Norte-Rio-Grandense de Letras / ANL. – n.64
(mar. 1951 -). - Natal: Offset Editora, 1951 - .

Trimestral.

Número atual: 64, Jul/Set.2020

ISSN: 0567-5995

1. Literatura - Periódico. I. Academia Norte-rio-grandense de
Letras. II. Título

CDU: 8(05)(813.2)

SUMÁRIO

ARTIGOS E ENSAIOS

MURILIANAS - Diogenes da Cunha Lima	11
OS TEMAS DO CIÚME E DA TRAIÇÃO EM MACHADO DE ASSIS - Ivan Maciel de Andrade	13
CASCUDO, A DÚVIDA E O ERRO - Vicente Serejo.....	25
HONRAS AO AMIGO PAULO MACÊDO - Daladier Pessoa Cunha Lima.....	31
PAULO MACÊDO – O ARTESÃO DA AMIZADE -, SER GENEROSO, AQUELE QUE SÓ FEZ O BEM NA TERRA - Miguel Dantas.....	33
A REPRESENTATIVIDADE FEMININA EM “A PAREDE” DE EDNA DUARTE (parte 2) - Denise Coutinho de Souza / Cássia de Fátima Matos dos Santos.....	36
UMA LEITURA SOBRE O PAPEL DA MULHER NO PASSADO E NO PRESENTE A PARTIR DO CONTO “AS DOS SANTOS” - Livia Confessor de Lima (autora) / Maria Aparecida de Almeida Rego (orientadora).....	49
PRESENÇA DO NEGRO NA LITERATURA POTIGUAR (parte 1) - Thiago Gonzaga.....	58
VINGT-UN ROSADO: HOMENAGEM DOS BIBLIOTECÁRIOS, LIVREIROS E EDITORES DO RN - Paulo de Tarso Correia de Melo	62
UM CAVALHEIRO DESGARRADO DO SÉCULO DEZENOVE - Francisco Sobreira.....	68
TRISTÃO BARROS - Jurandy Navarro.....	71

D. EUGÊNIO - Eulália Duarte Barros.....	79
ROMANCISTA NA PRAÇA - Manoel Onofre Jr.....	83
DORIAN JORGE FREIRE, UM JORNALISTA POTIGUAR. Chumbo Pinheiro	86
THOMÉ: A IMPRESSÃO POÉTICA PICTÓRICA - Manoel Onofre de Souza Neto.....	90
VALÉRIO MESQUITA, LITERATO E MECENAS POTI- GUAR - Padre João Medeiros Filho.....	93
RAIMUNDO SOARES, UM EXEMPLO - Rafael Bruno Fer- nandes de Negreiros	98
MEUS COLEGAS DA TURMA 1968 DA FACULDADE DE DI- REITO DE NATAL - Carlos Roberto de Miranda Gomes.....	101
PANDEMIA: HISTÓRIA E CULTURA - Iaperi Araújo	109
A VIDA CAMPESTRE NO ESPAÇO DO SEMIÁRIDO - Humberto Hermenegildo.....	116
QUEM FOI LAMPIÃO? Benedito Vasconcelos Mendes.....	123
CURIOSIDADES E HUMOR NA HISTÓRIA DA MEDICI- NA – PARTE II - Armando Aurélio Fernandes de Negreiros..	132

ENTREVISTA

RICARDO LÍSIAS: “COMO CONJUNTO, O MEIO LITE- RÁRIO É TÃO CONSERVADOR QUANTO O RESTO DO PAÍS...”	139
---	-----

HUMOR NOSSO DE CADA DIA

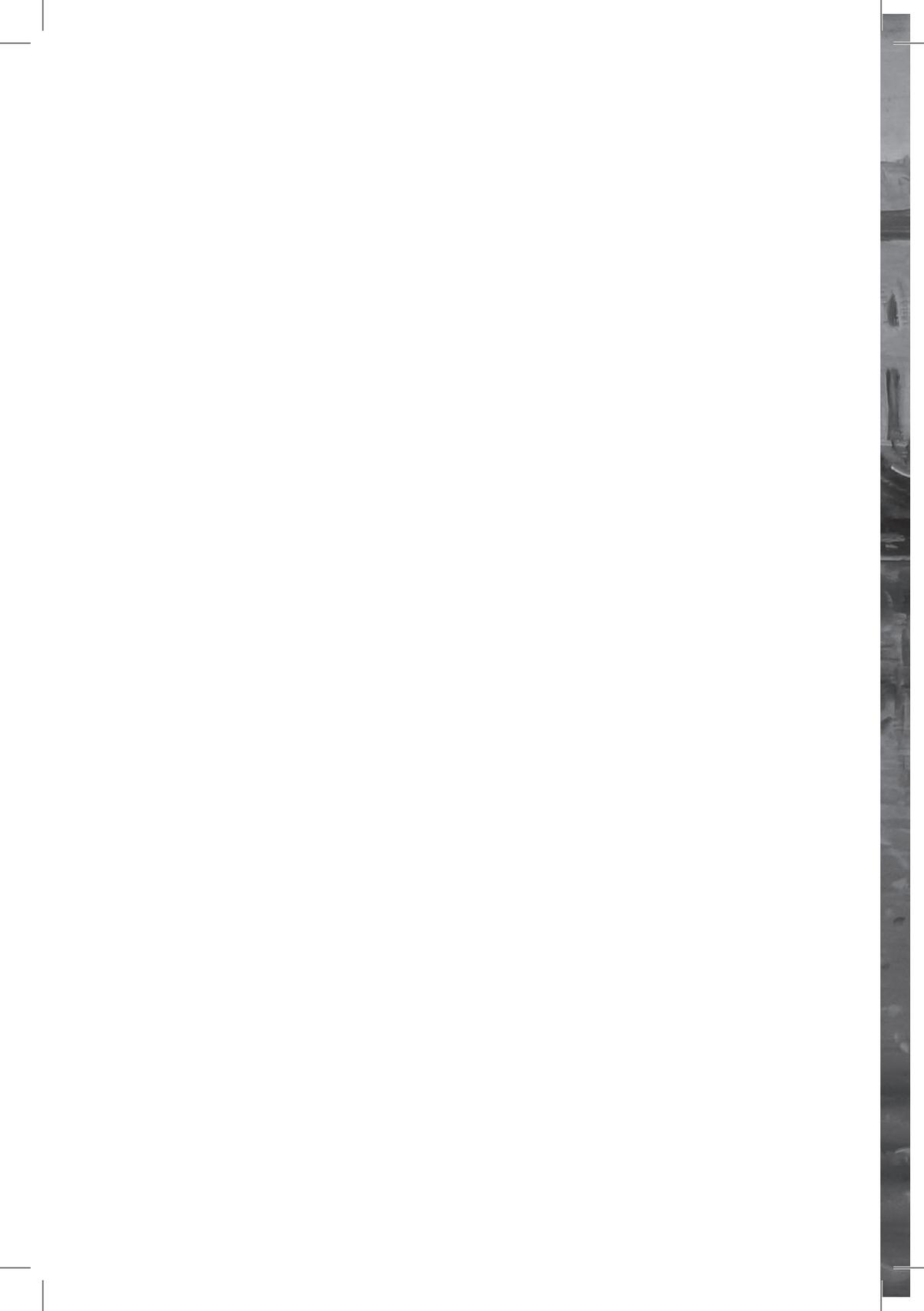
MEMÓRIA POPULAR VI - Valério Mesquita.....	151
--	-----

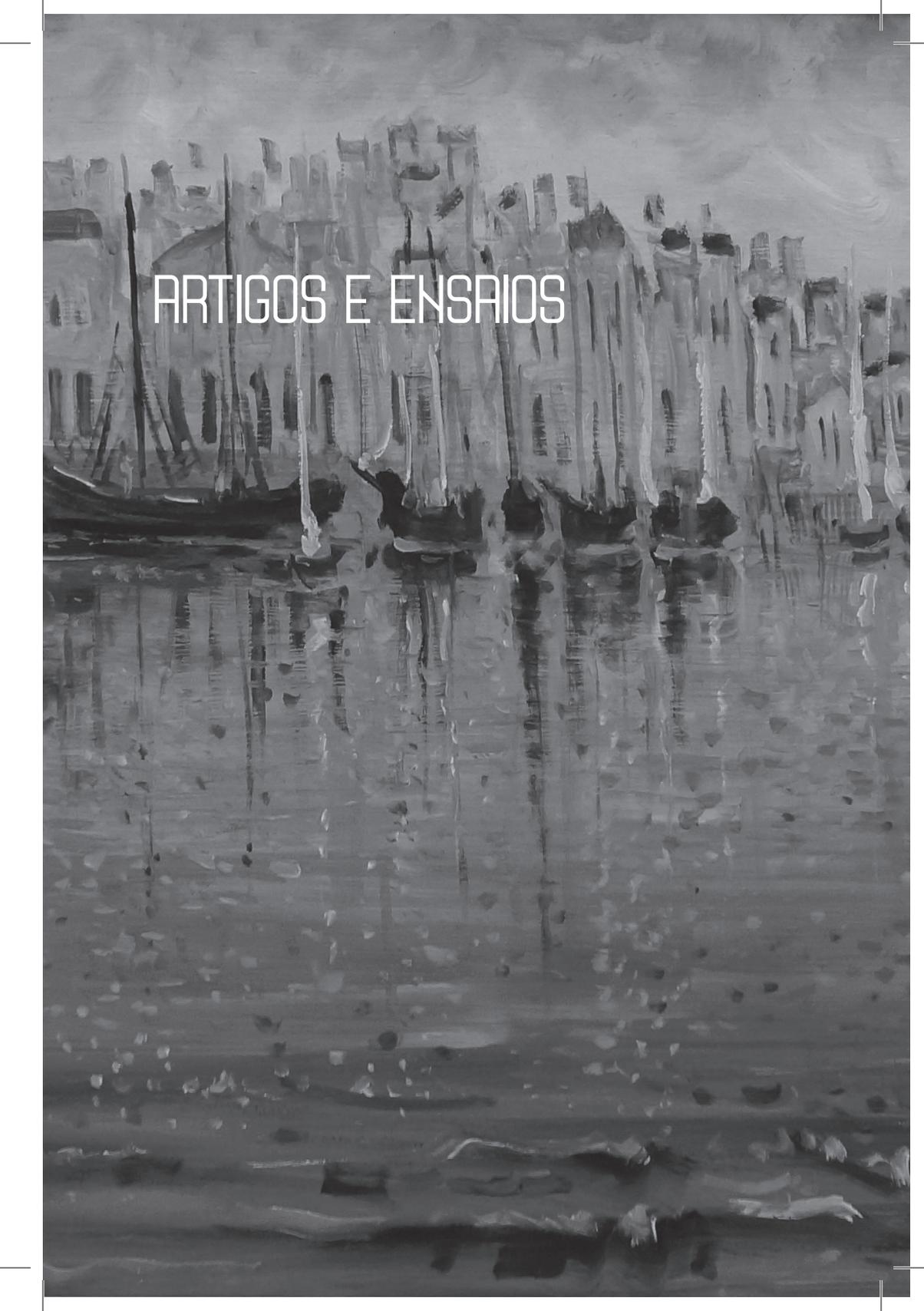
CONTOS E CRÔNICAS

UM TREM PARA OS HENRIQUES - Clauder Arcanjo	161
MEMÓRIAS DE ORFALESE - Raul Pacheco	163
CRÔNICAS da FLORESTA NEGRA (02) - Antonio Nahud ..	170
UM PEQUENO CONTO GÓTICO - José Delfino.....	175
PRECISAMOS DESCOLONIZAR A BASE DA POPULAÇÃO Ana Paula Campos	178
DIÓGENES DA CUNHA LIMA: O ESPETÁCULO EM PES- SOA - Cristine Tinôco da Cunha Lima Rosado	180

POEMAS

O HOMEM DE TODAS AS RUAS - Lívio Oliveira.....	183
TRÊS POEMAS DE JARBAS MARTINS.....	185
DOIS POEMAS DE ALEXANDRE ALVES	188
TANKAS - Raimundo Gadelha.....	191
RIBEIRA - Kalliane Amorim	194
UM PÁSSARO - Elder Heronildes.....	196
O ARTISTA DA CAPA	198





ARTIGOS E ENSAIOS



MURILIANAS

Diogenes da Cunha Lima

Nenhum potiguar e raríssimos brasileiros viveram a aventura e tiveram a ventura de Murilo Melo Filho. Ele justificou o seu êxito como sendo generosidade divina e, também, em decorrência do seu amor ao jornal, à revista, à TV. No exercício profissional, entrevistou ou foi recebido pelos maiores protagonistas do século XX. Personalidades como Eisenhower, John Kennedy, de Gaulle, Indira Gandhi, Che Guevara e Fidel Castro, Ho Chi Minh, Golda Meir, Evita e Peron. Teve também a felicidade de contactar com cientistas do porte de Albert Sabin.

Acompanhou seis presidentes da República do Brasil em viagem ao exterior. Personalidades tão diferentes quanto Jânio Quadros ou Geisel.

O jornalismo a que se dedicou desde os doze anos de idade, ele não hesitou em correr risco nem temeu ameaças. Foi correspondente nas guerras do Camboja e do Vietnam. Quando da fundação de Brasília, ele viajava em um velho avião, semanalmente, do Rio de Janeiro para a, hoje, Capital Federal, voltando às sextas-feiras. Um dia, antecipou o voo. A aeronave em que viria mergulhou nas águas da Baía da Guanabara e morreram todos os passageiros. Sem fazer juízos pessoais, ao registrar fatos jornalísticos, foi ameaçado de morte. Permaneceu íntegro.

Amante da família, dos amigos, do nosso Estado, foi durante décadas o nosso Embaixador Cultural no Rio de Janeiro.

A sua posse em nossa Academia de Letras fez lotar o Teatro Alberto Maranhão. Agradecendo a bela noite, vaticinei: Agora vá, Murilo, vá colher os frutos da semente que você plantou. Seja a nossa presença na Academia Brasileira de Letras. Assim foi.

Na ABL, valorizou, sempre, a importância de dois antecessores potiguares: Rodolfo Garcia e Peregrino Junior. Ressaltava no primeiro, a erudição e a brasilidade. Concorreu para que fosse dado o seu nome à nova Biblioteca. O visitante encontra três grandes painéis com a imagem do homenageado.

Histórias bem humoradas contava sobre Peregrino Junior. Quando ele residia no Pará, teve um acidente noticiado nos jornais, *uma queda de cavalo*. Um amigo espantou-se dizendo que nem sabia que ele andava a cavalo. Nem ando, respondeu, mas queda de rede não tem charme, elegância. O repórter ainda lhe perguntou se a sua permanência em Belém seria definitiva. O nosso escritor responde: “O meu destino é ser peregrino.”

Murilo foi o único diretor não-judeu do Grupo Manchete. Adolfo Bloch comprou-lhe a mais avançada lancha para que ele pudesse fazer relações públicas em passeio de autoridades no Lago Paranoá. Tempo depois, Murilo, sempre econômico, diz ao seu amigo e chefe que está fazendo boas relações a pé, a lancha é muito dispendiosa. Adolfo não aceitou: “Por falta de relações públicas, Murilo, o judaísmo perdeu Jesus Cristo. Você acha que isto é homem que se possa perder?”

Católico, Murilo fez promessa de fazer uma capelinha em nossa cidade. Fui com Ronaldo Cunha Lima à inauguração de uma belíssima igreja que ele construiu na Zona Norte. Emocionou-se quando Ronaldo lhe entregou “A Missa em Versos”, disse que poesia e fé são inseparáveis. A nossa amizade foi e é definitiva.

Murilo veraneava em Cotovelo. Um dia, recebeu-nos e pediu à sua família que me tratasse como um irmão, porque eu era um irmão dele.

O jornalismo, as Instituições Culturais e este seu irmão procuram fazer de Murilo Melo Filho o seu exemplo.

DIOGENES DA CUNHA LIMA é poeta, escritor e advogado, autor de “Os Pássaros da Memória”, “Câmara Cascudo – Um Brasileiro Feliz” e outros livros. Presidente da Academia Norte-rio-grandense de Letras, ex-reitor da UFRN e ex-presidente do Conselho de Reitores das Universidades Brasileiras.



OS TEMAS DO CIÚME E DA TRAIÇÃO EM MACHADO DE ASSIS

Ivan Maciel de Andrade

Formulo de início uma indagação que me parece pertinente, necessária e esclarecedora: quais as razões que podem levar alguém nos tempos atuais à leitura de Machado de Assis? O fato de ser um clássico, no melhor sentido da palavra, ou seja, um escritor fundamental para a formação, o desenvolvimento e a consolidação de nossa literatura? Ou a condição de gênio reconhecido, em sua plenitude e grandeza, pela crítica nacional e estrangeira? Essas razões, se aceitas, isolada ou conjuntamente, criariam uma espécie de incômoda e depreciativa obrigatoriedade – a sua leitura seria considerada literariamente “indispensável”.

Mas essa fama de autor canônico, embora tenha fundamentação teórica irrepreensível, não combina com Machado de Assis. Conflita frontalmente com as características demolitórias, iconoclastas e, em múltiplas acepções, revolucionárias da obra que ele construiu.

Pode-se recorrer, então, a uma fórmula sintética: lê-se Machado pelas mesmas razões por que se lê Shakespeare – para se conhecer melhor os sentimentos mais íntimos e essenciais do ser humano. Para devassar o que existe por trás da máscara afivelada pelas convenções sociais. E ao mesmo tempo para compreender e interpretar o jogo de poder e de dominação sociopolítica que determinam o nascimento e a reprodução desses estatutos convencionais.

Talvez, a esta altura, surja para muitos uma dúvida? Tudo isso, por melhor que seja, não fará de Machado um autor de leitura difícil, chata, desestimulante? Poderia responder dizendo que Joyce, Kafka, Proust, Thomas Mann, Faulkner e muitos outros gênios da literatura são escritores que nada têm de fácil, não podendo sua leitura servir de mero entretenimento ou descomprometido passatempo.



Mas, com relação a Machado de Assis, devo lembrar que, mesmo para aqueles que viram o rosto – com indiferença ou tédio – para os romances geniais que ele escreveu na maturidade (de “Memórias Póstumas de Brás Cubas” ao “Memorial de Aires”), restam os contos publicados a partir de “Papéis avulsos” (1882).

Os contos têm as mesmas qualidades estéticas das obras ficcionais longas e, contudo, são de leitura bem mais acessível e descomplicada. São até mesmo, pode-se dizer, de uma sedutora simplicidade. Muito embora se saiba que, por ser apenas aparente, essa simplicidade exige um esforço de percepção de sentidos ocultos ou dissimulados, que estão subjacentes aos episódios narrados ou escondidos na sutileza de momentos em que nada aparentemente acontece, mas em que, na verdade, tudo o que é mais humanamente significativo acontece através de cenas e emoções apenas sugeridas.

Basta lembrar a opinião da crítica sobre o contista Machado de Assis. Augusto Meyer: “Machado achou seu limite ideal de expressão no conto, em que só Anton Tchekhov pode emparelhar com ele”. Lúcia Miguel-Pereira: “Foi como contista que o escritor deu toda a sua medida”. O português Abel Barros Baptista: “O gosto da história breve é perfeitamente visível nos romances de Machado”. O inglês John Gledson: “Machado foi um dos melhores contistas da história da literatura brasileira, digno de comparação, em muitos momentos, aos maiores contistas de sua época – Tchekhov, Henry James ou Maupassant”. Luís Augusto Fischer: “Se só conto houvesse escrito, Machado já seria um escritor superior”.

Por mais que valorizemos os seus contos, não devemos esquecer, entretanto, que ele é autor de obras-primas que merecem figurar certamente entre os melhores romances da literatura universal de todos os tempos.

A obra de Machado tem gerado dois tipos diferentes de reações: a que vem da crítica e a do público. Dizendo isso parece até que já estamos, com essa distinção, considerando elitista a obra de Machado de Assis. Mas como poderia ser elitista se ele foi a vida



toda um jornalista que se poderia chamar de profissional, uma vez que extraía dessa atividade parte de seu sustento (a outra parte provinha do emprego burocrático)? Além disso, os seus livros, quase todos, foram inicialmente divulgados na imprensa diária (mesmo as inovadoras, filosóficas, desafiadoras “Memórias Póstumas de Brás Cubas”). O seu estilo guarda ressonâncias da voz popular, modulada por uma tonalidade clássica. A construção é direta e descomplicada, no melhor formato da comunicação midiática.

A crítica foi sempre muito compreensiva, elogiosa e até mesmo entusiástica, em relação à obra machadiana, descambando em alguns casos para um culto fervoroso, uma espécie de beatice literária. O escritor foi erguido em vida às alturas de “patriarca das letras nacionais”, na expressão de Antonio Candido. A única exceção importante se restringiu ao crítico e historiador literário Sílvio Romero, que ficou bloqueado pelo ressentimento em virtude da avaliação impiedosa, arrasadora, radical – com todas as letras – feita por Machado de Assis acerca de seus dons poéticos. Mesmo assim, Sílvio Romero enalteceu, em meio a ataques e censuras de natureza pessoal, as refinadas qualidades estilísticas e de concepção estética da obra machadiana.

É necessário destacar que a crítica altamente favorável de seus contemporâneos não chegou a alcançar o sentido tecnicamente inovador (ou subversivo, como diz Alfredo Bosi) da estrutura ficcional de aparência anárquica ou fragmentária do romance machadiano (da segunda fase, sobretudo as “Memórias Póstumas”). Como não percebeu o desmascaramento das hipocrisias e contradições sociopolíticas da sociedade escravocrata brasileira com uso do humor, da paródia e da sátira, inspirados por uma visão entre cética e pessimista, em qualquer dessas hipóteses implacavelmente amarga e cáustica. Como também não atentou para a abordagem e respectiva problematização dos temas universais relativos à vida, à condição humana, ao trágico e angustiante desfecho da morte.

Apesar do que a crítica nacional e estrangeira tem dito de melhor sobre Machado de Assis (o crítico literário Harold Bloom



incluiu-o entre os cem escritores geniais da humanidade, “milagrosamente” nascido no Brasil), não acredito que tenha aumentado muito o número de seus leitores. Por quê? Machado de Assis não comporta uma leitura linear. Em compensação, oferece muito mais em penetração das motivações do comportamento humano, em capacidade de criação de personagens que têm vida própria, em domínio de formas originais de construção ficcional, do que qualquer outro autor de toda a história da nossa literatura. Mas nada disso é suficiente, reconhecamos, para popularizá-lo. Embora alguns de seus livros – como “Dom Casmurro” e “Memórias Póstumas de Brás Cubas” – estejam entre os mais estudados e analisados de toda a nossa literatura.

Machado de Assis tem suscitado cada vez mais o interesse, o estudo e a análise da crítica literária brasileira e estrangeira. Em 2009, a editora Unesp publicou o livro “Machado de Assis e a crítica internacional”, organizado por Benedito Antunes e Sérgio Vicente Mota. Na apresentação, está explicado que “o livro registra o que de mais expressivo foi apresentado no Simpósio Internacional realizado em São Paulo, em 2008”.

Foram reunidos ensaios dos seguintes autores (com respectivas universidades a que pertencem): Amina di Munno (Gênova); Daphne Petai (Massachusetts); Élide Valarini Oliver (Califórnia); Jean-Michel Massa (Rennes 2); K. David Jackson (Yale); Luiz Dagobert de Aguirra Roncari (São Paulo); Paul Dixon (Purdue); Roberto Schwarz (Unicamp); Thomas Sträter (Heidelberg) e Todd Garth (US Naval Academy). Ao que se sabe, “multiplicam-se trabalhos acadêmicos, dissertações, teses e artigos na maior parte dos países ocidentais”, abordando novos e importantes aspectos da obra de Machado de Assis, “sem o correspondente diálogo com a crítica nacional”. O simpósio de 2008 teve o mérito de tornar conhecidas diferentes perspectivas críticas, nacionais e de outros países, todas altamente valorizadoras da criação literária machadiana.



Jean-Michel Massa, em ensaio sob o título de “Reabilitação de Machado de Assis”, incluído no livro acima indicado, chama a atenção para um posicionamento assumido por Machado de Assis (artigo publicado em 1864 para a “Imprensa Acadêmica” – “jornal dos estudantes de São Paulo”) sobre a participação de mulheres em reuniões literárias: “Este sarau terá mais uma novidade; terá a presença de senhoras. Temem alguns que elas vão e não achem em tais diversões o prazer que se lhes quer proporcionar. (...) Eu de mim digo que acho acertada a presença de senhoras. Não que as queira letradas e pedantes.” Mas também ele não as quer absorvidas pelas atividades domésticas. “Há um meio-termo e nesse estou eu”, autodefine-se o jovem Machado de Assis.

Já na maturidade, Machado veio a ser colaborador de “A Estação”, um periódico fundado em 1872 por Henri Gustav Lombaerts, que circulou no Rio de Janeiro de 1879 a 1904. O jornal era dividido em duas partes: o “Jornal de modas” (traduzido do alemão) e a dedicada à literatura. Machado publicou em “A Estação” um romance, uma novela, trinta e sete contos, seis poemas, além de artigos de crítica, editoriais, traduções, resenhas etc. Ivan Teixeira afirma que “as narrativas publicadas em ‘A Estação’ participavam do projeto editorial do periódico. Um dos componentes importantes desse projeto era a incorporação da mulher aos quadros de percepção crítica da vida no Segundo Reinado. Ela deveria converter-se em leitora ativa e culta, participar dos debates do tempo e, portanto, consumir mais jornal.” E ressalta: “Machado de Assis desempenhou papel decisivo no processo de inclusão da mulher nas camadas letradas desse período”. (“O altar e o trono”, Unicamp, 2010). Lúcia Miguel Pereira acentua que todos os livros de Machado (à exceção de “Memórias Póstumas” e “Quincas Borba”) “se passam em meios governados por mulheres”. Estariam aí, de forma oblíqua, as raízes de sua atração quase obsessiva pelos temas do ciúme e da traição, tão presentes em toda a sua obra?



Esses dois temas constituíram o “leitmotiv” de obra-primas da literatura universal, bastando lembrar os romances “Anna Karenina” (1875-1877) e “Sonata a Kreutzer” (1889), o segundo em plano literário bem inferior ao primeiro, de Leon Tolstói, “Madame Bovary” (1857) de Gustav Flaubert e “Um amor de Swann” (1913), a segunda parte de “No caminho de Swann” de Marcel Proust. Sem falar numa das mais célebres tragédias de Shakespeare – “Otelo, o Mouro de Veneza”.

Em Machado de Assis esses dois temas são recorrentes em contos e romances, vistos sempre sob diferentes e originais ângulos de tratamento ficcional. Entre os contos, são citados comumente “A cartomante”, “A carteira”, “Singular ocorrência”, “Primas de Sapucaia”, “Noite de almirante”, sendo que em mais dois – “Missa do galo” e “Uns braços” – a traição é apenas “insinuada”, para adotar uma expressão de Castelar de Carvalho. Em todos os romances de Machado os dois temas ocupam espaços importantes na vida e nas inter-relações dos personagens centrais. Há, entretanto, situações específicas e particulares, representadas pelos romances “Ressurreição” (1872), o primeiro, por sinal, escrito por Machado, “Memórias Póstumas de Brás Cubas” (1880-1881) e “Dom Casmurro” (1899-1900).

Este último tem sido considerado como uma espécie de precursor de “Um amor de Swann” de Proust (v. “Sob o signo do ciúme: Bentinho e Charles Swann”, de Gilberto Pinheiro Passos, em “Machado de Assis – Ensaios de crítica contemporânea”, Unesp, 2008). Isso põe em evidência a magnitude literária da criação machadiana em “Dom Casmurro”.

Em “Ressurreição”, apesar de seu caráter romântico, existe uma análise psicológica dos personagens. Félix – o nome é apontado como irônica escolha – não acredita, por uma inata insegurança, que mulher alguma corresponda às exigências de fidelidade que ele imagina devam existir na relação conjugal. Por isso não consegue ser feliz com a bonita e inteligente Lívia, apesar de apaixonada.



dos. As dúvidas, suspeitas e desconfianças alimentadas por Félix o condenam à solidão e à infelicidade. Nas “Memórias Póstumas”, o romance que inaugurou a fase (genial) de maturidade de Machado, as melhores recordações do “defunto autor” referem-se às relações amorosas (de um discreto mas envolvente erotismo) dele, que é solteiro, com Virgília, casada. É um dos casos de adultério mais explícito e bem-sucedido da ficção brasileira, embora sob a ótica de uma sátira social.

Bentinho, o narrador ficcional de “Dom Casmurro”, é um dos personagens mais estudados e discutidos, pela crítica nacional e estrangeira, de nossa literatura. O romance é uma grande charada psicológica e comportamental: Bentinho acusa sua ex-mulher, Capitu, grande amor de sua vida, desde a adolescência, de traição com seu melhor amigo, Escobar. E inclusive nega a paternidade do filho Ezequiel. Mas, como argumenta Helen Caldwell, em seu “The Brazilian Othello of Machado de Assis”, Bentinho é um narrador tendencioso, inconfiável, em razão de seu ciúme exacerbado e doentio. As contradições, assim, emergem da dissecação dos personagens, da forma como eles se veem e interagem entre si.

Os dois primeiros capítulos do “Dom Casmurro” são dedicados à justificativa do título do livro e às razões que puseram a pena na mão do personagem narrador, fazendo com que escrevesse suas memórias. Como em toda narrativa machadiana da segunda fase (posterior às “Memórias Póstumas de Brás Cubas”), há algo subliminar, ora sob forma de humor, ora de intenções filosóficas, no texto que é oferecido ao leitor. Mas, depois dessas páginas iniciais, com seus recônditos e disfarçados sentidos, chegamos ao parágrafo final do segundo capítulo. É quando se inicia a trama (à falta de melhor palavra) do romance com a evocação de “uma célebre tarde de novembro” que “nunca se apagou do espírito” do autor-personagem.

E o que aconteceu nessa tarde de tão importante que o escritor a denomina de “célebre”? A descrição vem no capítulo se-



guinte, com o título de “A denúncia”. Nele aparece, o que é significativo para a interpretação da estrutura romanesca, o primeiro personagem (abstraindo a figura do narrador): exatamente, o agregado José Dias. Na verdade, o caso passional entre Bentinho e Capitu começa nesse capítulo, com a terrível, inesperada, preocupante denúncia que José Dias faz à mãe de Bentinho, que o queria padre para cumprir a solene e sagrada promessa feita ao nascer o menino com problemas de saúde.

Qual foi a denúncia do agregado, que era um homem sóbrio, letrado, prestativo e leal à família a que se integrara, de corpo e alma, fazia já muito tempo (segundo os costumes patriarcais da família brasileira do século XIX): é que Bentinho andava “metido nos cantos”, no quintal da casa vizinha, com uma jovem um pouco mais moça, Capitu, “em segredinhos, sempre juntos”. Isso, na opinião do agregado, dificultaria a realização do projeto de D. Glória, a mãe de Bentinho, de fazê-lo padre. Bentinho, escondido, ouviu a denúncia. E a partir daí compreendeu que amava e era amado por Capitu: o agregado, raciocina Bentinho, “me denunciara a mim mesmo”.

José Dias era um hiperbólico, que “amava os superlativos”, tanto assim que após fazer a denúncia ressalvou que estava cumprindo “um dever amaríssimo”. Uma das restrições do agregado ao namoro era a diferença socioeconômica entre Bentinho, de família rica e importante, e Capitu, filha de modesto empregado de insignificante repartição. Sem falar que desconfiava e muito dos “olhos de cigana oblíqua e dissimulada” de Capitu.

Para Gledson, o agregado tinha opiniões políticas, tanto assim que ao enaltecer o papel da igreja brasileira na história nacional ressalta que “um bispo presidiu a Constituinte e que o padre Feijó governou o Império”. Ora, a Constituinte dissolvida pelo Imperador fora uma tentativa de contenção dos poderes monárquicos. Diz o narrador que o agregado “sabia opinar, obedecendo”. O que evidencia sagacidade, pois ele expunha suas ideias sem afrontar a autoridade senhorial. Afirma Bentinho que o agregado não tinha



“alma subalterna; as cortesias que fizesse vinham antes do cálculo que da índole”. Por essa observação se vê que ele embora fosse parasita e caricato, não era tolo: era, sim, um grande finório. A arte ficcional machadiana transforma o agregado em um verossímil e comovente ser humano.

O que pode haver de novo na história de um homem, já com cinquenta e quatro anos, que resolve escrever suas memórias para contar a traição de que foi vítima (a mulher que amou desde a adolescência o traiu com o seu mais próximo, antigo e querido amigo)? Trata-se de um tema banal? Não existem temas banais. Depende do talento do escritor que deles se ocupa.

“Dom Casmurro” é uma história construída com esses elementos aparentemente convencionais e é uma das mais profundas análises do ciúme, do comportamento feminino e do espírito demoníaco de vingança que toma conta de quem se considera vítima da traição. Embora, nesse caso específico, a convicção do traído – para muitos exegetas dessa obra machadiana – pareça decorrer de uma tendenciosa interpretação dos fatos, que têm natureza ambígua (tanto podendo inculpar como inocentar), mas que, segundo ele, comprovariam suas desconfianças e suspeitas. O que importa é a sua convicção: as circunstâncias são modeladas de acordo com a verdade que ele próprio cria sob efeito do ciúme.

Uma vez que a pretensa vítima da traição é quem conta a história, qual a credibilidade que se deve atribuir à sua narrativa? Afinal, sendo ele simultaneamente personagem e narrador, é natural que se empenhe em convencer que houve a traição, que a sua história não resulta apenas do ciúme – embora esse sentimento seja nele uma presença gratuita, imotivada e obsessiva.

Bento de Albuquerque Santiago – Bentinho –, personagem-narrador, tem aparência, na idade em que conta sua história, de um homem respeitável, próspero, embora “fechado em si mesmo”. Desenganado e cético, é verdade, mas, ao final de seu drama, não se isola completamente: continua desfrutando de amizades femininas.

Sutilmente, Machado deixa perceber, em alguns momentos, que a narrativa de Bentinho “não é inteiramente confiável”, como, à época da publicação do livro (1899), o crítico José Veríssimo já notara (segundo John Gledson, em “Por um novo Machado de Assis”, 2006). Na interpretação de Helen Caldwell e de Alfred Mac Adam, Capitu, a quem Bentinho acusa de traição, é na verdade inocente. Mac Adam sustenta que “o romance é sobretudo o discurso de um homem ciumento, cuja narrativa em primeira pessoa permite que Machado exclua a realidade do texto”. Realidade e imaginação se tornam, então, inextrincáveis.

Machado de Assis cria dois personagens contrastantes. Bentinho é filho de D. Glória, viúva que desfrutava de bom status social; o pai de Capitu é “um tal de Pádua”, funcionário humilde de uma repartição pública. Bentinho era submisso à mãe, fazia-lhe as vontades, mesmo depois de adulto. Capitu tinha objetivos e sabia lutar para alcançá-los. Se não fosse sua determinação e persistência, não teriam casado. De forma inteligente e habilidosa, conquistou D. Glória e frustrou o plano de fazer Bentinho padre. Enquanto Bentinho era fraco e influenciável, Capitu se mostrava madura, segura de si, dominadora. Bentinho confessa humildemente que Capitu era mais mulher do que ele homem. Foi ela quem despertou primeiro para a vida sexual, que se elevou socialmente com o casamento longamente planejado, desde a adolescência e que, por sua beleza e personalidade, se tornou alvo do ciúme doentio do marido. Uma visão feminista do escritor, surpreendente para a época.

Quais as possíveis razões do ciúme de Bentinho? O fato de Capitu ter “olhos de cigana oblíqua e dissimulada” ou, ainda, “olhos de ressaca”? A grande e silenciosa dor que Capitu sentiu com a morte de Escobar, companheiro de seminário de Bentinho? A impressionante semelhança física entre Escobar e Ezequiel, o filho de Bentinho e Capitu? Mas quem primeiro notou e chamou a atenção de Bentinho para essa semelhança foi exatamente Capitu. Ardil para escapar dos ciúmes de Bentinho ou demonstração de inocência? O próprio narrador relativiza o valor dessa prova: a mãe



de Sancha, mulher de Escobar, era muito parecida com Capitu, “sem que houvesse qualquer parentesco entre elas”. As duas cenas em que Bentinho surpreende Escobar visitando Capitu não trazem nenhuma certeza quanto ao possível adultério. Confundem mais do que esclarecem.

John Gledson usa um argumento convincente e que parece espancar todas as dúvidas: quando Bentinho diz a Capitu que Ezequiel não é seu filho e a acusa de infidelidade, a reação de Capitu é de tal dignidade que somos levados, irresistivelmente, “a declará-la inocente”.

IVAN MACIEL DE ANDRADE é escritor, advogado e professor aposentado da UFRN. Autor do livro, “O Exílio das Palavras” e outros trabalhos. Membro da Academia Norte-rio-grandense de Letras.





CASCUDO, A DÚVIDA E O ERRO

Vicente Serejo

A vida de

Lourival Açucena é simples.

Câmara Cascudo

Em 1986, era reitor Genivaldo Barros, e diretor da Editora da Universidade Federal do Rio Grande do Norte o professor José Lacerda Felipe, quando sugeri a criação de uma coleção que devolvesse aos olhos dos leitores o que estava há anos desaparecido das nossas leituras. Logo naqueles anos, na febre alta do modismo dos mestrados e dourados realizados em centros maiores, dentro e fora do Brasil, orientados para o estudo de autores nacionais e internacionais.

A tarefa não era de fácil repercussão. Os orientadores eram das universidades de fora, sem olhos para os nomes locais, reforçando o arraigado provincianismo disfarçado de erudição acadêmica, sem incentivar estudos sobre nossos autores. Até hoje, o provincianismo perdura, embora tenhamos evoluído no estudo da nossa criação literária à luz dos métodos e sem reforçar o pedantismo teimoso que nada acrescenta ao mundo de longe e ainda empobrece o de perto.

Fui a Tarcísio Gurgel, que chegava do mestrado, no Rio, sempre com a sua boa cabeça voltada para a nossa vida literária. E juntos fomos a José Lacerda que aceitou a ideia e Tarcísio sugeriu o título: 'Coleção Resgate'. Aceitei a tarefa de sugerir o primeiro título a ser relançado: **VERSOS**, o pequeno ensaio de Câmara Cascudo sobre a poesia de Lourival Açucena. Ou, para citar seu nome completo - Joaquim Eduvirges de Mello Açucena, e seu pseudônimo, 'Lorênio'.

A escolha tinha uma razão: era um título raro de edição única. Com o detalhe singular: de valor histórico, literário e editorial na obra Cascudiana, e na própria história da literatura que ainda não contava com seus dois mais amplos estudos que só seriam realizados por Tarcísio Gurgel: 'Informação da Literatura Potiguar (Natal, Argos, 1971) e 'Belle Époque na Esquina' (Natal, 2009), até hoje as maiores referências sobre a vida literária do Rio Grande do Norte.

Tinha dois detalhes que justificavam sua singularidade, além de soprar vida e ressuscitar o poeta Lorênio e sua poesia desaparecida da vida intelectual da província: a descrição da Natal do fim do século dezenove e primeiros anos do século vinte. E uma dúvida que persistia, nascida de um erro tipográfico. E um erro que alteraria o marco fundador da obra intelectual de Câmara Cascudo, desbancando o pioneirismo do seu primeiro livro, 'Alma Patrícia', lançado em 1921.

A descrição

VERSOS é publicação simples e despojada, retrato da qualidade editorial na Natal dos anos vinte, sem ilustrações e sem maiores recursos gráficos: a mancha impressa em blocos de 11,5x9cm, impressão tipográfica em tipo miúdo e papel apergaminhado, com 94 páginas.

No alto da capa, dentro de uma cercadura fina, em fio preto, e pela ordem, o nome todo do poeta: Joaquim Eduvirges de Mello Açucena. Logo abaixo, seu nome literário, posto entre parênteses - 'Lourival Açucena' e, logo depois, também entre parênteses, o pseudônimo em letras finas e maiúsculas: 'LORENIO'. Limitando seu pseudônimo, as datas de nascimento e morte - 1827-1907 -, seguido da assinatura da edição: 'Biblioteca do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte'.

No centro da capa, o título em letras grandes e negras: **VER-SO**', e a informação que explica o livro: 'Reunidos por Luís da



Câmara Cascudo’. Ao pé da linha inferior da cercadura, ‘Natal, Typographia D’A Imprensa’. E o ano em algarismos romanos: ‘MCMXXVII’ (1927).

Uma data comum, apenas fixadora do surgimento da publicação, se não gerasse uma contradição com a data, também em algarismos romanos, na folha de rosto, onde agora aparece, inexplicavelmente, ‘MCMXX’ (1920). Nasce a dúvida: 1927, como registra sua capa, ou 1920, como informa a folha de rosto?

Quando há dúvidas de datas ou de informações sobre a obra de Câmara Cascudo, no período 1918-1968, o caminho seguro é consultar os três volumes de Zila Mamede que reúnem, com fichamento técnico por ordem cronológica e gênero, sessenta anos da vida intelectual do autor - 1918-1968, (Fundação José Augusto, Natal, 1970).

Mas, à página 18, Parte I do Volume I, na distribuição por assuntos e temas, antes dos verbetes que descrevem e resumem cada título, **VERSOS** abre a coluna de ‘Edições Anotadas’ e recebe a data da folha de rosto: 1920, primeira publicação na ordem geral e cronológica do levantamento zilamamediano.

Por ser edição anotada, não consta do elenco de verbetes ‘Obras de Luís da Câmara’ que abre, naturalmente, com ‘Alma Patrícia’, Natal, Atelier Typ. M. Victorino, 1921. À página 107, abrindo o elenco de edições anotadas, o verbete 64 não anota ou observa a dúvida quanto a data, fixando-se, mais uma vez, em 1920, como consta no que chama de a ‘falsa folha de rosto’. O que levou Zila Mamede a adotar a segunda data na ordem da leitura? Teve alguma convicção, certamente. Sua pesquisa foi sempre acompanhada pelo próprio Câmara Cascudo, confrontando datas e notas em listas criteriosamente confrontadas. Ou os dois não perceberam?

Depois, provavelmente por uma questão de norma técnica, a data da ‘Folha de Rosto’ é aquela que prevalece, em caso de dúvida, visto que a capa é inevitavelmente uma impressão à parte,

colada ao corpo, e pode não corresponder à data de impressão do miolo da publicação. O exemplo mais evidente de que prevalece a data da folha de rosto e não da capa, ocorreu quando dos cinquenta anos de *Casa Grande & Senzala*, de Gilberto Freyre. O escritor e bibliotecário Edson Nery da Fonseca, a seu tempo o maior estudioso de Freyre, no seu ensaio comemorativo - *Um livro Completa Meio Século*, Fundação Joaquim Nabuco, Recife, 1983, adotou a data de 1933, mesmo com 1934 posto na capa da edição Princeps, Maia & Schmidt, Rio, 1934.

A não ser assim, **VERSOS** seria, portanto, uma publicação de Câmara Cascudo anterior ao seu 'Alma Patrícia', assumindo, por analogia simples, a condição de livro-fundador a circular diante dos olhos da província submersa e arredia, como a Macaíba de Octacílio Alecrim.

O livro

VERSOS é a revelação, por inteiro, do belo estilo cascudiano que seria consolidado e consagrado ao longo da vida intelectual de Câmara Cascudo, um exímio memorialista.

Abre o texto, numa grande-angular com a visão geral sobre **A Cidade**, descrevendo a Natal com seus poucos habitantes, a pequena vila em 1810, com base nas informações de Henry Koster, o inglês que nos visitou e de quem Câmara Cascudo seria o grande e único tradutor, até hoje, do seu *Viagens ao Nordeste do Brasil*, um clássico da 'Coleção Brasileira', Rio, 1942.

Cascudo, mesmo muito jovem, aos 23 anos, já revelava o grande pintor da sua aldeia a perscrutar o orgulho da cidade com os seus prédios da Câmara e Cadeia: "O Palácio rococó dos Capitães-Mores e as três igrejas: Matriz, Santo Antônio e Rosário".

No bloco seguinte, **A Sociedade**. O gosto patriarcal da família natalense, a ausência de estrangeiros, a "pouca mobília de Jacarandá para os ricos, pau-preto, amarelo, madeira nova para os medianos".



Já com acentuado gosto lírico, traço que seria o fio condutor dos seus textos descritivos e memorialísticos, mostra os hábitos, a geografia doméstica, os doces caseiros, os domínios da mulher e do homem; ela cheia de deveres, ele dono absoluto de direitos.

Só depois, o ensaio de aproximação, como era comum na expressão literária da época, chega à figura de Joaquim Eduvirges. Uma biografia simples e comum, como a sua vida, para fazer nascer o poeta Lourival Açucena, Lorenio. Cascudo prolonga a lembrança e a memória vai buscar a figura boêmia das madrugadas natalenses, citando versos chorosos, ou, como leve e calmo escreve o próprio Cascudo, descobrindo “a plasticidade de sua linguagem”.

No bloco final, um corte brusco: **O Capitão Lourival**. Cascudo, com seu espírito de jovem repórter, revela o outro homem, o militar que habitava o poeta: o capitão, cidadão de vida austera, eleitor e juiz de paz. Segundo Câmara Cascudo, mas um Lourival que em casa ou no trabalho sempre perdeu para o outro, das ruas, o poeta Lorenio, boêmio e prosador.

Encerrando o texto, Cascudo registra o interesse do Instituto Histórico na publicação que ele considera “um documento e não um estudo”, mas convencido de que, no futuro, alguém estudaria a vida e a obra de Lourival Açucena. Veio o futuro e praticamente nada trouxe para a memória de Joaquim Eduvirges de Mello Açucena, o Lorenio, tão esquecido até hoje.

A Dúvida

Não encontra sustentação lógica a dúvida em torno da data de lançamento de **VERSOS**. Foi resultado de um erro tipográfico que induziu Zila Mamede a registrar o ano de 1920, como está na Folha de Rosto - MCMXX - quando a data verdadeira tem dois registros incontestáveis: a data do texto do próprio Câmara Cascudo - ‘9 e 11 de setembro de 1927’ - fixando e elogiando o patrocínio do Instituto Histórico - ‘Lourival e o Instituto’ - e no agradecimen-



to ao professor Joaquim Lourival S. da Câmara, filho do poeta, sócio do Instituto, e sua importante fonte de informações; e o fato do ano de 1827 marcar o centenário de nascimento do poeta, e que está na capa - 1827-1907 -, quando o Lorenio fecha os olhos para sempre, aos 80 anos.

Cuidadoso ao circunstanciar o pequeno ensaio biográfico, Câmara Cascudo não apenas faz constar uma pequena e expressiva antologia poética de Lorênio, como resguardou o ensaio com a bibliografia consultada, livros e jornais, principalmente a grande série de nove artigos de Henrique Castriciano - *Lourival e o seu tempo* - um ensaio, publicado originalmente em *A República*, julho de 1907, logo depois da morte do poeta. E republicado, com uma atualização ortográfica de Manuel Rodrigues de Melo, na *Revista da Academia Norte-Rio-Grandense de Letras*, número 4, fevereiro de 1956.

Esta é a pequena história de como nasceu e viveu a *Coleção Resgate*, aquela que teve a glória humilde de apenas três títulos, antes de fenecer, esquecida e sem ânimo: *Três Ensaios*, de Edgar Barbosa, reedição da publicação original, de 1960, Recife, com prefácio de Américo de Oliveira Costa, e onde estuda *Camões Lírico*, *A Justiça no Reino de Quixote*; e *Machado de Assis em alguns dos seus tipos*. E o terceiro e último título que estampa - o *Homem de Bem Comum*, memória-depoimento de Joaquim Inácio de Carvalho, prefácio de Alvamar Furtado, indicação da professora Tereza Aranha, todos lançados no mesmo ano de 1986. Este artigo agora publicado retoma o texto-matriz, publicado em forma de prefácio na edição de **VERSOS**, 1986, acrescentado de novas e indispensáveis informações sobre um pequeno erro tipográfico na cronologia da obra cascudiana. E é destinado a quem interessar possa.

VICENTE SEREJO é escritor, jornalista e professor aposentado da UFRN, membro da Academia Norte-rio-grandense de Letras e de outras instituições culturais. Autor de “Cena Urbana”, “Cartas da Redinha” e “Canção da Noite Lilás”.



HONRAS AO AMIGO PAULO MACEDO

Daladier Pessoa Cunha Lima

Em seu livro *Gente Viva, Câmara Cascudo* (1898-1986) escreveu: “A Morte existe; os mortos não! Prolongo-lhes a companhia, nesses vestígios de convivência”. Transporto esse genial pensamento para a triste verdade da morte de Paulo Macedo (1931-2020), enquanto recordo passagens da sua vida, próprias de um amigo sincero e de uma pessoa íntegra, de cidadão correto, de homem que trazia sempre a bondade no coração. Foi um artífice de amizades, não somente no que concerne a ele mesmo, mas também no intuito de fomentar a paz e a boa convivência entre seres humanos. Não perdia a chance de ser útil e de fazer o bem, pois fazer o mal estava fora da sua agenda. Chega-me à mente uma quadrinha que Cascudo citava: “Se o bem não podes fazer,/ O mal não faças também/ Que o bem já fez sem saber/ Quem não faz mal a ninguém”.

Em artigo publicado no jornal *Tribuna do Norte*, o escritor, artista plástico e poeta Dorian Gray Caldas assim se expressou: “Diz-se sempre que Paulo Macedo nunca fez um inimigo; nunca escreveu para conseguir proveito próprio ou para denegrir a imagem de ninguém. E isto é certo e verdadeiro. É que acima do escritor, existe o homem Paulo Macedo, sua ética, sua sensibilidade, sua alma”. Era um porta-voz obcecado das lides culturais e educacionais do estado, sem perder sua função laboral de difundir tudo o que tinha valor no âmbito social como um todo.

Além dos jornais *Diário de Natal* e *O Poti*, nos quais brilhou por mais de quarenta anos, *Tribuna do Norte* e outros, Paulo Macedo também atuou no rádio e na televisão, haja vista o famoso programa *Sala Vip*, na TV Ponta Negra. Graduiu-se em 1966, na Faculdade de Jornalismo Eloy de Souza, que se integrou à UFRN, fez o curso da Escola Superior de Guerra, e obteve certificação de

diversos outros estudos. Mas o seu maior título conquistou-o ao longo da vida, com louvor, no dia a dia da profissão. Integrou as mais distintas instituições culturais e sociais do estado, tais como Academia Norte-Rio-Grandense de Letras – Vice-Presidente –, Conselho Estadual de Cultura, Instituto Histórico e Geográfico do RN, Rotary, entre outras, bem como foi membro honorário de órgãos similares de diversos estados. Recebeu muitas honrarias, dos setores públicos e privados. Nesse enfoque, poucas pessoas o igualam. Foi casado com Luíza Maria Dantas, pianista de escol, e do casal nasceu o filho Miguel Dantas Neto. Luíza tornou-se sua grande amiga. Seu segundo casamento foi com Tânia Macedo, com os filhos Paulo e Adriana.

Exerceu alguns cargos públicos, entre os quais destacam-se o de Secretário Municipal de Turismo – citado duas vezes por Câmara Cascudo no seu livro *Na Ronda do Tempo* – e Presidente da Fundação José Augusto. Nesta função, Paulo Macedo venceu resistências e conseguiu instalar o Memorial Câmara Cascudo, ao lado da antiga Catedral, com a escultura do homenageado na palma de uma mão, na frente do histórico prédio que abriga acervo do famoso escritor. Não pedia aplausos por ser honrado e honesto, nem recompensas por usar a profissão somente para fazer o bem. Morreu pobre, ao ponto de ter dificuldades de prover a própria vida simples que levava. Manteve-se digno e silente das suas agruras. A lembrança dos dias finais do amigo Paulo Macedo parece-me ter algo a ver com os versos do poeta português Augusto Gil: “Se aquilo que a gente sente/ Cá dentro, tivesse voz/ Muita gente, toda a gente/ Teria pena de nós”.

Texto publicado na Tribuna do Norte em 25/07/2020

DALADIER PESSOA CUNHA LIMA é escritor, professor e médico. Ex-Reitor da UFRN, atual reitor da UNI-RN. Membro da Academia Norte-rio-grandense de Letras. Autor dos livros “Noilde Ramalho: uma história de amor à educação” e “Retratos da vida”.



PAULO MACÊDO — O ARTESÃO DA AMIZADE -, SER GENEROSO, AQUELE QUE SÓ FEZ O BEM NA TERRA.

Miguel Dantas

Ele não mais pertence a nós, embora a sua memória esteja em cada um de nós. Ele pertence, agora, à história do Rio Grande do Norte, em razão da sua obra e do seu valor humano.

É sabido que, como lema de vida, Paulo Macêdo costumava versar “Cantares” de Antônio Machado: “Caminhante não há caminho, se faz caminho ao andar. Ao andar se faz caminho e ao voltar a vista atrás se vê a senda que nunca se há de voltar a pisar. Caminhante não há caminho, se faz caminho ao andar...”

Ele deixou de andar e o seu caminhar entre nós findou, mas ficaram os seus rastros de “mundo sutis, leves e gentis, como bolhas de sabão, mesmo que atualmente os bosques se vistam de espinhos”.

Seu maior prazer foi valorizar quem tem valor, sem prezar pelo fútil e pelo bestial. Por vezes, desavisado, foi agulha esquecida de linhas vãs, que seguiram para os bailes em ternos importados e em lindos vestidos (adaptação de “Um Apólogo”, de Machado de Assis). Nesses casos, como verdadeiro cristão, cultivou o perdão.

Nunca falou mal de ninguém, seja na sua coluna escrita ou no seu programa de televisão. Jornalista ético, pois o termo ética vem do grego Ethos, que significa caráter. Agia de acordo com os imperativos de realização do bem, porquanto ético por essência.

Quem agora prestigiará as pessoas da terra de Poti tal qual Paulo Macêdo fazia? Com aquele seu jeitinho? Quem? Quanta falta este homem fará!

Por ser tão iluminado, tratava um mendigo de rua da mesma forma que tratava uma autoridade da República, porém via-se

que os seus olhos brilhavam ainda mais em direção ao pedinte. Homem de fé, pregava que não se pode amar a Deus sem praticar a caridade, porquanto caridoso foi.

Paulo Macêdo ocupou relevantes cargos públicos, sempre ordenando recursos em prol do coletivo, jamais para se autobeneficiar, prova disto é que faleceu sem bens e sem haveres. Restou-se pobre de fortuna e rico de princípios. Ah, se todos fossem iguais a Paulo Macêdo, que vida justa e honesta teríamos!

Todos os anos passava seu aniversário juntinho com a sua família no Ceará. A data coincide com o aniversário de sua irmã Julieta, hoje com 102 anos. Sempre amoroso com os seus irmãos: Julieta, Wanda, Judite, Sarita, Adélia, Davi, Gentil, Julinda, Moisés e Valério. Da mesma forma, amou seus três filhos: Miguel Dantas, filho do seu casamento com Luiza Maria Dantas, Paulo Macêdo Filho e Adriana Macêdo, filhos do seu casamento com Tânia Macêdo; e a neta: Gabriela Serejo Dantas Cavalcanti.

Paulo Macêdo, assim foi, e será para eternidade: um exemplo de vida. Palmas, muitas palmas para este homem que nasceu em Limoeiro do Norte, no Ceará, e adotou Natal como a sua segunda cidade.

Que Deus o receba na Sua infinita glória e lhe conceda paz eterna.

BIOGRAFIA

Paulo Macêdo (1931 – 2020) nasceu, em Limoeiro do Norte, Ceará. Jornalista, escritor e imortal das letras acadêmicas. Vice-Presidente da Academia Norte-Rio-Grandense de Letras, membro do Conselho Estadual de Cultura, Sócio efetivo e Benemérito do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte.

Há 29 anos faz o Programa Sala VIP na televisão: Inicialmente na TV Tupi em Recife; em seguida na TV Ponta



Negra-SBT; e TV Futuro-Cultura, onde permaneceu até a data do seu falecimento. Escreveu diariamente por mais de 40 anos no Diário de Natal.

Graduado em Comunicação Social pela UFRN, Graduado pela Escola Superior de Guerra - Rio de Janeiro; um dos poucos brasileiros condecorado com todos os títulos, medalhas e diplomas do Exército, Marinha e Aeronáutica; Cavaleiro da Ordem Superior da Itália; Cidadão Honorário de 154 municípios potiguares. Ex-Secretário de Turismo e Cultura do Município de Natal, Ex-Presidente da Fundação José Augusto; Ex Diretor da Assembléia Legislativa do RN, membro do Rotary Clube de Natal Sul, e Vice-Presidente do Conselho do Iate Clube.

Paulo Macêdo deixou três filhos: Miguel Dantas, filho do seu casamento com Luiza Maria Dantas, Paulo Macêdo Filho e Adriana Macêdo, filhos do seu casamento com Tânia Macêdo; e uma neta, Gabriela Serejo Dantas

MIGUEL DANTAS é advogado, turismólogo e escritor, autor do livro “Praias Potiguares”, dentre outros trabalhos. É filho de Paulo Macêdo.



A REPRESENTATIVIDADE FEMININA EM “A PAREDE” DE EDNA DUARTE (PARTE 2)

Denise Coutinho de Souza

Cássia de Fátima Matos dos Santos

2. “A parede”: a voz e a imagem das mulheres

A obra *Sete Degraus do Absurdo* de Edna Duarte é composta por seis contos, sendo o último dividido em duas partes, o que dá para remeter ao título da obra. Esses setes degraus (contos) escritos por Duarte são, realmente, um absurdo, mas nada mais que a representação da realidade de muitas mulheres. O primeiro conto, “A parede”, conta a história de dona Cesarina, iniciando-se na terceira pessoa do singular, o narrador apresenta a personagem:

Cesarina era alva, pequenina e tinha olhos azuis.
Quando a conheci, era avó de muitos netos, uma cinquentona gordinha e afável: mas, em todo o seu amplo ser escondia-se uma vontade férrea e uma amargura estranha.
(DUARTE, 1982, p.19)

Logo que se inicia o conto, não dá para perceber nada de estranho com Cesarina, exceto, quando o narrador diz que ela parece esconder uma amargura estranha (que entenderemos logo mais à frente). Dona Cesarina é uma típica mulher que faz o papel conservador destinado a ela, nota-se isso quando o narrador, no segundo parágrafo, diz que “Raramente saía. Apenas o caminho diário, bem cedo, da Missa, que perfazia vestida em cores marinho forte. Lembrava uma viúva, realmente, daquelas interioranas, de



virtudes exaltadas e saudades bem esmaecidas.” (DUARTE, 1982, p.19). Inicialmente, o narrador exhibe o cotidiano de dona Cesarina, ela que ajudava no engalanamento das capelas e igrejas, e que puxava a fila das orgulhosas “mães cristãs”. Aparentemente, nem os filhos lhe eram íntimos o suficiente. A casa dela, que nunca tivera as janelas abertas, foi onde se passaram os casamentos das filhas. Dentro daquela casa, cheia de móveis de tons escuros, a dependência mais utilizada era a sala de jantar, abundante de janelas e portas e uma única mesa longa. Aquela longa mesa era onde o marido de dona Cesarina, “seu” Olímpio, fazia as refeições sozinho.

É a partir do sétimo parágrafo, que podemos observar como se construiu a personagem dona Cesarina, e perceber diferentes pontos da realidade desta mulher que dialoga com tantas outras existentes. Do sétimo ao nono parágrafo, o narrador nos mostra um pouco sobre como ocorreu o casamento da personagem. Vejamos:

Primos. Casamento acertado entre os pais, “seu” Olímpio gostando, porque Cesarina, além do dote, trazia nas faces coradas e nos traços delicados uma sutil beleza que espicaçava seus desejos e lhe prometia evidentes satisfações.

Ela, também, acordante. Não havia melhor partido: seu primo advogado, há pouco vindo dos anos de estudo na capital, sempre no paletó de brim engomado, escritório pronto e vários prédios que lhe auferiam boa renda. Tudo isso lhe fez ver o pai, na única conversa sobre o assunto, que tiveram.

As amigas invejavam-na.



Da fama de mulherengo do primo,
ninguém falou. Era normal.

(DUARTE, 1982, p.20)

Reconhecemos aqui, nestes três parágrafos, uma situação que era muito recorrente na vida de muitas mulheres: o casamento arrumado. O pai tinha (no passado aqui no Brasil, mas muito atual em outros países) o direito de escolher o futuro marido de suas filhas, e elas tinham que obedecer. Segundo Canezin (2004), em seu artigo “A mulher e o casamento: da submissão à emancipação”, à mulher a única realização possível era o casamento e maternidade, pois “eram destituídas de mentalidade racional” (2004, p.146). Outro ponto que podemos observar nestes parágrafos é o fato de como a aparência é importante quando se é mulher. Enquanto dona Cesarina admirava seu futuro marido por ser um advogado com escritório e vários prédios, “seu” Olímpio só observara as futuras “evidentes satisfações” ao se casar com ela. E como de costume, não importava ele ser ou não mulherengo, pois era homem.

No 10º e 11º parágrafos, observamos como era tratada a questão sobre o corpo da mulher. O narrador nos conta como foi o episódio da lua de mel de dona Cesarina. Vejamos:

Normal não foi o susto, nem a carreira
de Cesarina até a casa de seu pai,

de camisola branca nas ruas escuras e
adormecidas da Bagistana de 1914.

(Era a noite do seu casamento.)

Normal não foi a cólera de seu pai ao
vê-la, nem ao levá-la de volta,

muda de terror, para o homem que a



esperava coberto de razões,
na casa que seria sua para sempre.

(DUARTE, 1982, p.20)

Dona Cesarina não queria deitar-se com o seu marido, talvez precisasse de tempo, mas não havia este tempo, pois, toda mulher ao se casar tinha como obrigação cumprir com o ritual, mesmo contra a sua vontade. Este era um fato muito ocorrente na noite após o casamento, pois o corpo da mulher já não era mais seu, pertencia ao seu esposo. Michelle Perrot (2008, p. 76) explica que “[...] o corpo das mulheres é também, no curso da história, um corpo dominado, subjugado, muitas vezes roubado, em sua própria sexualidade”. Quantas mulheres não passaram por esta mesma situação? Era essencial consumir o casamento com o ato na noite do dia da união, pois “A virgindade das moças pertence aos homens que a cobiçam” (PERROT, 2008, p.65), e na noite de núpcias, dona Cesarina tinha que entregar aquilo que lhe tinham por mais precioso, e não importava se fosse à força, pois nem o seu próprio pai se importava, haveria de fazer para, provavelmente, não o envergonhar.

No parágrafo seguinte, o narrador nos traz detalhes da vida de casada de dona Cesarina, ele conta que “Cesarina teve oito filhos seguidos. Oito partos sofridos, com longos resguardos e cheiros de alfazema. Foi a esposa que deveria ser: cordata, calada, fiel, diligente e econômica.” (p.20). Ou seja, ela era uma mulher que não se opusera a nada que o marido falava e, principalmente, o que esperavam de uma mulher: calada. Chegando a este parágrafo podemos enquadrar dona Cesarina, teoricamente, no tipo que a crítica feminista de Zolin (2009) apresenta como a mulher-objeto. A mulher-objeto é caracterizada pela falta de voz e submissão, por agir apenas em aceitação, resignação e passividade, isto é, o homem tem o controle sobre suas ações e ela segue o sistema.



Nos parágrafos 14, 15 e 16 é descrito como o “seu” Olímpio, marido de dona Cesarina tivera agido durante os primeiros anos de casado, e o quanto ela havia sido maltratada e humilhada por ele. Vejamos:

Seu Olímpio não teve o que reclamar: ela cumpriu seu papel. Usou-a, quando jovem, até exauri-la, sem despertá-la. Ela não existia como parceira sua: era apenas o seu objeto para o seu prazer egoísta. Por vezes, no início, lembrando antigas devassidões, comprazia-se em humilhá-la adotando a fantasia erótica que lhe desse na “veneta”. Com o fastio, voltou a desvirginar as pobres mocinhas cujos pais lhe deviam empréstimos, ou estivessem presos; também gostava das viúvas de recém-falecidos funcionários públicos, cuja partilha de bens tivesse como encargo profissional. E, principalmente, gastava seu dinheiro no “Art-Nouveau”, o local distante, arejado e ruidoso onde moravam as profissionais do amor.

Mas, quem censuraria “seu” Olímpio? Havia em Bagistana alguém que lhe pudesse atirar a primeira pedra?

Enquanto os filhos eram pequenos, Cesarina chorava nos confessionários e ralava os joelhos pedindo perdão a Deus por ter horror “àquelas coisas.”

(DUARTE, 1982, p.21)



Nestes três últimos parágrafos deu para constatar três questões presentes na vida de muitas mulheres. A primeira, quando o narrador diz “Usou-a quando jovem, até exauri-la, sem despertá-la”, estaríamos aqui diante de um caso de estupro? Olímpio não via dona Cesarina como parceira, então nem se dava ao trabalho de acordá-la, pois queria apenas satisfazer a si mesmo, usando-a como um objeto. Hoje, aqui no Brasil, esse tipo de ação é tido como crime hediondo, e não importa se for casado ou não. Fazer sexo com alguém dormindo é crime. Dona Cesarina aguentou, como muitas mulheres, que acham que por ser esposa não têm o direito de recusar a manter relações sexuais, pois é “seu dever”. Percebemos que ela tinha esse pensamento pois pedia perdão a Deus por ter horror ao sexo. Certamente, Dona Cesarina se incomodava com o ato porque doía, visto que o seu marido não estava preocupado com ela, apenas consigo mesmo; e por achar que não devia nem sequer ter o direito de desgostar da situação, pedia perdão. A mulher oprimida e criada dentro do sistema patriarcal faz tudo pelo esposo e acha que não tem direito nem a uma reclamação, é o que percebemos no caso de dona Cesarina.

O segundo ponto que observamos é o fato da existência de pais que vendem suas filhas como pagamento para “seu” Olímpio. Isso muito faz lembrar do mercado de mulheres existente no Estado Islâmico. E junto disso temos a prostituição, profissão em que só há um beneficiário (e com certeza não é a “trabalhadora”). Mulheres são vistas como propriedades (um exemplo disto é o Líbano), pois, alguns homens ao ter filhas não parecem que as veem como tal, são como objetos a serem vendidas, seja arrumando um casamento, ou simplesmente entregando-as como parte de um pagamento.

Nosso terceiro ponto analisado é quando o narrador diz: “mas, quem censuraria “seu” Olímpio? Havia em Bagistana alguém que lhe pudesse atirar a primeira pedra?”. Isto é um fato, pois, “é o normal” dessas atitudes, porque vivemos em um sistema patriarcal. Segundo Zolin (2009, p. 11) o patriarcalismo é o “termo utilizado para designar uma espécie de organização familiar originária dos

povos antigos, na qual toda instituição social concentrava-se na figura de um chefe, o patriarca, cuja autoridade era preponderante e incontestável”, ou seja, ninguém ousaria contestar “seu” Olímpio por agir dessa forma, visto que ele era um patriarca e o povo apenas pensaria que, como já diz um velho ditado, que legitima o machismo, “procurava na rua o que não achava em casa”.

Nos parágrafos que se seguem nos é contado sobre o casamento da primeira filha de Dona Cesarina. Há a partir desse ponto, uma mudança no comportamento dela. Leiamos:

A primeira filha se casou aos quinze anos, com belíssimo enxoval. O homem era médico. Tudo, conforme os costumes das melhores famílias. Cesarina não chorou, não aconselhou, não avisou nada. Sequer rezou. Deus não se mete nessas coisas sujas. E como esse pensamento assistiu, um mês adiante, à filha irromper de súbito, desgrenhada, chorando, toda a roupa estraçalhada em cima do corpo, na casa do pai. Contar-lhe a surra que o homem lhe dera, os maus-tratos. E ele, impassível, dizer-lhe que voltasse. Ainda, com rancor ameaçar:

- “Filha minha não se separa de marido! Volte, obedeça e seja honrada”.

Nesse dia, Cesarina mudou de quarto. “Seu” Olímpio, que há tempos detestava aquele mutismo recriminador da mulher, até gostou. E assim, nunca mais se falaram. (DUARTE, 1982, p.21)



Antes de analisarmos o comportamento de dona Cesarina, não é possível ignorar outro fator presente na vida de muitas jovens mulheres hoje em dia: o casamento infantil. A primeira filha do casal se casou aos 15, dona Cesarina (não nos é contado), provavelmente, também se casara antes dos 18. Acerca desse tema, a ONU Mulheres lançou uma matéria, no dia 09 de março de 2017, afirmando que:

A cada ano, 15 milhões de meninas em todo o mundo se casam antes de completarem 18 anos. No Brasil, 36% da população feminina se encontra nesta situação. [...] “As meninas que se casam antes dos 18 anos têm mais chances de se tornarem vítimas de violência doméstica e estupro marital”, explica Paula Tavares, autora do estudo e especialista em Desenvolvimento do Setor Privado do Banco Mundial. “[...]O relatório mostra que existem hoje mais de 700 milhões de mulheres no mundo que se casaram antes de completarem 18 anos. Até o fim da próxima década, outras 142 milhões de meninas se casarão.” (ONU, 2017)

Esse casamento infantil além de ser totalmente inapropriado, também é um fato para que as meninas sofram cada vez mais cedo com a violência doméstica e estupros. Essa realidade é trazida a nós pelo conto de Edna Duarte que, como literatura, nos mostra as facetas da vida de tantas mulheres. Tanto na vida, conforme a especialista Paula Tavares, como na Literatura, conforme ficção de Edna Duarte, a violência contra as meninas se confirma.



No conto, a menina, de apenas 15 anos correu até a casa do pai porque havia apanhado, vítima de violência doméstica, e mesmo assim foi mandada de volta pelo pai, que cumprindo o seu papel de opressor, menciona que voltando ela estaria sendo honrada. Tolerar abuso e violência do marido é tido como “honra”. Essa ideia sempre foi muito reforçada não apenas pelo pai de meninas, mas pela sociedade. Muita vítima tem se tornado a “culpada”, e perguntar- o que a mulher fez para o marido agir de tal forma é fato comum. Em evento na sede da ONU, em Nova Iorque, em 2018, Maria Fernanda Espinosa, a presidenta da Assembleia Geral das Nações Unidas, alertou que “35% das mulheres em todo o mundo já sofreram algum tipo de violência física ou sexual. Em 38% dos homicídios de mulheres, o assassino é um parceiro íntimo da vítima.” Se nota que o conto ultrapassa barreiras e, retrata a realidade, esta que é tão antiga e atual ao mesmo tempo.

Passemos, então, a analisar a mudança de dona Cesarina. Ela que aguentara abusos, humilhações, e que vivia como o marido bem queria, tomou uma atitude. Não apenas parou de falar com o esposo, mudou-se também: de lado. O narrador nos conta que ele, a partir disso, passaria a comer sozinho, e dona Cesarina fazia suas refeições apenas com os filhos e só depois que “seu” Olímpio se retirava. Essa mudança no comportamento dela que, nunca havia questionado o marido, a retira da posição do conceito de mulher-objeto que foi apresentado anteriormente, pois apesar de Cesarina não dizer nada, esse silêncio foi diferente. Anteriormente, Cesarina foi considerada uma mulher calada e que cumpriu o seu papel, mas o retirar-se do mesmo quarto e o silenciar foi o mesmo que uma rebelião. Passou de mulher-objeto para mulher-sujeito, visto que, mesmo no silêncio, não se comportava como antes. Segundo Zolin (2009), a mulher sujeito se impõe, e é reconhecida por seu poder de decisão e imposição, sendo assim, a atitude de dona Cesarina em tomar a decisão de se retirar do mesmo quarto e de não dirigir a palavra ao esposo nem como resposta a algo que ele perguntara, marca a transformação dessa mulher. Então, para



finalizar, analisemos a função da parede e o seu significado dando título ao conto:

D. Cesarina ao completar os quarentas anos de nascida, era uma perfeita matrona. E há mais de dez que existia a parede. (Todos na cidade sabiam e comentavam aos cochichos: a imensa casa de “seu” Olímpio tivera uma parede levantada meio-a-meio. Tudo que existia em um lado, existia no outro. Num, morava ele. No lado vizinho ela morava.)

Quando D. Cesarina morreu, ele lá, no lado dela, não foi. Para quê? Ela nunca existira.

Feito o inventário, a casa foi vendida. Demoliram-na para construir um prédio de quatro andares – Bagistana se modernizava.

Entre os escombros, uma longa parede foi a última a ruir: era o protesto vivo, o único, de D. Cesarina. (DUARTE, 1982, p.22)

A parede levantada ao meio da casa, não é mencionado quem a levantou, mas, sendo dona Cesarina ou “seu” Olímpio, não pode significar outra coisa senão um tipo de protesto. Mesmo que o esposo de Cesarina a tivesse levantado, ela saíra totalmente do seu papel de mulher submissa. Aquela parede representava um escudo e talvez a própria paz para a vida dessa mulher que sofreu com aquele homem desde o começo. O conto encerra-se



afirmando que, ao cair, a parede significava o único protesto vivo de dona Cesarina. A atitude dela, no entanto, ao mudar-se de lado e de não mais falar com o seu marido, demonstra ser uma grande atitude para uma mulher que vivia pelo seu casamento, e que se calava e abaixava a cabeça para tudo que ele falava, mesmo sendo palavras de humilhação. O protesto dessa mulher foi essa atitude e, a parede, podemos colocá-la como o único protesto objetivo pois representa a transformação de dona Cesarina porque, mesmo no silêncio, se recusou até o fim a aceitar, dali em diante, as atitudes daquele homem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A literatura do Rio Grande do Norte é rica em temas como o regionalismo, a memória, o erotismo e o feminino (bastante representado pela escrita das mulheres norte-rio-grandenses), assim sendo, Edna Duarte, como escritora mulher, traz em sua escrita uma abordagem que contribui com a tradição no estado. Destaca-se, nesse artigo, o fato de não haver quaisquer tipos de trabalho acadêmico sobre a produção da escritora e, mais ainda, pelo tema debatido por meio da prosa de ficção, uma vez que a poesia é quem tem apresentado mais fortemente essa temática.

Pelos aspectos analisados, pudemos constatar que o conto “A parede” é repleto de representatividade feminina, visto que nos mostra, pela voz do narrador, a representação de uma mulher, que, como conseguimos ver através de nossa análise, se assemelha a de muitas mulheres. O conto possui mais de 40 anos, a se contar da época em que Duarte o escreveu junto a todos os outros, em uma semana do ano de 1977, mas possui uma temática totalmente atual, posto que verificamos que há, ao longo dos anos, muitos casos recentes e semelhantes ao que a personagem D. Cesarina viveu e presenciou.

Em síntese, ao dar voz ao que muitas mulheres silenciam em suas vidas, o conto “A parede” se torna importante para o entendi-



mento da experiência das mulheres em seus relacionamentos, tornando-se, então, a representatividade da realidade delas. Esta representatividade que é importante para o conhecimento e consciência de toda uma sociedade, se torna ainda mais relevante em nossa análise, visto que a literatura também desempenha papel conscientizador, ultrapassando gerações, exercendo a sua função humanizadora.

REFERÊNCIAS

Banco Mundial lança relatório sobre casamento infantil. Disponível em: < <http://www.onumulheres.org.br/noticias/banco-mundial-lanca-relatorio-sobre-casamento-infantil/>>. Acesso em: 04 jul. 2019.

BOBBIO, Norberto. **Dicionário de Política.** UNB, 2004

DUARTE, Edna. **Sete degraus do absurdo.** Natal: Fundação José Augusto, 1982.

DUARTE, Constância Lima e CUNHA, Diva. **Antologia: escritoras do Rio Grande do Norte.** 2 ed. Natal (RN): Jovens Escribas, 2013.

CANEZIN, Claudete Carvalho. **A mulher e o casamento: da submissão à emancipação.** Revista Jurídica Cesumar – Mestrado, Maringá (PR), v. 4, n. 1, p.143-154, jul. 2004.

Faculdade colore foto de Machado de Assis para lembrar que ele era negro. Disponível: <<https://guiadoestudante.abril.com.br/estudo/faculdade-colore-foto-de-machado-de-assis-para-lembrar-que-ele-era-negro/>>. Acesso em: 21 jun. 2019.

Fazer sexo com alguém dormindo é crime hediondo. Disponível em: <<http://direito.folha.uol.com.br/blog/fazer-sexo-com-algum-dormindo-crime-hediondo>>. Acesso em: 03 jul. 2019.

GURGEL, Tarcísio. **Informação da literatura potiguar.** Natal (RN): Argos, 2001.



Mulheres são vistas como propriedades dos homens no Líbano.

Disponível em: <<http://g1.globo.com/fantastico/noticia/2014/06/mulheres-sao-vistas-como-propriedades-dos-homens-no-libano.html>>. Acesso em: 03 jul. 2019.

Quatro em cada dez mulheres têm medo de negar exigências sexuais de parceiros, diz estudo.

Disponível em: <<https://nacoesunidas.org/quatro-em-cada-dez-mulheres-tem-medo-de-negar-exigencias-sexuais-de-parceiros-diz-estudo/>>. Acesso em: 03 jul. 2019.

ONOFRE JR., Manoel. **Ficcionistas potiguares.** Biografia e crítica. 2 ed. Natal (RN): Offset gráfica e editora Ltda, 2010.

PERROT, Michelle. **Minha história das mulheres.** Tradução de Angela M.S. Corrêa. 1.ed. São Paulo: Contexto, 2008.

Violência contra as mulheres é ‘pandemia global’, diz chefe da ONU.

Disponível em: <<https://nacoesunidas.org/violencia-contra-as-mulheres-e-pandemia-global-diz-chefe-da-onu/>>. Acesso em: 03 jul. 2019.

ZINANI, Cecil Jeanine Albert & POLESSO, Natalia Borges. **Da margem: a mulher escritora e a história da literatura.** MÉTIS: história & cultura – v. 9, n. 18, p. 99-112, jul./dez. 2010.

ZOLIN, Lúcia Osana. **Crítica feminista.** In: BONNICI, Thomas e ZOLIN, Lúcia Osana (Orgs.). Teoria Literária. 3 ed. Ver. Ampl. Maringá: EDUEM, 2009.

DENISE COUTINHO DE SOUZA (Autora). Especialista em Literatura e Cultura pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte. E-mail: denisecoutinho@hotmail.com.

CÁSSIA DE FÁTIMA MATOS DOS SANTOS: (Orientadora). Doutora em Estudos da Linguagem pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte. E-mail: cassiafmsantos@gmail.com



UMA LEITURA SOBRE O PAPEL DA MULHER NO PASSADO E NO PRESENTE A PARTIR DO CONTO “AS DOS SANTOS” * (PARTE 1)

Livia Confessor de Lima (autora)

Maria Aparecida de Almeida Rego (Orientadora)

RESUMO: O atual artigo apresenta uma análise do conto “As dos Santos” publicado no livro *Chão dos Simples* (1983). A trama apresenta diversos estereótipos, tais como: a obrigatoriedade de a mulher casar para se ter respeito, os costumes do interior, o julgamento às mulheres, a literatura como fator regional e cultural, as tradições religiosas das moças solteiras e até a decisão de aborto por pressão social. Segundo Lima (2018) o conto supracitado mostra que a vida também pode ser literatura, ou seja, é possível ter aproximação de fatos cotidianos presentes nos contos. Por fim, apresentam uma relação entre o passado e o presente da figura feminina, sua mudança na sociedade e o protagonismo de sua história.

PALAVRAS-CHAVES: Conto. Regionalismo. Mulher. Transformações sociais.

ABSTRACT: The current article analyzes the tale “As dos Santos” published in the book *Chão dos Simples* (2014) in the 1980s and reveals in this plot several stereotypes such as the obligation of women to marry to have respect, the customs of the interior, the

* Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao **Núcleo Câmara Cascudo de Estudos Norte-rio-grandenses**, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Literatura e Cultura do Rio Grande do Norte.



women's judgment, literature as a regional and cultural factor, the religious traditions of single girls, and the decision to abort by social pressure. According to Lima (2018) the aforementioned tale presents that life can also be literature, that is, it is possible to have approximation of everyday facts present in the tales. Finally, they present a relationship between the past and present of the female figure, its change in society and the protagonist of its history.

KEYWORDS: Woman; Marriage; Abortion; Transformation; Literature.

1. Introdução

“Quem conta um conto aumenta um ponto” é o que diz o vocabulário popular bastante comum aos nordestinos e no livro de contos *Chão dos Simples*², de Manoel Onofre Junior, não há distorções de uma estória para outra. Manoel Onofre Junior, além de escritor, foi professor de história na década de 1960, período em que iniciou sua faculdade em direito, seguindo os caminhos do pai e avô que foram magistrados e juristas. Ele ainda caminhou pelos fascínios do jornalismo criando junto a seus amigos Défilo Gurgel, Jarbas Martins e Ney Lopes a revista “Presença”. Sua dedicação em história e literatura resultou na pesquisa e escrita do livro *Estudos Norte-rio-grandenses*, o qual ganhou o prêmio “Câmara Cascudo” (1975).

A coletânea de contos reúne 23 histórias curtas que abordam diversos temas sem aumentar ou prolongar narrativas. O espaço onde se passam as narrativas é em Serra Nova, uma cidade ficcional. O foco narrativo tem a presença de narrador observador e onisciente que conhece a história, mas não interage participando.

2 O livro conta com quatro edições: a 1ª edição em 1983, pela Editora Clima; 2ª edição em 1998, pela Editora RN Econômico; 3ª edição em 2014, pela Editora Sarau das Letras e, finalmente, em 2018 chega a 4ª edição pela Editora Bagaço. Para esse estudo, usaremos a edição de 2014.



O presente trabalho tem o objetivo de fazer uma análise do conto “As dos Santos” publicado no livro de contos supracitado, o qual revela nessa trama a história de uma família do interior – tendo como personagens: o professor Sizenando e suas três filhas – além de Quitéria (uma vizinha ativamente disposta a falar da vida dos outros) e o caixeiro viajante Abdias.

No conto em estudo, diversos estereótipos são postos à tona, isso devido ao fato das filhas do professor estarem à espera de um casamento. A sociedade da época tratava isso com maus olhos e no desenrolar do conto uma das filhas – Mariquinha – consegue um pretendente, mas é abandonada próximo do período do casamento. A noiva além de ter sido rejeitada sem explicações, esperava um filho em seu ventre e com medo de tudo que lhe pudesse ocorrer, abortou propositalmente.

Os textos de Manoel Onofre são bastante descritivos, o que permite ao leitor ter uma dimensão clara do espaço, da realidade local, da cultura e do objetivo reflexivo de cada conto. Isso revela uma característica do contexto literário regional. As temáticas são plurais com misto de folclore, credices, tradições, conversas de calçada e símbolos claros da cultura nordestina. Além das várias edições, os contos ganharam uma versão adaptada para o teatro em 2012; trabalho realizado pelo ator e teatrólogo Lenício Queiroga.

1. O conto na literatura regional

A literatura tem como um de seus gêneros o conto, que possui semelhança na essência e narrativa tanto com a novela quanto com o romance, sendo estes seus parentes literários mais extensos. Mesmo com alguma similaridade, as demarcações do conto são mais objetivas, por conter uma unidade dramática fazendo-o identificar em um texto curto o seu principal objetivo.

As diversas teorias lançadas para explicar a origem do conto perpassam a colonização do Brasil com os portugueses e chegam à pré-história da Índia tida como o nascimento do povo indo-europeu. Theodor Benfey, em 1859, afirma que os contos da Índia teriam emigrado para o oriente no século X d.C. Conforme Massaud Moisés explica:

Como “forma simples”, o conto entrincharia do folclore, aproximando-se da fábula e do apólogo, ou no universo das “histórias de proveito e exemplo”, do mundo de fadas, da carochinha, e continuaria a ser cultivado mesmo depois do XVI, pela mão de La Fontaine, Irmãos Grimm. E como “forma artística”, o conto seria literário propriamente dito, por apresentar autor próprio desligado da tradição folclórica ou mítica para colher na atualidade os temas e as formas de narrar. Sublinhe-se que o conto, seja como forma simples, seja como “forma artística”, gravita ao redor do mesmo núcleo estrutural (MASSAUD, 1967, p.33 – destaques do autor).

Aos quatro cantos do mundo, os contos foram ganhando seus admiradores. No Brasil, temos Machado de Assis, autor que recebeu grande prestígio em contos como, “A Cartomante” e “Missa do Galo”, dentre vários outros. Além de Machado, diversos autores também obtiveram reconhecimento através de seus contos como Monteiro Lobato, Carlos Drummond de Andrade e Clarice Lispector.

O regionalismo é uma das marcas da ficção brasileira e surge como movimento literário presente em diversos momentos históricos e gêneros e no conto não poderia ser diferente. Este recebeu



representatividade no período denominado Romantismo (século XIX) e enfatizado na segunda fase do Modernismo, na década de 1930. A cultura de um povo passou a ser contada nos romances, característica pela qual os contos se assemelham, mostrando as realidades presentes no espaço demarcado pela história. Nesse cenário, as obras de José de Alencar tornam-se referência no âmbito de regionalismo no Romantismo contido em *Iracema* (1865), *O Guarani* (1857) e também *A viuvinha* (1857).

Para Araújo (2014, p. 204), “o regionalismo passa a ser visto como fator decisivo de autonomia literária”. Será a partir desse movimento que os problemas nacionais passaram a ser identificados por todo o país. O Nordeste ganhou notoriedade a partir da obra – *Vidas Secas* (1938) de Graciliano Ramos – na qual o autor fez críticas sociais, explorou as situações de esquecimento político e as consequências da seca no sertão nordestino, a miséria somadas à fome e a falta de atitudes diante do poder público para combater tal realidade.

Na literatura potiguar, o escritor Manoel Onofre Junior segue essa tradição regional em seu livro de contos *Chão dos Simples*. Além de Onofre, temos Eulício Farias de Lacerda na obra *As filhas do Arco-Íris* (1980):

As filhas do Arco-Íris é um romance genuinamente nordestino, de grande riqueza lírica, onde o humor e o grotesco se somam para oferecer um quadro de acentuada beleza expressional. A autenticidade do texto de Eulício Farias de Lacerda valoriza seu livro como um dos romances modernos de mais forte cunho regional. É possível que um leitor brasileiro do extremo sul, por exemplo, sinta na sua leitura a mesma dificuldade que nós sentimos ao ler uma página da literatura gauchesca (MELO, 1981 p. 27).

O regionalismo no campo da literatura, dentro do gênero conto, deseja reafirmar a cultura de um povo sendo feito um recorte do espaço e do tempo, havendo um diálogo dominante entre poucos personagens e promovendo a diversas gerações um regaste histórico de manutenção ao legado cultural do povo.

2. As meninas dos Santos

A arte da palavra também associada aos saraus, trazidos ao Brasil pelos portugueses, foi por muitas décadas o entretenimento da sociedade brasileira, antes do rádio, da televisão e das redes sociais com a era tecnológica. A literatura era o principal atrativo ao divertimento popular. Na casa do professor Sizenando dos Santos, personagem do conto em análise, era na sala de estar que tudo ocorria. Junto a ele, suas cinco filhas faziam a diversão dentro e fora da casa, pois atraíam os diversos olhares e falácias quebrando o silêncio da pacata cidade ficcional Serra Nova, onde se passa a trama.

A ruptura do silêncio se dava por novas modinhas criadas pela família Santos, estas invadiam a rua quebrando a monotonia do local. As meninas que alegremente criavam junto a seu pai, poderiam inclusive ser vistas na época como “Moças vivedeiras”; a esta expressão cabem vários entendimentos como moças alegres ou moças vividas o que pode, nesse caso, representar um sentido pejorativo. Haja vista que o termo “vivida” pode ser associado a experiência de vida mundana – coisa que uma moça à época jamais poderia ter.

A cobrança do casamento para as filhas do professor Sizenando, além de ser social, é também pessoal, revelada pela frase “desgosto próprio”. Nesse contexto, a mulher ficar solteira era um destino ruim, não havia possibilidade de escolha, se compararmos a sociedade de hoje. A essa geração era como uma obrigação familiar e social para a mulher, quando atingia a idade reprodutiva, casar-se; àquelas que não eram cortejadas na “idade certa” cabia-lhes a solteirice em absoluto.



Segundo Teles (1993), é difícil encontrar estudos históricos que valorizem a posição da mulher e sua atuação perante a sociedade. Daí, nesse contexto interiorano a necessidade do casamento às jovens é como a busca da sua verdadeira missão terrestre ou mesmo uma virtude das escolhidas.

Nessa cobrança social surge a crença em apelar aos santos, no caso ao Santo Antônio, conhecido culturalmente como santo casamenteiro. Tal Santo aparece no conto como numa forma de socorro divino a cada moça ou como intercessor desta. A Santo Antônio dádivas como flores e/ou fitas coloridas são oferecidas como forma de lembretes, isso para que o santo arrume um marido à moça que com tanta presteza o agrada, venera e enaltece.

No conto referido, das cinco filhas, Mariquinha – a mais nova – é a única que consegue, segundo a narrativa, deixar o santo Antônio bem-humorado, trazendo-lhe um pretendente. Mesmo sendo a mais nova filha, tem-se a expressão de que ela não está mais na “flor da idade”, o que demonstra não ser uma moça tão jovem. Além disso, podemos identificar na trama que há um perfil de conduta, postura e idade para casar. Isso é de fato o estereótipo criado a mulher apta ao casamento.

Ao seu pretendente – Abdias – também não se demonstra grandes qualidades, é dada apenas uma expressão convencional para algo comum, normal, “rapaz apessoado”. Podemos observar desse modo que as cobranças sociais de perfis ao casamento não são as mesmas que a da mulher. O estereótipo masculino para o casamento não é muito questionado, o fato de os noivos se darem bem já seria suficiente para que haja o casamento, tendo em vista a escassez de pretendentes na pacata cidade.

Na literatura brasileira são inúmeras as obras que apresentam personagens solteironas. Em alguns casos o autor problematiza o contexto social em que as personagens se encontram. Podemos citar os romances *Macau* (1934), de Aurélio Pinheiro, *Fogo Morte* (1943), de José Lins do Rego e *Gabriela, cravo e canela*



(1958), de Jorge Amado. Em muitas situações, conformar-se com a solteirice era o mesmo que adotar o papel de figura sem valor diante de todos, estando perante uma reputação marginalizada. No romance *Macau*, a personagem D. Angelina busca fugir do rótulo de solteirona e casa-se com Joaquim Caetano mesmo sem haver sentimentos afetivos e “desde o primeiro dia do **consórcio** viu no marido apenas uma pobre alimária” (PINHEIRO, 2000, p. 118 – destaque nosso). O mesmo acontece com Mariquinha do conto “As do Santos”; busca fugir desse rótulo de “não escolhida” ou “sem valor”, mas não terá o mesmo “final feliz” de D. Angelina.

LÍVIA CONFESSOR DE LIMA (AUTORA) Graduada em Jornalismo pela UFRN (2015) e em Pedagogia pela UVA (2016). Professora da Rede Particular de Ensino. E-mail: liviaconfessor@gmail.com

MARIA APARECIDA DE ALMEIDA REGO (ORIENTADORA) Graduada em Letras pela UFRN (2006), doutoranda em Literatura Comparada (PPGEL/UFRN). Professora da Rede Estadual do Rio Grande do Norte. E-mail: cidinhaetras_ufrn@yahoo.com.br





(Fabião das Queimadas e Câmara Cascudo, na revista FON-FON, em 1922)

PRESENÇA DO NEGRO NA LITERATURA POTIGUAR (PARTE 1)

Thiago Gonzaga

A primeira manifestação literária afrodescendente de que se tem registro em solo potiguar deu-se com Fabião Hermenegildo Ferreira da Rocha, mais conhecido como “Fabião das Queimadas”, poeta de expressão oral e popular, que nasceu escravo em 1848, na Fazenda Queimadas, do coronel José Ferreira da Rocha, atualmente município de Lagoa de Velhos (RN). Fabião começou a cantar durante os trabalhos na roça e tornou-se tocador de rabeça, tendo adquirido seu instrumento ainda adolescente, com o apoio do dono, (segundo José Fernandes Bezerra, em “Retalhos do meu Sertão”, Fabião seria um filho bastardo do fazendeiro com uma escrava) que permitia e incentivava que ele cantasse nas casas dos mais abastados da região e nas feiras; dessa maneira conseguiu angariar algum dinheiro, que possibilitou comprar a sua alforria.

Analfabeto, Fabião criava inteligentemente seus versos, como o “Romance do boi da mão de pau”, com 48 estrofes. Suas composições apresentam traços dos romances ibéricos herdados da Idade Média. Fabião foi um tocador renomado em alguns estados da região nordeste, e tornou-se bastante conhecido à época, sobretudo em Natal, através do Dr. Eloy de Souza.

Referindo-se a Fabião das Queimadas, em seu livro “Panorama da Poesia Norte-rio-grandense”, Rômulo Wanderley conta o seguinte episódio:

“H. Castriciano e seu irmão Eloy de Souza, que muitas vezes a ele se referiu em suas famosas *Cartas Sertanejas*, de Jacinto Canela de Ferro, trouxeram-no uma noite à vila Cincinato, residência oficial do governador Ferreira Chaves e Governantes que o sucederam até 1942.



“Foi nessa noite que o poeta negro improvisou esta saudação ao então senador Eloy de Souza:

*“Seu doutô Eloy de Souza
Minha mãe sempre dizia,
Se o senhor não fosse rico,
Era da nossa família.”*

Em uma nota de pé de página, Rômulo Wanderley afirma: “Eloy de Souza não se envergonhava do sangue negro que lhe corria nas veias. Tinha consciência do seu valor, que superava a alvura de muitos brancos.” (1965,p.290). Rômulo Wanderley também diz no referido livro “Fabião nasceu em 1936”, fato descartado por muitos pesquisadores, inclusive o escritor Irani Medeiros, que publicou recentemente “Fabião das Queimadas – de Vaqueiro a Cantador”, onde afirma que Fabião realmente nasceu em 1928 e que a escrava com quem comprara alforria seria a sua prima em segundo grau e não sua sobrinha como dizem alguns.

Fabião das Queimadas morreu com 80 anos em 1928, e recentemente descobrimos que o seu falecimento foi noticiado nos principais jornais do país, à época, como, por exemplo, no “Jornal do Brasil”, do Rio de Janeiro, com a manchete “Um Grande Poeta Do Sertão” (23-07-1928), no Ceará, o jornal “O Ceará” destaca artigo de Leonardo Motta com o título “Fabião” (23-9-1928), em São Paulo, saiu nota no “Correio Paulistano” (06-07-1928). No Rio Grande do Norte, além de Câmara Cascudo e Eloy de Souza, o jovem escritor Afonso Bezerra também escreveu artigo sobre Fabião das Queimadas, em 28-01-1929.

Importante divulgador da obra de Fabião das Queimadas, Eloy de Souza (1873-1959), era irmão de Henrique Castriciano e Auta de Souza. Político, jornalista e escritor, Eloy dedicou-se às atividades político-partidárias, tendo sido Senador e Deputado Federal. Eloy de Souza registrou certa vez que os cantadores eram a

nota mais colorida das festas sertanejas e que Fabião das Queimadas “extraordinário negro velho, era um dos últimos”, deixando-nos entender que deveriam existir outros nomes de cantadores em sua época, inclusive os que “desafiavam” Fabião, como por exemplo, o famosíssimo Manuel do Riachão.

Luís da Câmara Cascudo, em artigo “Notas sobre o Escravo” para a revista Boletim do Ariel (RJ), em 1937, destaca que, para época era comum os escravos comprarem sua alforria pagando com seu próprio trabalho o preço afixado pelo dono e que Fabião comprou além de sua carta de liberdade, a da sua mãe, e como já dissemos, de outra parente, com quem ele viria a se casar. Cascudo também destaca que alguns escravos possuíam gados e paióis de farinha e milho que vendiam em época de seca, inclusive, às vezes, para os próprios donos.

O escritor Barreto Sobrinho escreveu texto no Jornal da Manhã (RJ), em 24-12-1937, destacando os seguintes versos feitos por Fabião na ocasião da morte de sua mãe:

*“Minha mãe era pretinha
Pretinha que nem quixaba
Mas assim mesmo pretinha
Cheirava que nem mangaba...”*

Henrique Castriciano (1874-1947), poeta, escritor, educador e político, notabilizou-se sobretudo como importante intelectual de sua época, tendo sido o primeiro Presidente da Academia Norte-rio-grandense de Letras. Auta de Souza considerada uma das mais ilustres poetas norte-rio-grandenses, nasceu em 1876 no município de Macaíba (RN), na época, principal centro comercial do Rio Grande do Norte, e faleceu em 1901, aos 24 anos de idade, vítima de tuberculose. Auta deixou alguns poemas divulgados em jornais e revistas locais e regionais e um livro publicado, “Horto”.



Os irmãos eram bisnetos de Francisco Pedro Bandeira de Melo, senhor de vastas terras e boa soma de gado na antiga região de Coité, hoje Macaíba. Esse bisavô dera em casamento sua filha Cosma Bandeira de Melo (não se sabe ao certo se ela era filha natural ou adotiva) ao seu brilhante vaqueiro, tido como negro, Félix José de Souza. Da união dos dois, nasceu Eloy Castriciano de Souza, pai de Eloy de Souza, Henrique Castriciano e Auta de Souza.



Dr. Carlos Peixoto, eminente Presidente da Camara, Dr. Eloy de Souza, deputado e o *outro eu* de S. Ex. e o illustre Senador Pa-raense Indio do Brazil, prestando-se à *doce violencia* de se deixarem photographar especialmente para *Fon-Fon*, na escada do terraco da Exposição. Em cima, de costas, Miss Robinson Wright conversando com o Conde de Selir. No primeiro degrau o Dr. Leitão da Cunha Filho (litterariamente conhecido por Tristan da Cunha) palestra com o Dr. Graça Aranha.

(O escritor Eloy de Souza, ao centro, na Revista Fon Fon em 1908)

Fabião das Queimadas, Auta de Souza, Eloy de Souza e Henrique Castriciano são, portanto, os primeiros registros, pelo menos de forma oficial, de afrodescendentes na literatura norte-rio-grandense.

THIAGO GONZAGA é escritor e pesquisador. Mestre em Literatura Comparada (UFRN), especialista em literatura e cultura do Rio Grande do Norte (UFRN). Autor dos livros “Presença do Negro na Literatura Potiguar”, “Os Grãos- Ensaio sobre Literatura Potiguar Contemporânea”, dentre outros.

VINGT-UN ROSADO: HOMENAGEM DOS BIBLIOTECÁRIOS, LIVREIROS E EDITORES DO RN

Paulo de Tarso Correia de Melo

Pronunciar o nome de **JERÔNIMO VINGT-UN ROSADO MAIA** na abertura solene da Semana Nacional do Livro e da Biblioteca é honroso para quem quer que o faça. Tentar fazer-lhe uma “apresentação” em qualquer espaço do Rio Grande do Norte seria pretencioso e descabido. E por cima de tudo não seria fácil. A esta altura de sua vida, o Curriculum do Professor Vingt-un conta uma centena de páginas. Como escolher o mais representativo? Em uma ocasião como a de hoje só se pode falar dele por atacado. Quem tentar o varejo, cai no estudo crítico.

O motivo pelo qual recebe agora a homenagem dos bibliotecários, livreiros e editores do Rio Grande do Norte é ser o editor de uma coleção que já tem 2.332 títulos publicados, a Coleção Mossoroense.

Vingt-un Rosado, mossoroense como a coleção, é engenheiro-agrônomo pela Escola Superior de Agronomia de Lavras. É autor de uma bibliografia de 300 títulos, recentemente catalogada. Foi Professor Fundador de 3 faculdades e idealizador da Universidade Estadual do Rio Grande do Norte. Foi duas vezes Diretor da Escola Superior de Agronomia de Mossoró, sendo, na segunda vez, o primeiro Diretor Eleito. É Professor Emérito da ESAM e Professor Honoris Causa pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

Integrou o Conselho Estadual de Cultura. É membro de 4 academias em dois estados da federação, tendo sido criador e ex-presidente de 2 delas, a Academia Norte-rio-grandense de Ciências e a Academia Mossoroense de Letras. A Academia Norte-rio-grandense de Letras e a Academia Cearense de Farmácia são as



outras duas. É membro do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte e de mais 4 outros pelo Nordeste afora, no Ceará, Pernambuco e Paraíba. Integra cerca de 40 sociedades científicas nacionais e internacionais nas diferentes categorias de sócio fundador, honorário, benemérito, contribuinte e correspondente. É sócio fundador, honorário e Ex-Vice-Presidente da Sociedade Brasileira de Paleontologia, Ex-Presidente da Sociedade Botânica do Brasil e Ex-Vice-Presidente da Sociedade dos Amigos do Museu Nacional. Tudo isto não é tudo, mas falando por atacado é um bom carregamento. Pode ser que em mais duas folhas de prosa eu possa escolher no varejo o que mais me agrada e fascina em Professor Vingt-un.

Da pouca poesia que publiquei, tem que haver, pelo menos, uma meia dúzia de linhas das quais sinta orgulho. É o caso de algumas do poema Planck recentemente incluído em antologia nacional.

*Perdido e ignorado na urdidura
da imensa tapeçaria do universo
há um fio frágil que (...)
associa distantes aventuras,
carretel de crioulas ariadnes
une retalhos dispaes, costura
em túnica inconsútil os acasos
impossíveis (...)*

O que estou querendo dizer é que este fio frágil une todos nós que estamos nesta sala na condição privilegiada de contemporâneos de Vingt-un Rosado. E quero dizer mais. Quero dizer um mínimo de como se associam nossas distantes aventuras, a dele e a

minha, com a humilde felicidade e consciência pessoal de que não são distantes apenas em tempo e espaço, mas principalmente em volume, importância e valor, embora insistindo que se associam de alguma forma inesperada e afetiva.

A primeira vez que ouvi falar em Vingt-un Rosado, andava eu pelos treze anos. Um colega do grêmio literário, no qual intentávamos editar um jornal, falou que precisaríamos ouvir alguém mais velho e anunciou que receberíamos a visita de um cientista. Veio e era. Era Antônio Campos e Silva e ele falou em Vingt-un. Pouco mais velho que qualquer um de nós, nos causou uma funda impressão. Mas nós só queríamos saber de literatura.

Pelos dezoito, já na Universidade e colaborando na Tribuna do Norte, reencontro Campos, ele e eu funcionários do Departamento de Documentação e Cultura da Prefeitura Djalma Maranhão, Campos já ligado ao Instituto de Antropologia da UFRN. Conversaríamos muito e ele continuava a falar em Vingt-un.

Alguns anos depois, recém-graduado, parto para uma pós graduação nos Estados Unidos. Lá, numa noite que quase trinta anos de distância me fazem parecer gelada e solitária, recebi a notícia do acidente que vitimara Antônio Campos e Silva. Com que emoção vi agora, na Antologia sobre Vingt-un, a mensagem de Newton Navarro também nosso colega da D.D.C., na época do ocorrido. Ele falava da “homenagem à memória do nosso campinho” e grafava assim, com letra minúscula. Campinho era mesmo um campo vasto, florido de possibilidades. Não sei se de nossas conversas sobrou-me um fascínio ignorante por arqueologia e paleontologia no que chamo meus poemas. A primeira publicação deles chama-se Talhe Rupestre. Associo também a esta convivência com Antônio o fato de que, no currículo de Professor Vingt-un, a homenagem que me pareceu definitiva foi haverem batizado com seu nome 7 espécimes fósseis, todos com aquela sonoridade poética e alatinada de seu sobrenome Rosado, lembrando rosa-ae da primeira declinação. Encanta-me igualmente a poética humildade da declaração de



Ving-Un em um autorretrato: “Tive a sorte de encontrar a 1ª folha fóssil de Mossoró e o 1º peixe”. Não estranhem o meu encanto. Toda vida que ouço falar em Lajedo da Soledade, penso, imediatamente, que seria belo título para um livro de poemas.

Em um artigo incluído na Antologia sobre Vingt-un, registra Antônio Campos e Silva: “Uma pedra apanhada por um tropeiro na Serra Mossoró que gentilmente enviou ao Dr. Price, foi reconhecido um quelônio fóssil, o segundo mais antigo do mundo.” Parece até que devo a Campos, e de certa forma a Vingt-un, a quadra que dá título ao meu segundo livro.

*Na longa história enfeixada
na menor pedra que guarda secreta
biografia do planeta
o poema aguarda.*

Porque não quis ser um advogado parnasiano e terminei um pedagogo vitimado pela literatura, há outro aspecto na trajetória de Vingt-un que me entusiasma. Quando Presidente do Instituto Brasileiro do Sal, além de empreendimentos importantes para a área, instalou e fez funcionar 6 escolas primárias em cidades salineiras pelo Brasil afora; 4 no Rio Grande do Norte, 1 no Ceará e 1 em Sergipe.

O lado humano de Vingt-un Rosado, sintetiza-se em um parágrafo da prosa inigualável de Osvaldo Lamartine, em artigo pitorescamente intitulado “Soldado padioleiro nº 494.”

“Quando veio a guerra, muitos fomos convocados e o cuidado e capricho de cada um era “caprichar na pontaria”. Mas ele pensou nos que iam levar os tiros e foi ser o soldado padioleiro nº 494 da Campanha Escola de Engenharia (Ouro fino, Três Rios e Deodoro). E de lá para cá nunca mais soltou os punhos da padiola, voluntário carregador dos sonhos e problemas de nossa terra e

gente.” Mas isso não é tudo; à página 70 do curriculum, encontro a revelação: “Os vencimentos do soldado padioleiro 494, da Companhia Escola de Engenharia, em Deodoro, Estado do Rio de Janeiro, eram entregues ao Sargento Inácio, para compra de livros destinados à Biblioteca da Companhia.”

Senhoras e Senhores, este é Vingt-un Rosado. O “fio frágil que associa distantes aventuras” faz com que esta semana seja também lembrado o cinquentenário de ausência de Monteiro Lobato, editor heroico como Vingt-un, que certamente divulgou nas bibliotecas infantis criadas em Mossoró a obra infanto-juvenil do genial paulista. Outra coisa os aproxima. Lobato é o apóstolo do petróleo brasileiro como Vingt-un o foi no chão mouroense, hoje a segunda área produtora do país.

Não desconfiem, portanto, de Max Planck, da quase mística teoria quântica, do meu “fio frágil que aproxima distantes aventuras”. Querem ver?

No Auto-Retrato, Vingt-un declara: “Alfabetizei-me aos 8 anos, aluno de De Lourdes Leite.” Descubro maravilhado que De Lourdes Leite, lúcida aos 86 anos, é nada mais nada menos que minha sogra, que estou hospedando no momento. Ex-aluna de Eliseu Viana na Escola Normal de Mossoró, começou bem alfabetizando Vingt-un Rosado, e formou os quatro filhos, três dos quais professores da UFRN.

Estou certo que nenhum dos bibliotecários, livreiros e editores aqui presentes, negará a Vingt-un Rosado a emoção de receber a placa comemorativa das mãos de sua primeira professora.

Vingt-un Rosado se diz um “trabalhador braçal da cultura.” Nós todos sabemos que é um gênio tutelar do conhecimento no Estado e no País.

Na placa de prata que lhe entregam hoje, insisti que gravassem três linhas de Castro Alves:

Bendito o que semeia
Livros... livros à mão cheia
e manda o povo pensar.

Elas podem até ter sido gastas com muita gente que não merece, mas ninguém as merece mais de que Vingt-un Rosado. É o seu poema preferido deve ser mesmo o livro e a América.

PAULO DE TARSO CORREIA DE MELO é poeta, escritor e ensaísta. Professor aposentado da UFRN. Membro da Academia Norte-rio-grandense de Letras. É autor de vários livros, dentre eles “Talhe Rupestre” e “Livro de Linhagens”.



UM CAVALHEIRO DESGARRADO DO SÉCULO DEZENOVE

Francisco Sobreira

Foi como leitor o meu primeiro contato com João Wilson Mendes Melo. Durante alguns anos ele escreveu em O Poti artigos sobre livros e autores, apresentados num estilo elegante, mas privilegiando uma linguagem simples, sem atavios, sem o pedantismo dos termos “difíceis”, ou dos estrangeirismos tantas vezes dispensáveis, nem o vício de alguns críticos de exibirem erudição amparados nas muletas alheias; enfim, uma escrita para conquistar a adesão do leitor, principalmente daquele menos letrado.

Eu também escrevia no mesmo jornal (sem a mesma assiduidade dele) e houve um domingo em que aconteceu de os nossos textos serem trocados - o de João Wilson saiu com o meu nome, o meu com o seu nome. Hoje vejo esse acidente tipográfico, que não era incomum, bem como os erros de revisão, nos jornais natalenses de décadas passadas, como se fora uma premonição de cruzamento de nossas vidas em um futuro próximo. E não muito tempo depois conheci João Wilson no lançamento do seu livro A Cidade e o Trampolim, ocorrido na sede do Instituto Histórico e Geográfico. A formalidade e um certo cerimonialismo desse encontro inicial não me impediram de confirmar em João Wilson o cavalheiro que eu imaginava.

A passagem dos anos e com eles os encontros esporádicos e rápidos na Poty Livros acabaram por dar início à nossa amizade. E durante uns quatro anos nos reunimos semanalmente na praça da alimentação do Hiper Bom Preço. A diferença de 21 anos entre nós nunca foi um empecilho para nos comunicarmos, mesmo levada em conta a preferência de João pela literatura do século dezanove, estendendo-se pelas primeiras décadas do século seguinte,



e de maneira especial a estrangeira. Desses papos eu fui o único a lucrar, aquele que deles saiu mais enriquecido no eterno aprendizado da literatura, seja como leitor, seja como criador.

Uma vez eu aludi àquele que é, provavelmente, o mais célebre cacófato da literatura de língua portuguesa, cometido por Camões naquele belo soneto, logo no primeiro verso, “**alma minha** gentil que te partiste” - **maminha**. Pois o João me apontou outro cacófato, e o fez recitando todo o poema. Pra mal dos meus pecados, esqueci de anotá-lo, do que me arrependo até hoje. (De repente me vem à lembrança um personagem do romance *Os Novos* (1971), do mineiro Luiz Vilela: um professor de Português apelidado pelos alunos de Alma Minha Gentil, por ser um feroz tiete de Camões, especialmente desse soneto.)

Vi naqueles encontros a revelação de outros Joões: o João da indignação, a voz alterada, a face até mudando de cor, ao lembrar o perverso assassinato pelos esbirros do regime militar de Luís Maranhão; o João condoído pelo alcoolismo subjungando Navarro e o poeta Abner de Brito, amigo de seu pai, que um João adolescente conheceu; João dotado de senso de humor (sim senhor!), inclusive na função de contador de anedotas até picantes. Destaco um exemplo, que se refere a um poeta aqui da terrinha, há muito falecido, que um dia declarou para quem quisesse ouvir que iria se sodomizar, a fim de enodoar a família ilustre à qual pertencia. Como todo mundo, eu conhecia essa história, mas ignorava o seu desfecho, que me foi relatado pelo João, com um sorrisinho safado. Segundo ele, na hora do vamos ver, do com quantos paus se faz uma jangada, no que se deparou com o calibre da arma do outro, o “poeta maldito” o que deu foi às de vila-diogo. Inventou uma desculpa, propôs uma outra ocasião, que só ocorreu no Dia de São Nunca.

Mas esses encontros se acabaram, como tudo na vida tem fim, o próprio Bom Preço não existe mais. E por minha culpa. Nem mesmo sei por qual motivo, deixei de comparecer aos encontros, João chegou a me telefonar um dia, querendo saber se eu



estava doente, o que afinal tinha acontecido. Parece-me ter alegado que estava detestando o ambiente, com o barulho das pessoas, algum outro incômodo mais, ele propôs nos reunirmos em outro lugar, fiquei de dar uma resposta, mas contra os meus princípios de sempre honrar a palavra empenhada, acabei não retornando o seu telefonema. Coisas - e a somente elas posso atribuir minha atitude - em quem o limiar da quadra da velhice começa a pesar com os seus múltiplos e variados efeitos.

Os últimos anos de João, conforme informações obtidas de um amigo e seu par na ANLR, o davam como muito doente, sem reconhecer mais as pessoas; o que me desencorajava mais ainda a lhe fazer uma visita, inútil para ele e dolorosa para mim. Preferi lembrar os nossos encontros que duraram tão pouco. Sempre lamentei que a amizade entre duas pessoas com uma tão grande diferença de idade, como a de um mestre e um discípulo, ou, talvez, de um pai e um filho, acontecesse tão tardiamente. Ainda assim, retirei desse convívio o que de melhor João Wilson Mendes Melo tinha a oferecer como homem e intelectual.

Manoel Onofre Junior o definiu como uma figura desgarrada do século dezenove. Um tiro certeiro, para usar uma linguagem cara ao nosso Presidente.

FRANCISCO SOBREIRA é poeta e escritor. Autor de “A Morte Trágica de Alain Delon” (1972), “A Noite Mágica” (1979), “Não Enterrarei os Meus Mortos” (1980), “A Venda Retirada” (1999) e “Infância do Coração” (2002), dentre outros livros.



TRISTÃO BARROS

Jurandyr Navarro

Nascido no Sítio “Barroca Funda”, município de Santana do Matos, em data de 21 de janeiro de 1896. Seis anos adiante a família muda-se para a Fazenda “Lágea Formosa”, em São Rafael. Seus pais: Luís Martins de Oliveira Barros e Isabel Martins de Macêdo Cabral Barros. Esposa: Severina Galvão Barros. Casamento, em fevereiro de 1927. Filho único: Genivaldo Barros.

O falecimento de Tristão ocorreu quarenta anos após seu nascimento. Breve existência, porém, elevada nos seus propósitos de natureza social, moral e ética.

O texto que se segue faz referência, *pesumma*, ao livro intitulado: “Da Serra ao Sertão: Escritos de Tristão Barros”, cujo conteúdo insere matéria do biografado e também importantes apreciações, reflexões e análises introdutórias de escritores letrados, pelos nomes identificados: Eva Cristina Arruda Câmara Barros e Jaelson Wesley de Medeiros Batista, seus Organizadores. Inclua-se, também, como participantes de textos Edilma da Silva Cortez, Mário Lourenço de Medeiros e Mayara Costa Pinheiro.

Embora vivesse poucos anos, Tristão soube preenchê-los de meritória riqueza humanística, na órbita do trabalho, da moral e da cultura. Nesse cenário vivencial cuidou, em hora certa, da sua instrução formal, tendo estudado na escola “Santanense”, em sua terra de origem, e, após, no “Ginásio Diocesano” de Natal, embrião do Colégio “Santo Antônio”, conhecido mais como Marista.

Em seguida, foi para Recife, sendo aprovado no exame vestibular, para o Curso de Farmácia, concluído em 1923, tendo sido o Orador da Turma.

Por coincidência, nesse dito calendário, fora iniciado o curso de Farmácia, em Natal, criado pelo então governador Antônio José de Melo e Souza, tendo dois diplomados, em 1925, Álvaro Torres Navarro, natalense, e José Almeida Júnior, paraibano. Dados colhidos do livro da autora Maria Célia Ribeiro Dantas Aguiar (1).

Transcorrida a sua formatura, Tristão Barros, instalou-se em Campo Grande (RN), na Farmácia que intitulou-se “Triumpho”. Dois anos depois, transferiu-se para Currais Novos, continuando, por mais um tempo, exercendo a nobre profissão abraçada, tendo sempre se comportado um conceituado farmacêutico.

Compartilhando com o proceder profissional, dividiu o tempo com a afeição devotada à arte literária, escrevendo para a Revista “Ninho das Letras” e para os jornais “Porvir” e “Galvanópolis”. Seguiu, à risca, o aconselhamento de Gustave Flaubert: “Trabalhe, trabalhe. Escreva, escreva, o quanto puder, o quanto sua musa possa-lhe arrebatat”.

Decorrido um período dessas atividades, já que era possuidor de uma mente inquieta, como reflete a psicologia de suas ações, encerrou, em definitivo, a sua nobre missão na área medicinal.

O espaço literário continuava aberto à sua fértil inspiração. Neste, escrevera: “Rabiscos”; “O Filho da Serra”; “Perfis”; “Cartas da Serra”; “Pequenas Lapuadas” e outros assuntos.

Em dado momento Tristão Barros, passa a trabalhar no Cartório, exercendo o responsável cargo de Escrivão. Dotado de um entendimento ansioso, dificilmente quedava-se contemplativo. Era ela, a sua inteligência, adaptável a múltiplas aptidões.

Para Cícero, a sabedoria não se basta paralisada, é preciso utilizá-la.

Nos seus “Epigramas”, acentua Martial: “Não é sabedoria afirmar “Viverei”. A vida de amanhã vem muito tarde. Viva hoje”.

Nesse sentido, ratifica Santo Agostinho: “O mundo é um Livro e quem fica sentado em casa só lê uma página”.



Tristão Barros, então, exerceu esse mister de ordem jurídico-legal. E o fez, plenamente, o ofício de Tabelião, por um intervalo de tempo, obedecendo ao imperativo impulso de sua esclarecida consciência.

Em determinada data, forçado por dever familiar, deixou o Cartório, retornando à inicial vida de agricultor. Contudo, jamais afastou do seu entendimento, a sua preocupação maior: a Política, comprovando a sentença aristotélica, a qual proclamava “ser o homem um animal político”.

Tal preocupação, ele já visualizava, de forma implícita, nos seus escritos.

Nessa nova jornada solitária, de fazendeiro intelectual, reclamava, dia e noite, a quem o ouvisse, em diálogos orais e escritos, através de conversações e cartas, com amigos conhecidos e outros, através de jornais, em defesa dos mais necessitados “pagadores de impostos injustos, atingindo os mais desamparados”.

Tais reclamações, apelos e libelos, continuados, sensibilizaram parcela considerável da população, responsável pela sua indicação para Prefeito, cuja vitória foi prestigiada pelo Governador de então, Raphael Fernandes, em 1936, ano do falecimento do empossado.

Tal triunfo eleitoral coroou uma vida, toda ela repleta de preocupações e afazeres de ordem técnico-social, visante à sorte de uma coletividade necessitada, retrato de uma época de conturbação política, que foi a chamada “Era Vargas”.

Tal, preocupações, de caráter político, recorda a postura de Manoel Rodrigues de Melo, incluindo o interesse cultural, no seu “Ensaio de Ecologia Regional” (2), o qual exibia, no seu entender, as três fortes tendências literárias dos habitantes desse rincão potiguar: a poesia, história e estudos econômicos-sociais. Dizia: “Enquanto o intelectual litorâneo, tende mais para a poesia, a pintura, o sertanejo preocupa-se com os temas sociais e econômicos”.

Daí, com certa razão, o apego mais arraigado pela Política, pelos seridoenses, oestanos e outros da região campestre, preocupados com

a vida dos irmãos e pela terra agricultável, sujeita mais aos caprichos da mãe-natureza, em regiões mais assoladas do que chuvosas.

De sua viva ação política provém o interesse pela economia da região, como de sua vivência social.

O efeito dessa reflexão advém, através o registro histórico, ser o maior número dos políticos governadores, nascidos em terras interioranas, em comparativo aos do litoral, no Rio Grande do Norte, desde o advento da República brasileira: José Augusto, Juvenal Lamartine, José Varella, Dix-Sept Rosado Maia, Dinarte Mariz, Aluizio Alves, Walfredo Gurgel, Cortez Pereira, Tarcísio Maia, Lavoisier Maia, José Agripino, Rosalba Ciarlini e outros, provam, em alto relevo, essa assertiva.

Tristão Barros teve sempre a sua atenção direcionada para assuntos sérios e sérias ocupações. Dificuldades as vencia pela inabalável força de vontade, jamais ausente do seu espírito. Cada obstáculo vencido, encorajava-o a transpor outro obstáculo, tornando toda vitória, o prelúdio de uma nova vitória!

Qual a razão do seu retorno à primitiva vida rural? Foi dito, anteriormente, nesta narrativa, ter sido por interesse familiar: Sim. Por inventário, adquirira novo imóvel.

Mas, tal resolução foi a sua preocupação dominante, no mais profundo da sua consciência? Ignorabimus!

A sua alma o induziu ao recolhimento, ao silêncio da solidão?...

Afirmam os entendidos ser a solidão a ambiência fortalecedora espiritual.

Essa sua volta aos ares campestres, lembra certa passagem da vida do escritor norte-americano, Henry David Thoreau, que construiu uma cabana ao lado do lago Wolden e lá viveu dois anos. Seu livro, “Wolden”, revela “um estudo sobre a vida simples e autossuficiente, exalta os benefícios da solidão e da experiência direta com a natureza”.



Em tempos passados, Lacordaire, na sua visita ao Arcebispo de Paris, Quélen, foi-lhe, por este, recomendado momentos silenciosos de meditação, a fim de fortalecer-lhe o espírito. Disse-lhe o então dirigente católico: “Precisai de um novo batismo”. Foi-lhe então sugerido o recolhimento, que o preparou, indiretamente, depois, para as notáveis Conferências de **Notre Dame**, por todos aplaudidas e admiradas.

Na sua “Paidéia, a Formação do Homem Grego”, Werner Jaeger, relata que o heleno Xenofonte, embora de origem cidadina, foi atraído pela atmosfera campestre. Aduzia: “O mundo rural já tem plena consciência do seu próprio valor e sente-se capaz de representar, na esfera da cultura, um papel não desprezível. Sem exagerar a importância do seu mundo, sente-se seguro de si e, embora não pretendemos generalizar, o fenômeno do agricultor, entregue a tarefas literárias, é invejável que a obra de Xenofante, a que nos referimos, vê no campo a raiz de todo humanismo”.

Em relação a essa ambiência salutar, alude La Bruyère: “O mundo, é para aqueles que povoam as cidades; a natureza, é somente para aqueles que habitam os sertões, só estes vivem, pelo menos, sabem que vivem”.

Beethovem, às vezes, repetia: “Nos campos, parece-me ouvir cada árvore dizer: “Santo! Santo! Santo!”

Nesse deleite de clima tropical aprazível, para corpo e espírito, ouve-se a carícia auditiva do ciclar das brisas nas folhagens, o trinar dos pássaros, o murmúrio das fontes, que induzem à suavidade musical e ao encantamento poético.

Tristão Barros, no seu retiro, aproveitou momentos de laser do terraço de sua moradia, e, certamente, contemplava a suavidade das noites claras, ao som mavioso do seu violão, instrumento musical por ele usado desde jovem.

A alma sertaneja foi sempre enamorada dos acordes pronunciadores de cantos e recantos ao luar, despertadores da musa encantada, à vibração sonora das cordas do violão.

No final de sua existência, exatamente no limiar do seu mandato de Prefeito, Tristão Barros, usaria métodos administrativos eficientes na sua gestão, iniciante que era, na área política? Não há dúvida! Preparado sempre esteve para desempenhar, com sabedoria necessária, cargos e funções, tais os por ele exercidos anteriormente.

Menino ainda, o seu genitor o escolheu, dentre seus dez irmãos, para o enfrentamento dos estudos escolares e final conclusão do curso universitário, numa época de precário acesso, em qualquer atividade, nas cidades adiantadas e distantes.

O seu pai acertou por ser conhecedor, íntimo, do seu comportamento e sensibilidade, por ele atentamente observados. A radiosa adolescência do filho esclareceu-lhe o entendimento.

“Luiz Martins percebeu
Que Tristão tinha valor.
Sem sentir nenhum temor.
E mandou para Natal
O menino sonhador”.

A citação acima, é da publicação poética, “Tristão Barros – A águia do Seridó”, do autor, “Mané Beradeiro”, “heterônimo” do intelectual e escritor, Francisco Martins.

A história dos povos, conhecida como o “arquivo do tempo”, relata casos em que a infantilidade de determinadas pessoas denuncia, bem cedo, a esperteza de uma inteligência, precocemente despertada.

Para efeito de elucidação, cito somente três casos: na sua “Eneida”, Virgílio, poeta pastoril, enaltece o juízo consciencioso do moço Ascânio: “(...) muito acima de sua idade, em coragem viril e equilíbrio da mente”.



Referindo-se a um certo jovem, em páginas de Apolônio, lê-se: “Um médico, adolescente pelo aspecto e velho pelo espírito”.

E por fim assinala Prudêncio, pensador cristão, do século IV, em relação à menina Eulália, de doze anos, cuja modéstia infantil imitava a sapiência dos avançados em idade: “Em seus costumes, excessivamente tenros, praticava a sabedoria dos velhos”. (Citação do escritor Ernest Robert Curtins) (3).

Tais pronunciamentos recordam, em substância, as atitudes e reflexões prematuras, do então adolescente Tristão Barros, pelo pai escolhido, dentre uma irmandade numerosa, para deixar a convivência campestre e estudar em Natal e Recife.

Tais ecos celestes, por outros ditados, também induziram Tristão Barros, na sua reflexão racional?

De certo que sim.

Dele o fizeram um cidadão de retidão profissional consciencioso, resultando as atitudes de prudência, caráter e socialidade.

Forçoso repetir, vivia-se dias agitados pela política ditatorial, agitados dias, de revolução, intentona e véspera da Segunda Guerra Mundial.

Tudo cogitava para incertos e tenebrosos acontecimentos, nesse clima tenso de regimes totalitários.

É natural e retratado pelo gênero humano, a exibição de classes, as mais distintas, uma das outras, no pensar, no agir e deliberar. É nelas que são diferenciados, principalmente, no proceder intelectual, os chamados níveis de aprendizagem.

Naturalmente uns mais dotados que outros. Tal variedade é marcante numa sociedade civilizada. Uns, mais inteligentes e outros, não tanto, porém, mais educados do que instruídos. A diversidade social é dominante.

Há, todavia, uns mais esclarecidos pertencentes a uma privilegiada categoria. São os que se adiantam prematuramente. Pertencem a uma restrita classe: a sua razão é mais lúcida, mais vigorosa a sua vontade e o sentimento mais generoso, por vezes. Neles, tais virtudes despertam na aurora da vida. A sua capacidade receptora, cuja luz radiante, abre-lhes de imediato o entendimento.

Tristão Barros, desde cedo, foi dotado desse impulso edificante, utilizando a inteligência e a vontade para conduzir o mandato do seu destino.

Encerro, a presente narrativa, de parte da trajetória existencial, de uma personalidade que soube modelar o seu comportamento societário.

A imagem da sua pessoa jamais será apagada da memória histórica rio-grandense-do-norte.

- 1) - “História do Ensino Farmacêutico do RN” – Editora Universitária – 1992;
- 2) – “Revista Bando – 1951” – Editora Sebo Vermelho – Natal;
- 3) – “Literatura Europeia e Idade Média Latina” – 1996 – Editora Hucitec – São Paulo.

JURANDYR NAVARRO é escritor, advogado e professor aposentado da UFRN. Ex-presidente da Fundação José Augusto, ex-presidente do IHGRN, membro da Academia Norte-rio-grandense de Letras. Autor de “Páginas de Verão”, organizou a Antologia do Padre Monte dentre outros trabalhos.



D. EUGÊNIO

Eulália Duarte Barros

Eugênio de Araújo Sales, nasceu no dia 08 de novembro de 1920, na pequena, limpa e linda cidade de Acari, no luminoso e misterioso sertão do Seridó.

O seu pai, o Dr. Celso Dantas Sales era o juiz dessa cidade desde 1918. Antes, por influência do Dr. José Augusto de Medeiros, que fora seu colega na Faculdade de Direito do Recife (turma de 1915), o Dr. Celso atuou nas cidades de Tefé, Labrea e São Gabriel de Cachoeira no estado do Amazonas, vindo para o Rio Grande do Norte em Acari.

Nessa cidade o Dr. Celso conheceu Josefa de Araújo (Teca), moça bonita, educada e prendada como são as moças do Seridó. Eles se apaixonaram, casaram e foram morar em um casarão chamado CATUANA (mais tarde quando Dom Eugênio começou suas obras sociais, ele deu esse nome “Catuana” a uma comunidade agrícola, no vale do Pium). Junto a Cadeia Pública, que hoje é o Museu de Acari. Desse casamento nasceram D. Eugênio, D. Heitor, Sílvio, Cleonice e Alaíde.

Em Acari viveu o início de sua vida pois o seu pai foi transferido para Nova Cruz, e depois para São José do Mipibu, terra e raízes da sua família.

Nesse período o Dr. Celso, já então Desembargador, vinha a Natal duas vezes por semana para as Sessões do Tribunal. Com o aumento das obrigações e atividades jurídicas, ele veio residir em Natal, até a sua morte em 1934.

D. Eugênio, já em idade escolar, foi matriculado no Colégio Marista que nesse tempo funcionava onde é hoje o Convento Santo Antônio, dos frades capuchinhos.



Vindo de uma família católica e na convivência em um colégio religioso, foram possivelmente elementos para o seu despertar sacerdotal.

Os seus pais não interferiram nem o incentivaram nessa vocação. Era dele, o desejo de ser padre.

Em uma entrevista à imprensa em Natal, ele declarou:

“Nunca me arrependi de ter feito a minha entrega”

Foi ordenado sacerdote no dia 21 de novembro de 1943, aos 23 anos de idade, no dia da Padroeira de Natal, Nossa Senhora da Apresentação, pelo então Bispo Diocesano D. Marcolino Esmeraldo de Sousa Dantas.

Em 1964, no dia 01 de junho, foi nomeado Bispo Auxiliar de Natal, sendo então o mais novo bispo do Brasil.

Quatro anos depois (1968) foi elevado Arcebispo Primaz da cidade de Salvador na Bahia, pelo Papa Paulo VI e logo após Cardeal. Em 1971 foi chamado a substituir D. Jaime de Barros Câmara, como Arcebispo no Rio de Janeiro.

A casa do Sumaré (residência oficial do Arcebispo) era frequentada por políticos de diferentes ideologias, empresários, intelectuais, artistas e tantas outras pessoas da comunidade ou visitantes de outros mundos.

Mantinha assim diálogos com diversos setores da sociedade para conhecer as suas realidades.

Em todas essas mudanças em sua vida de pastor, sempre se preocupou com o social e uma mudança na e da sociedade, e com as suas palavras, sem a ideologia comunista de classe contra classe, “sem ódio e sem derramamento de sangue”.

O que D. Eugênio desejava e trabalhava era para construir o que ele chamava: “uma rede de fraternidade”. Era olhar a condição humana dos menos favorecidos e os mais desvalidos na zona rural, e os problemas do campo.



Em 1948 criou o Serviço de Assistência Rural- SAR, que foi a célula mater para os outros movimentos católicos. Mostrou sempre a sua liderança nas mudanças do dia a dia da Igreja, em seu pastoreio.

Para ouvir opiniões que ele considerava importantes e abalizadas, reunia-se com o então Pe. Nivaldo Monte, Pe. Expedito Sobral de Medeiros, D. Manoel Tavares de Araújo para criar condições em novas formas de olhar a realidade do seu rebanho.

Criou o “Movimento de Natal”, que projetou para o Brasil uma ousada experiência de ação social. Desses movimentos ou ações, foi que nasceu a Campanha da Fraternidade, fruto de uma experiência vivida na Alemanha pelo então Pe. Heitor de Araújo Sales, em uma campanha de fraternidade feita pelos católicos daquela comunidade.

Começando em Natal, foi assimilada pela Igreja Católica de todo o Brasil, assumida em todas as dioceses do país.

D. Eugênio soube começar seu trabalho social com pequenos grupos e com ações correlatas e eficazes.

Daí seguiram-se as Escolas Radiofônicas, o Movimento de Educação de Base (MEB) a Juventude Operária Católica (JAC), a Juventude Escolar Católica (JEC) e a Juventude Universitária Católica (JUC) e um grande marco que foi a Escola de Serviço Social, com a criação das Colônias Agrícolas do vale do Pium e Punaú, deu oportunidade para os colonos fixarem na sua própria terra, a cultura de frutas, hortaliças e verduras e o aprendizado com famílias japonesas que ali vieram morar.

Valeu-se e apoiou os meios de comunicação, especialmente o rádio na e para a evangelização rural.

Natal foi a primeira Diocese no Brasil a criar um programa de educação básica por meio radiofônico. Essas Escolas Radiofônicas deram origem ao Movimento de Educação de Base (MEB), que foram motores do desenvolvimento não só de alfabetização de crianças e adultos, mas a consciência de suas humanas possibilidades.

Essas atividades foram dadas aos leigos que até então não percebiam que havia uma igreja ,(fora da igreja templo). Lá fora, onde a missa deveria transformar-se em missão.

D. Eugênio jamais prescindiu da imprensa, como afirma o Acadêmico Jurandyr Navarro em seu livro “D. Eugênio Sales e a imprensa”: usou-a inicialmente no jornal “ A Ordem” (1935) e depois em jornais do Sudeste, por muito tempo. Porque a família para ele era o alicerce da sociedade.

O Movimento Familiar Cristão (MFC) foi criado para registrar a vida da família e a sua importância na formação dos filhos. Em um mundo secularizado no qual os valores materiais se sobrepõem aos espirituais, o clima doméstico é de suma importância. Cabem aos pais preservarem e incentivarem os princípios morais, fundamento de uma sociedade.

Para D. Eugênio o futuro do mundo e da igreja, passa através da família.

Um dos grandes acontecimentos eclesiais foi a realização do IIº Encontro Mundial do Papa João Paulo II com a Família, no Rio de Janeiro, nos dias 2 a 5 de maio de 1997, com o tema: “A Família, dom e compromisso, esperança da humanidade”

E foi precedido pelo Congresso Internacional da Família, no mesmo ano, onde casais vindo de diversos continentes confirmaram presença.

Publicações sobre a vida e a obra de D. Eugênio existem em vários segmentos da sociedade e clero brasileiro. Muito se tem ainda para falar sobre a pessoa e a obra de D. Eugênio, o que certamente será feito no seu centenário no novembro próximo.

Para mim, ele foi não só um sertanejo, um cidadão, um padre, um cardeal.

Ele foi um homem de Deus.

EULÁLIA DUARTE BARROS é escritora e professora aposentada da UFRN, autora de “Verdes Campos, Verdes Vales” e outros livros. Membro da Academia Norte-rio-grandense de Letras.



ROMANCISTA NA PRAÇA

Manoel Onofre Jr.

O escritor mossoroense David de Medeiros Leite estreou nas letras com o livro “Companheiro Góis - Dez Anos de Saudades” (Mossoró: Coleção Mossoroense, 2001), obra evocativa e reveladora de um personagem singular. Vieram depois “Ombudsman Mossoroense”, artigos e crônicas (Natal: Sebo Vermelho Edições, 2003) e “Incerto Caminhar”, poesias (Mossoró: Sarau das Letras, 2009) de permeio com dois outros livros em parceria no campo da história regional e da biografia.

A partir de 2006, David de Medeiros Leite cursou o Doutorado em Direito Administrativo na Universidade de Salamanca, e de lá enviava colaboração para vários órgãos da imprensa mossoroense, inclusive a revista “Papangu” - crônicas depois reunidas em livro sob o título “Cartas de Salamanca” (Mossoró: Sarau das Letras, 2011).

Quando do lançamento deste livro, anotei em meu jornal literário o seguinte:

Se um estudante me pedisse para indicar-lhe um bom livro de crônicas, uma obra referencial no gênero, na literatura potiguar, eu indicaria este, sem nenhuma dúvida. Não digo que seja obra-prima, mas é Crônica (com C maiúsculo) na melhor expressão da palavra (“A Servidão Diária” - 2 - Natal: Sarau das Letras, 2015).

Alguns livros depois firmaram o autor mossoroense no cenário da literatura potiguar, como cronista e articulista de primeira linha, ao passo que suas incursões pela poesia nem sempre alcançaram o mesmo nível qualitativo da prosa.

“Casa das Lâmpadas” surgiu em 2013 (Mossoró: Sarau das Letras). Neste livro de crônicas, Mossoró está presente da primei-

ra à última página. Figuras, instituições, fatos e coisas revivem e ganham realce na prosa fluente de David de Medeiros Leite. São crônicas já publicadas, que o autor, em boa hora, achou por bem resgatar da transitoriedade do jornal. Perfis inúmeros, não só de notabilidades, como D. João Batista Portocarrero Costa, Mário Negócio, Francisco Souto Filho, João Batista Cascudo; também de personagens não menos importantes na história da cidade - Tenente Clodoaldo, Irmã Aparecida, Manuel Duarte, Zé da Volta.

Além do lado humano, outros aspectos são enfocados, como, por exemplo, verdadeiras “instituições” mossoroenses - o mercado velho, o Instituto Alvorada, o Hospital de Caridade, e algo da História local - “Os Carmelitas precursores de Mossoro”.

Feliz a epígrafe: “A vida é um assunto local” (Chaplin). Nada mais adequado para expressar o significado dessa coletânea de crônicas, livro que não deve faltar na estante de todo bom mossoroense.

Outra obra em destaque na bibliografia do autor intitula-se “Mi Salamanca - Guia de um Poeta Nordestino” (Edição bilíngue. Mossoró: Sarau das Letras\ Salamanca: Trilce Ediciones, 2018).

A leitura deste livro atçou-me a vontade de conhecer a legendária cidade espanhola.

David de Medeiros Leite, que estudou na famosa Universidade, orgulho de Salamanca, fotografa com muita acuidade, imagens emblemáticas dessa terra, em boa prosa. Como parceiro, José Amador Martin, ilustra a obra com fotografias de verdade. Belíssimas.

Comentários, informes e descrições atingem, por vezes, as raias da poesia. Alguns trechos, em última análise, são pequenos poemas em prosa.

O autor - ressalte-se - é também poeta, mas estas suas incursões na prosa poética não ficam nada a dever à sua poesia versificada, e até sob certos aspectos, chegam a superá-la em termos qualitativos. Curiosamente alguns trechos ganham musicalidade quando vertidos para o idioma espanhol. O tradutor, Alfredo Pé-



rez Alencart, professor e escritor, é nome de relevo na cena literária salmantina, e, também, editor.

Em 2020, David de Medeiros Leite aventurou-se pelo caminho mais largo da ficção com o romance “2020” (Mossoró: Sarau das Letras, 2020). Feliz experiência! Com efeito, apesar do título inadequado, “2020” é um bom romance. Seu enredo movimentado e bem urdido agrada não só aos leitores mais exigentes, mas também ao grande público. O livro tem de cara essa virtude.

A busca obsessiva de uma botija, que teria sido deixada pelos frades carmelitas, por volta da primeira metade do século XVIII, em uma fazenda de propriedade da Ordem, na ribeira do Upanema, proximidades de Mossoró: eis em suma a linha mestra da narrativa deste romance, com a qual se entrelaçam várias e sugestivas tramas.

O autor, por intermédio do narrador e principal personagem, finge escrever suas memórias, mas, na verdade, tudo que ele narra, ou quase tudo, é produto de sua imaginação. Ao contrário de muitos escritores, que escrevem memórias disfarçadas de ficção, David de Medeiros Leite reinventa a ficção em forma de memórias. Algumas figuras da vida real - Câmara Cascudo e Vingt-un Rosado, por exemplo - surgem em meio à narrativa, acentuando-lhe o tom memorialístico.

A linguagem do autor flui, espontânea e criativa, com base na oralidade. Vários outros aspectos merecem enfoque, nessa obra, mas não cabem num simples artigo, requerem um estudo mais aprofundado.

Fica o registro.

Que venham mais romances, com as mesmas qualidades deste, para enriquecer a nossa literatura, tão carente nessa área da ficção.

MANOEL ONOFRE JR. é escritor e desembargador aposentado. Autor de “Chão dos Simples”, “O Caçador de Jandaíras”, “Ficcionistas Potiguaras” e outros livros. Membro da Academia Norte-rio-grandense de Letras e de outras instituições culturais.

DORIAN JORGE FREIRE, UM JORNALISTA POTIGUAR.

Chumbo Pinheiro

Lembrar Dorian Jorge Freire é ativar a memória e visitar a história de um potiguar que inscreveu seu nome nos anais do jornalismo brasileiro e potiguar, bem como, nas nossas letras. Sua atuação de destaque na imprensa nacional reconhecida por todos que com ele conviveram é prova de sua contribuição para a imprensa livre, para a liberdade de expressão, para o combate à opressão e à censura, por sua luta pela justiça social.

Dorian Jorge Freire é um nome daqueles que não passam. Fica na memória e na história não só de sua cidade mas também do Estado onde nasceu e certamente em vários lugares desse país imenso por onde ele deixou registrada sua presença, atuando como jornalista nas redações de importantes veículos de comunicação na década de cinquenta e sessenta do século vinte ao lado de nomes como Samuel Wainer, Adalgisa Nery, Paulo Silveira, Sérgio Porto, entre outros.

Nascido no Rio Grande do Norte, na cidade de Mossoró, cedo iniciou suas atividades como jornalista. Encontrou no seio da própria família o ambiente que lhe proporcionou e apontou uma trajetória que orgulha todo potiguar; seu avô João Freire, jornalista no Ceará, onde fundou o jornal “O Jaguaribe”; seu pai Jorge Freire que em Mossoró fundou algumas revistas literárias.

“Ganhou o mundo” saindo da Mossoró amada indo morar no sudeste do país. Nascido em 1933, aos vinte anos de idade já estava em São Paulo trabalhando no Jornal Última Hora onde ao lado de grandes nomes da imprensa nacional atuava como uma das vozes mais eloquentes, escrevendo em sua coluna sobre política.

Além de trabalhar no Jornal Última Hora como repórter e colunista político esteve à frente do semanário Brasil, Urgente!



do qual foi um dos fundadores e dirigente ao lado do Frei Carlos Josaphat, Ruy César do Espírito Santo, Fausto Figueira de Melo, Roberto Freire. Também trabalhou com Caio Prado Junior na Revista *Brasiliense*. Destacado várias vezes para entrevistas com grandes nomes de projeção não só nacional como internacional como Aldous Huxley, Fidel Castro entre outros, Dorian atuou com a segurança dos grandes repórteres, com estilo e ética, com profissionalismo e com a nobreza que sua profissão exigia.

Durante mais de vinte anos viveu com a intensidade de quem ama o que faz, tendo se dedicado como poucos ao trabalho jornalístico no sul do país. Sua postura ética, sua dedicação, seu espírito de liberdade foram as bandeiras e não poderia dizer suas armas, tendo em vista que toda sua luta foi sempre pela paz entre os homens em uma pregação pela justiça social, tema tão caro àquela geração dos anos sessenta que exigia mudanças e reformas sociais, muitas das quais apoiadas por cristãos que seguindo as orientações da igreja tomavam para si a defesa dos pobres e oprimidos principalmente da América Latina com os quais muito se identificou Dorian.

Então ao assumir tal postura de defesa dos mais fracos, dos desassistidos, abandonados e esquecidos por aqueles que dominavam e exerciam o poder fez-se um jornalista combativo, militante das causas populares. E o ano de 1964 tornou-se o ano em que o véu da escuridão e do silêncio rondou sua vida. Fechado o Brasil, *Urgente!* e praticamente proibido de atuar Dorian sentiu o gosto amargo do abandono em terra que não era a sua, embora a amasse tanto quanto a sua querida Mossoró, recebendo durante aquele período o apoio de alguns poucos amigos entre os quais Alceu Amoroso Lima.

Ao retornar ao berço já nos idos de 1975, o filho pródigo disponibiliza sua experiência aos jornais do Rio Grande do Norte: *O Mossoroense*, *Tribuna do Norte*, *Diário de Natal*.

Seu amor ao jornalismo só não foi maior do que a dor de não poder continuar seu sonho de um Brasil, *Urgente!* Um Brasil

diferente, com justiça social, com menos desigualdade, com mais educação e saúde, mais respeito aos mais necessitados desse país. E assim comprometeu-se sua saúde. Debilitado por uma sequência de AVC's mostrou-se um gigante sempre em combate e não parava de escrever como se fora um guardião da palavra, um apóstolo moderno que se joga no campo, vestido com a couraça da fé e a proteção de sua Santa Terezinha do Menino Jesus.

Assim com o desvelo característico de sua atuação ao jornalismo foi além do repórter e fez-se também escritor sendo eleito para a Academia Norte-rio-grandense de Letras. Sobre seu livro *Veredas do meu sertão*, registrou Manoel Onofre Junior: “Dorian Jorge Freire escreve com objetividade e clareza. Escreve moderno. Frases curtas, incisivas. Períodos breves. Isto não é de surpreender: ele foi jornalista quase a vida toda e dos bons.”.

Sobre Dorian Jorge Freire, já como uma vivência, uma história no jornalismo nacional disse Vingt-Rosado: ele “era o grande gênio da raça mossoroense”.

Importantes também são as palavras de Ignácio de Loyola Brandão, membro da Academia Brasileira de Letras que trabalhou com Dorian no jornal *Última Hora*: “De toda a equipe do jornal, Dorian era quem mais lia. Um erudito sem pernosticismo, um bem informado, lúcido. Sua coluna *Revista dos Jornais* era a revisão diária do que acontecia na imprensa; ele se antecipou décadas ao inventar o ombudsman. Não tinha contemplação com o Estadão, todo poderoso, nosso rival, a quem mais combatia e não aceitava a linha do jornal.”

E mais sobre a pessoa de Dorian: “Era íntegro. Católico, admirava Alceu Amoroso Lima, o Tristão de Ataíde, com quem manteve correspondência. Lia Charles Maurras, François Mauriac e Paul Claudel. Tinha fé, mas não era carola.”

Note-se aí em poucas e breves palavras um pequeno resumo da grandeza deste potiguar. Sua história merece ser estudada



e contada pois ele atuou no jornalismo nacional em um período no qual se travaram grandes debates sobre as reformas de base no campo político, surgiram grandes movimentos culturais abrangendo a nossa música e a nossa literatura, sem falar nos campos sociais que marcaram a história do Brasil.

CHUMBO PINHEIRO é o pseudônimo de Luís Pereira da Silva. Escritor, licenciado e bacharel em História e bacharel em Ciências Sociais pela UFRN. Autor dos livros “O silêncio que habita”, “Uns Livros Potiguares” dentre outros.



THOMÉ

A IMPRESSÃO POÉTICA PICTÓRICA

Manoel Onofre de Souza Neto

O mestre Dorian Gray Caldas, em seu *Artes Plásticas do Rio Grande do Norte*, referência maior no registro e fonte privilegiada na catalogação da expressão artística potiguar entre os anos 1920 e 1989, apresentou Thomé com os seguintes predicados: “Artista por excelência. Da melhor cepa. Autêntico”.³

Nascido em Natal no final da década de 1930, em 05.12.1938, Thomé Soares Filgueira logo cedo se destacou na cena artística do Estado. Com 19 anos foi vencedor do concurso de artes realizado na Aliança Francesa de Natal em 1957, sob o júri formado por Newton Navarro, Dorian Gray, Alexandre Roche, Oscar Nogueira e Adeilde Miranda.⁴

Seguidamente, com passagem pelos Estados Unidos, onde expôs no começo da década de 1960, mais precisamente na Califórnia, deixou-se influenciar pelos artistas norte-americanos do início do século, todavia “sem nenhum vestígio do modernismo da megalópole. Abstração ou alienação cômoda e fácil”, adverte Dorian.⁵

Thomé participou e protagonizou diversas exposições individuais e coletivas, e retrospectivas, tendo sido o único representante potiguar na III Bienal Nacional, realizada em São Paulo, em 1974.⁶

3 DORIAN GRAY, Caldas. *Artes Plásticas do Rio Grande do Norte 1920-1989*. Natal, 1989. p. 307.

4 “O salão de jovens artistas abrigou o “Concurso Jogos Olímpicos de Verão”, realizado na sede da Aliança Francesa de Natal, em 12 de outubro de 1957. Thomé foi escolhido em primeiro lugar com a obra “Paz”, ficando em segundo Túlio Fernandes, com o quadro “Cais”” (DORIAN GRAY. *Op. cit.*, p. 307).

5 *Ibidem*.

6 Thomé apresentou três óleos: “Usina”; “Alasão”; e “Paisagem”, todos 72cm x 82cm. O evento ocorreu no ano de 1974, antecedendo a XIII Bienal de São



Com múltiplas influências, inclusive do inglês *William Turner*, segundo Fabrício Finizola, uma das grandes referências do seu pai, e de quem vemos latente a presença de harmônicas composições em que a cor e a luz ganham destacado relevo. Entretanto, é no impressionismo – movimento emergido na pintura francesa no final do século XIX –, que melhor ancoramos a obra de Thomé. Não necessariamente na fiel e estrita verve daquela escola, devidamente datada. Nesse particular, o professor aposentado de Artes, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), e *marchand* Antônio Marques destacou que “Thomé é um pintor atual, surpreendente na combinação das cores, no traço rápido e parecendo sempre muito improvisado, porém detidamente estudado, o que mostrava um pleno domínio do seu ofício”.⁷ Amigo e um dos maiores entusiastas, em relato carregado de carinho, arrematou que “a obra de Thomé não deixa de ser um retrato dele mesmo, que sempre encantou e encantarà a todos. Um grande homem. Um grande e talentoso artista”.⁸

Thomé emprestava sua íris para revelar e desvelar muito mais do que o registro fidedigno das variadas cenas e motivações que povoam sua obra. Pintava poesia. Cunhava métrica e rima visuais aos seus afetos imortalizados em cenas geralmente inspiradas na sua “Entre Rios”, fazenda sita no vale do Ceará-Mirim/RN, onde salpicava casarões coloridos, bois e cavalos, coqueiros esguios e espelhados alagadiços. Apanhadoras de algodão, o Rio Potengi e seus barcos navegantes; a ponte velha de Igapó; os casarios da Ribeira, de dia ou à noite, compõem outros cenários da profícua temática do artista, sempre estreitamente relacionada à sua gente e às suas raízes. As cenas sertanejas são de apelo tocante. A explosão das variações solares e ocres utilizadas pelo artista comovem todo e qualquer sujeito que pela aridez do sertão transitou. Aqueles que

Paulo, sucedida em 1975. (CATÁLOGO. III Bial Nacional – 74, nov./dez., p. 73, São Paulo: Fundação Bial de São Paulo, 1974. Disponível em: https://issuu.com/bial/docs/iii_bial_nacional_1974. Acesso em: 17 ago. 2020.)

⁷ Antônio Marques (Depoimento oral).

⁸ *Idem*.

ainda não vivenciaram a lida do sertanejo ficam movidos em face do tamanho e inebriante apelo visual. Indisputáveis, igualmente, são as noites azuladas, crepitadas de luzes; os entardeceres avermelhados e os céus com suas nuvens movediças.

Pinceladas vigorosas e estruturantes, com matizes contrastantes de luz e cor, quase sempre carregadas de elementos escultóricos e por vezes criando texturas e sombras, compõem, de forma dinâmica e espontânea, o fazer de Thomé que vem impressionando gerações aqui e alhures. Dorian Gray, nesse passo, profetizou: “toda a sua pintura tem o tácito compromisso com a verdade. Com as origens. Sem cópia servil ou representação superficial. Pintura densa da terra e dos homens”.⁹

Viva Thomé!

MANOEL ONOFRE DE SOUZA NETO frequentou cursos de formação livre em Arte Contemporânea, Desenho, Pintura e História da Arte na Escola de Artes Visuais do Parque Lage/RJ e em outras instituições. Realiza estudos sobre História da Arte, Colecionismo e Mercado de arte. É Promotor de Justiça da Infância e Juventude em Natal/RN. Exerceu, em dois mandatos, o Cargo de Procurador-Geral de Justiça do Ministério Público Potiguar (2009-2013). É professor e autor de livros e artigos jurídicos e sobre arte.

9 DORIAN GRAY, Caldas. *Artes Plásticas do Rio Grande do Norte 1920-1989*. Natal, 1989. p. 307.



VALÉRIO MESQUITA, LITERATO E MECENAS POTIGUAR

Padre João Medeiros Filho

Forsan haec olim meminisse iubavit (Eneida I, 203)

Um dia será agradável recordar estas coisas

Foi feliz – e em boa hora – o Tribunal de Contas do Rio Grande do Norte em homenagear Dr. Valério Mesquita junto com outros ex-presidentes e conselheiros vivos. A eles é devedora de gratidão esta terra de Poti. Cabe citar que na Corte de Contas do Rio Grande do Norte Dr. Valério deixou também a sua marca de excelente gestor. Cumpriu um planejamento estratégico exemplar, analisando e julgando mais de vinte mil processos. Nomeou, de maneira hábil e justa, sem ferir a Lei de Responsabilidade Fiscal, 61 novos servidores. Proporcionou a qualificação de trinta funcionários em cursos de graduação, mediante convênio com a Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN.

Há quatro décadas, privamos da amizade de Dr. Valério Mesquita, sem abalos e arranhões. Já sabíamos do seu labor, mas foram os ventos da cultura que nos aproximaram. Presidente por duas vezes da Fundação José Augusto (da qual fomos procurador no Rio de Janeiro), frequentemente viajava à Cidade Maravilhosa com uma agenda cheia de contatos e uma maleta repleta de projetos. Estes retratavam a política cultural – sem desmerecimento de outras – a mais arrojada do Rio Grande do Norte, nas últimas décadas. Proposições objetivas sobre a arte, o folclore, coisas de nossa gente, que seriam analisadas por instituições ligadas aos Mi-

nistérios da Cultura, da Ciência e Tecnologia e outras entidades sensíveis a patrocínio, mesmo antes da Lei Rouanet. Pela primeira vez, a Financiadora de Estudos e Projetos – FINEP curvou-se a um projeto cultural, custeando uma pesquisa sobre secas, resultando em dois livros publicados por renomada casa editorial do país.

Fala-se muito de Dr. Valério, como gestor e político, talvez pouco ainda sobre o literato e incentivador da cultura. Sublinhe-se seu talento de administrador, mas proclame-se, igualmente, sua verve de escritor e amante das artes. Tem ascendência italiana, cujos ancestrais eram voltados para a realidade poética e artística. Sua abertura para essa área data da juventude, demonstrada, desde os tempos do Colégio Marista, o qual lhe incutiu uma fé profunda em Cristo e um amor incontido aos Salmos e à Sagrada Escritura. Sabe bem que ali pode encontrar Deus, o único capaz de amainar nossas inquietações e acalmar nosso descontentamento e revoltas. A Palavra Sagrada – que também é obra literária – moldou seu temperamento e personalidade. Fez nele o que se pode ler em Alberto Caieiro, quando escreve: *sejamos simples e calmos como os regatos e as árvores, e Deus amar-nos-á e dar-nos-á o verdor na sua primavera e um rio aonde ter quando acabemos.*

Não se pode deixar de lembrar o dinamismo com que o estudante da Faculdade de Direito da UFRN animava as tertúlias literárias locais. Inegavelmente, Macaíba é uma terra agraciada de escritores, poetas, artistas e homens públicos. Nilo Pereira afirmou que *Macaíba é um celeiro de notáveis*. Dr. Valério, manifestando seu pioneirismo e sensibilidade artística, trouxe à terra natal Nelson Gonçalves, no apogeu da fama. As reclamações do interprete de Adelino Moreira sobre a precariedade dos microfones do serviço radiofônico não esmaeceram o brilho da apresentação e o encanto dos macaibenses. Dr. Valério se firmava como um animador e articulador cultural, revelando saber transitar do popular ao clássico. Entende-se assim porque lutou para divulgar a obra cascudiana sobre Dante Alighieri.



Valério Alfredo Mesquita é um mecenas. Hábil em saborear a beleza da palavra, da poesia e das artes, convicto de que elas são sombra do Divino e pegadas do Sagrado. O termo mecenas deriva do nome de “*Caius Cilnius Mecenas*”, político romano, conselheiro do imperador Augusto. Aquele formou um círculo de pessoas ligadas à cultura de seu tempo, dentre as quais, Horácio e Virgílio. O étimo atravessou os séculos, passando a significar o patrocínio à produção literária e artística. Originalmente, era mais abrangente, englobando quem incentivava, produzia, animava e patrocinava atividades culturais.

Aloísio Magalhães, quando dirigia a Fundação Nacional pró-Memória, baixou um ato, oficializando novembro o mês do mecenato. Coincidentemente, nesse mesmo mês, em 1942, na cidade de Macaíba, nasceu Valério, filho de Alfredo Mesquita Filho e Nair [Cúrcio] de Andrade Mesquita. Ele iria imprimir sua marca na vida cultural do RN.

Este artigo presta uma homenagem justa e merecida, assim como faz um registro do abnegado trabalho de Dr. Valério, como amante e promotor da arte e da cultura. Ele conseguiu a façanha de deslocar, até o Rio Grande do Norte, Roberto Marinho, empresário e patrocinador cultural. O jornalista aqui veio para reinaugurar a Capela de Utinga, restaurada sob os auspícios da FJA com a participação da instituição carioca FRM. É digno de encômios o esforço empreendido por nosso homenageado para trazer Carlos Drummond de Andrade a Natal, a fim de conhecer nosso mestre maior Câmara Cascudo, como era o desejo do poeta itabirano. De última hora, o príncipe dos vates mineiros desistiu da viagem devido à sua fobia a avião.

A administração de Dr. Valério na Fundação José Augusto foi profícua de parcerias para elevar o nome da cultura norte-rio-grandense no cenário nacional. Pode-se elencar a celebração de mais de sessenta convênios com todas as instituições nacionais (da época), públicas ou privadas, delas obtendo recursos para realiza-

ção de projetos culturais da FJA. No campo editorial, ultrapassou uma centena de edições (123 trabalhos publicados) de autores norte-rio-grandenses. Livros esgotados, de renomados escritores (tais como: Câmara Cascudo e Tavares de Lyra), foram reeditados. Se a vida que aparentamos é um detalhe de nossa existência, este apanhado é uma amostra das realizações de Valério Mesquita em prol de nossa cultura.

Pena que nossa vida seja medida pela cronologia e não pela nossa lucidez e sabedoria, desabafara certa feita o poeta Abgar Renault, em sessão no extinto Conselho Federal de Cultura. Dr. Valério, ao se aposentar, transpareceu um pouco deste sentimento, segundo artigo da Tribuna do Norte, de 15/11/2012. Demonstrou a tranquilidade do dever cumprido e a impossibilidade legal de não poder continuar conselheiro. Isso aconteceu, antes da promulgação da “PEC da bengala”. Aliás, a legislação canônica é mais flexível e sábia. Previa, desde 1983, a emeritidade dos párocos e bispos, aos 75 anos e a dos cardeais, aos 80. Às vezes, é preciso retornar à nudez original e à vulnerabilidade do cotidiano para nutrir-se de sabedoria. E nosso amigo, hoje livre de compromissos e agendas, sabe que a maior riqueza é a sensação de viver como se nada tivéssemos. Não raro, é necessário voltar à condição de cinzas para reencontrar a alegria de ter sido chama. Impressiona-nos o simbolismo das mãos, metáfora da doação. Nascemos com elas livres para serem tocadas, envelhecemos com elas vazias, pois deixamos tudo para trás.

Dr. Valério continua seus dias saboreando o silêncio do tempo, a calma das manhãs e a quietude das noites. Os sábios amam o silêncio e nunca falam alto ou gritam. A sabedoria é voz delicada. Os monges e os mecenas silenciam. Os primeiros para escutar Deus e os outros são calados pela beleza da arte e das letras. Nosso amigo é pródigo de ideias e comedido de palavras. Aprendeu que só uma Palavra [a de Deus] nos basta, porque Ela é sábia e eterna. Hoje reparte conosco o encanto de sua alma e fala a todos que Deus existe para curar as nossas saudades e nos fazer desfrutar da alegria da vida. Busca viver a fé, cujos ventos nos tangem para o



Belo e o Infinito, *a maior de todas as literaturas*, no dizer da mística Teresa d'Ávila.

A homenagem que agora lhe presta o egrégio Tribunal de Contas do Rio Grande do Norte é *digna, justa e salutar*, como reza o sacerdote no prefácio da missa. Seus feitos ecoam e não podem ser circunscritos apenas às suas atividades, enquanto conselheiro e presidente da Corte de Contas, gestor de várias entidades potiguaras (Campanha Nacional de Alimentação Escolar – CNAE/ MEC, Prefeitura do Campus da UFRN, Emproturn, FJA, Prefeitura Municipal de Macaíba, TCE, IHGRN, além de ter integrado o Parlamento Estadual por quatro mandatos). Dr. Valério Alfredo Mesquita é sinônimo de amizade, fidalguia, nobreza de gestos e palavras (tão rara nos dias atuais), harmonia, bom humor, solidariedade e fé. Nada mais oportuno do que citar o Livro do Sirácida ou Eclesiástico: *Façamos o elogio dos homens ilustres, através das gerações* (Sir 44, 1).

JOÃO MEDEIROS FILHO é sacerdote católico, natural de Jucurutu. Mestre e doutor em Comunicação e Teologia pela Universidade de Louvain (Bélgica). Membro da Academia Norte-rio-grandense de Letras, da Academia Mossoroense de Letras, do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte e do Conselho Estadual de Educação do RN.



RAIMUNDO SOARES, UM EXEMPLO

Rafael Bruno Fernandes de Negreiros

Ele não tem onde cair vivo, porque morto cai em qualquer lugar. Sempre foi um boêmio inveterado, uma espécie de Zé Areia com status (bote status nisso) cultural, mas para dizer a verdade, Raimundo Soares de Souza, ex-prefeito de Mossoró, ex-suplente de deputado federal, é uma das maiores inteligências que me foi dado conhecer até hoje.

Dramático, quando a ocasião exige, vibrante num comício, de um agudo espírito de autocrítica, Raimundo possui as virtudes e todos os defeitos do homem inteligente em demasia. Pode-se dizer, sem nenhum exagero, que Raimundo Soares é uma espécie de homem deslocado no tempo e no espaço, uma inteligência tão aguda e tão profunda que causa espanto esse homem não ter até hoje escrito um livro, dispersivo por natureza, e isso é próprio dos homens cuja meta é o infinito.

Excelente jogador de snooker, cantor de méritos, acompanhante de forrós, se a ocasião assim o exigir, Raimundo é múltiplo de si mesmo, é uma espécie de homem imprevisível, que produz uma defesa tão brilhante que derruba qualquer causídico no Supremo Tribunal Federal, não é sequer o homem dos sete instrumentos, é mais, muito mais, é um homem que a vida no seu dia a dia, mostra raramente.

Há uma faceta que pouca gente conhece nele: já tendo participado de centenas e centenas de brincadeiras, Raimundo nunca conseguiu na vida um inimigo, nunca ninguém o viu falando de alguém à sorrelfa, é sempre brilhante no ostracismo ou no poder, porque ele tem algo de intemporal sobre sua cabeça, ou mesmo dentro do seu cérebro.



Ninguém pode defini-lo em poucas palavras; o certo é que a lei da hereditariedade será provada completamente, quando se vê o seu filho Silvério, médico em Natal, sua cópia fiel, íntegra, de corpo inteiro, um Raimundo Soares mais gordo e mais brincalhão ainda.

Conhecer Raimundo Soares é uma dádiva dos céus: mas conhecê-lo em profundidade e com ele conversar demoradamente é muito mais, é aprender muita coisa que existe sobre o céu e a terra e que, na sua ótica precisa e completa, é analisada sem ardoesios.

Na verdade Raimundo Soares tem apenas um defeito, que talvez seja considerado grave, gravíssimo, na sociedade argentária em que vivemos: o homem padece de uma doença incurável e terrível, uma doença pertinaz e traiçoeira, porque, apavorem-se todos, o homem é pobre, é paupérrimo, mas nem por isso deixa de ser reconhecido como um dos maiores cérebros que o Rio Grande do Norte produziu até hoje.

Se falta de dinheiro for defeito então Raimundo Soares estará perdido. Mas se é este o seu único defeito, ele tem tantas virtudes, tantos méritos, que sua inteligência atinge os limites da realidade, fala de improviso com uma rapidez espantosa, é jurista, é uma capacidade fulgurante e rara, muito rara, nos tempos que correm.

Mas como esse mundo é paradoxal e inexplicável, que ninguém vá dizer que ele é brilhante: com um ar de enfado ele muda de assunto rapidamente e até mesmo fica agastado, como se estivesse recebendo um insulto, cara a cara.

Quando tanta gente cultua o dinheiro como o veículo de tudo, é engraçado ver a absoluta displicência de Raimundo, com relação ao chamado vil metal, que de fato envilece e envelhece muita gente, com perdão do trocadilho.

Eis aí um homem singular, uma *avis rara* dos dias que correm. Ele poderia dizer como Mercedes Soza, que tem tantos irmãos, tantos amigos, que todos cultuam um único ideal – a liberdade, o direito de ir e vir, de viver livre do guante da desgraça que assola muita gente neste mundo – a ambição.

Raimundo é o exemplo perfeito de quem vive o dia como se vivesse toda a vida.

Incrível, não é mesmo?

OBSERVAÇÃO: Raimundo Soares de Souza nasceu em Caraúbas em 1º de julho de 1920 (portanto, 2020 é o centenário do seu nascimento) e faleceu em Natal em 30 de outubro de 1996, aos 76 anos de idade.

Rafael Negreiros, o autor do artigo, nasceu em 15 de outubro de 1924 e faleceu em 04 de abril de 1994, aos 69 anos de idade. Obviamente, quando o artigo foi escrito ambos gozavam de saúde. Paulo Negreiros, filho de Rafael, sempre atento aos fatos, sugeriu republicar o artigo.

RAFAEL BRUNO FERNANDES DE NEGREIROS (1924-1994) jornalista e escritor, teve larga atuação na vida cultural mossoroense.

MEUS COLEGAS DA TURMA 1968 DA FACULDADE DE DIREITO DE NATAL

Carlos Roberto de Miranda Gomes

*Num tempo, longe, se concretizava o sonho de
uma Faculdade de Direito em Natal – esforço
de algumas figuras singulares, dentre as quais
Onofre Lopes e Otto de Brito Guerra.*

A criação de uma Faculdade de Direito em Natal foi um sonho acalentado por várias gerações. A concretização, no entanto, somente ocorreu guardando uma sequência de fatos, aqui resumidos: criada no dia 15 de agosto 1949, como Faculdade de Direito de Natal, através da Lei Estadual nº 149, de 15 de agosto de 1949, sancionada pelo Governador José Augusto Varela, mas só efetivamente instalada e autorizada em 1954 com o decreto federal n.º 36.387, de 25 de outubro.

O primeiro vestibular ocorreu no ano de 1956 e o consequente início das atividades letivas, utilizando uma das salas do Atheneu, que teve a primeira turma concluinte em 1959, já utilizando o seu prédio histórico da Praça Augusto Severo, no histórico bairro da Ribeira, onde no passado foi o Grupo Escolar Augusto Severo (hoje em ruínas).

É importante ressaltar, que a ideia da criação de um primeiro curso jurídico no estado foi do professor Luís Soares de Araújo. O surgimento do curso foi um marco divisor na educação superior da cidade, pois a partir daquele momento, os estudantes não mais precisariam do sacrifício de deslocamento a outros estados.

Consolidado no tempo, o Curso foi se transformando em anseio dos jovens e, no ano de 1964, mais uma plêiade de moças e rapazes se submetiam ao vestibular e logram ingresso na Confraria do Saber Jurídico.

Ali encontramos grandes causídicos, dos quais foram nossos professores Floriano Cavalcanti de Albuquerque, Paulo Pinheiro de Viveiros, Edgar Ferreira Barbosa, Manuel Varela de Albuquerque, Aldo Fernandes Raposo de Melo, José Gomes da Costa, Carlos Augusto Caldas da Silva, Antônio Soares Filho, Francisco Nogueira Fernandes, Anselmo Pegado Cortez, Alvarado Furtado de Mendonça, Vécio Barreto de Paiva, Américo de Oliveira Costa, Milton Ribeiro Dantas, Raimundo Nonato Fernandes.

Foi num período conturbado da vida brasileira, que teve início a história de alguns estudantes potiguares ou aqui residentes, na aventura de ingresso na Faculdade de Direito da Universidade Federal do Rio Grande do Norte através do vestibular do ano de 1964. Os que lograram êxito ingressaram no conturbado mês de março daquele ano, quando rebentou o movimento militar, que preconizou como seus objetivos, evitar a vitória de uma teoria esquerdizante e, ao mesmo tempo, colocar o País no seu eixo natural, eis que então existente um período de verdadeira anarquia.

Nosso percurso ocorreu precisamente no início dos anos de chumbo (1964) e terminou um dia antes da edição do Ato Institucional nº 5, ou seja, em 12 de dezembro de 1968, quando recrudescu o estado de exceção.

É evidente as dificuldades enfrentadas, com a polarização de ideologias contrárias entre os colegas, somente superadas com a interferência efetiva e afetiva do nosso grande Diretor Otto de Brito Guerra.

Éramos então um grupo de 25 jovens, alguns ficaram no caminho por conta das disciplinas eliminatórias Introdução à Ciência do Direito e Direito Administrativo. Ganhamos novos

colegas transferidos e tivemos a tristeza do abandono do Curso, durante o 3º ano, do notável escritor seridoense Moacy Cirne.

Na oportunidade em que escrevi o Livro “Traços e Perfis da OAB/RN” fiz a seguinte homenagem à minha turma:

Dedicatória

À 10ª Turma da Faculdade de Direito da UFRN, concluinte de 1968, que teve como homenageados:

Patrono: Professor JOSÉ GOMES DA COSTA

Paraninfo: Professor CARLOS AUGUSTO CALDAS DA SILVA

Homenagem Especial: Professor FRANCISCO NOGUEIRA FERNANDES

Homenagem Póstuma: Professor LUIZ SOARES.

Utilizou como símbolo uma alegoria do globo terrestre, onde aparece o mapa do Brasil transfixado o RN por uma espada presa a duas balanças e no meio do globo a palavra PAX, criado pelo arquiteto Sousa Lélis.



Adotamos um lema de Jean Paul Sartre:
“Nada pode ser bom para nós sem o ser para todos”.

CONCLUINTEs:

1. **Antônio Edvaldo de Araújo**, advogado militante no Rio de Janeiro, onde fixou residência definitiva desde sua aposentadoria do Banco do Nordeste, com quem mantenho correspondência periódica;
2. **Armando da Costa Ferreira**, Desembargador aposentado do TJ/RN, meu colega de estudos durante o curso, aqui na minha casa da Travessa Coronel João Gomes e com quem tenho encontros esporádicos;
3. **Arnaldo de Carvalho França**, advogado (falecido). Logo no iniciar das atividades acadêmicas, Arnaldo teve destaque em variadas habilidades: bom argumentador, esportista e estudioso, foi gradualmente ganhando o respeito dos colegas ao ponto de alguns deles – lembro bem de Valério Mesquita e Cláudio Emerenciano, chamá-lo de Arnaldo de Carvalho Santos, em alusão ao grande jurista natalense J.M. de Carvalho Santos, radicado no Rio de Janeiro. Foi colega fraterno com quem estive até o final de sua vida;
4. **Buenos Ayres de Mello** (Delegado de Polícia – falecido). Tinha a característica de não sair da sala de aulas nos intervalos e, graças a isso, evitou uma tragédia entre dois colegas, por questões ideológicas;
5. **Carlos Roberto de Miranda Gomes**, autor deste trabalho, Professor da UFRN aposentado, Procurador do Ministério Público Especial junto ao TCE/RN, advogado, ainda em atividade e membro de várias instituições e entidades culturais, inclusive desta ANRL;
6. **Cláudio José Freire Emerenciano**, Auditor do TCE/RN aposentado, jornalista com coluna semanal na Tribuna do Norte e membro da ANRL;

7. **Darlan Barbosa Cunha**, juiz de Direito (falecido). Não tivemos a oportunidade de convivência face o seu prematuro falecimento ;
8. **Djalva Feitosa Confessor** (Professora em Santa Catarina – falecida). Foi possível alguns reencontros, quando visitava Natal;
9. **Elder Heronildes da Silva** (orador da turma), membro da ANRL, ex- Reitor da UERN, advogado militante, residente em Mossoró;
10. **Fernando Luís Falcão Siqueira**, jornalista da Tribuna do Norte, com coluna permanente sobre automóveis;
11. **Francisco da Silva Fernandes**, advogado aposentado. Atuou muitos anos no Tribunal do Júri e foi assessor jurídico da Polícia Militar do Estado. Com ele mantenho contato diário;
12. **Francisco Tavares de Assis**, promotor aposentado, residiu em vários municípios onde estava lotado e por isso nossa convivência foi reduzida;
13. **Geraldo Bezerra da Silva Neto** (delegado de polícia – falecido), foi outro colega com quem não foi possível convivência em razão de sua morte;
14. **Hilda Coêlho Fagundes**, advogada no Rio de Janeiro. Temos recebido notícias dela, mas nunca foi possível um reencontro;
15. **José Antonio da Silva**, procurador aposentado da Prefeitura de Natal e advogado, com quem tivemos convivência durante muito tempo;
16. **José Augusto Rodrigues Júnior**, advogado falecido, foi um dos que se agregaram à nossa turma e depois com militância profissional em Mossoró;

17. **Maria Auzenir Brandão Nelson**, funcionária federal falecida precocemente, sem que tenha sido possível uma convivência;
18. **Mariceli Tinôco Cabral**, promotora de Justiça, aposentada e empresária, atleta destacada, com a qual guardamos eventuais encontros;
19. **Marilena Carlos Gadelha**, promotora aposentada, pessoa muito querida, com quem a convivência foi interrompida face residir em Mossoró;
20. **Raimundo Torquato de Figueiredo**, auditor do Tribunal de Contas do Estado, falecido, homem destemido nos embates políticos e ideológicos ;
21. **Semião de Oliveira Melo**, tabelião público, falecido (o mais velho da turma) com quem tivemos convivência fraterna e ter sido o advogado do seu inventário;
22. **Sonia Maria Fernandes Ferreira** (Sônia Faustino), servidora do TCE, aposentada e membro da ANRL, com alguma militância na advocacia e trabalho substancial nos campos social e da cultura ;
23. **Terezinha Gomes de Oliveira**, advogada, com domicílio em Fortaleza e, recentemente regressou à nossa cidade de Natal;
24. **Valério Alfredo Mesquita**, Conselheiro do TCE, Presidente da FJA e IHGRN, Prefeito de Macaíba, Deputado Estadual, escritor e membro da ANRL, com o qual mantemos fraternal amizade;
25. **Vicente Fernandes de Queiroz**, membro do Ministério Público Estadual, do qual sempre temos notícias, pois reside na região oeste do Estado.

Essa turma emprestou cinco dos seus integrantes à Academia Norte-riograndense de Letras.

Com o diploma na mão, o ingresso na Ordem dos Advogados do Brasil, Seção local, foi o caminho natural ou, em alguns casos, o ingresso na magistratura ou Ministério Público. Eu, particularmente, dividi uma parceria num escritório de advocacia (Edifício Amaro Mesquita – centro do Grande Ponto, vizinho ao do afamado e querido Eider Furtado de Mendonça e Menezes, falecido há pouco tempo), composto com a participação, nada mais, nada menos, do Professor José Gomes da Costa, meu pai e patrono da Turma, mais o meu irmão Fernando de Miranda Gomes e dos colegas de turma Arnaldo de Carvalho França e Simeão de Oliveira Melo. Logo ganhamos alguma notoriedade, haja vista que naquela época era mais comum a advocacia individual. O papel timbrado com tantos nomes mereceu um comentário jocoso do conhecidíssimo escrivão do 3º Cartório Fernando Carvalho, já falecido: *isso não é um escritório de advocacia, é uma quadrilha.*

O tempo passou - encontros fortuitos, o último deles em dezembro de 2018, com poucos colegas de turma comemorando os 50 anos de formatura. Nossa memória acadêmica foi destruída ou furtada dos porões da história, ficando a lembrança nas fotografias.

Temos a viva esperança de que teremos a oportunidade de voltar a conviver num clima que autenticamente permita a proclamação da liberdade, como dizia a placa colocada na entrada do prédio: “ATÉ QUE TUDO CESSE, NÓS NÃO CESSAREMOS”.

CARLOS ROBERTO DE MIRANDA GOMES é advogado, escritor e professor emérito da UFRN, membro da Academia Norte-rio-grandense de Letras e outras instituições culturais.

A influenza hespanhola

CONSELHOS AO POVO

(Da Inspectoria de Hygiene)

EVITAR aglomerações, principalmente á noite.

NÃO fazer visitas.

TOMAR cuidados hygienicos com o nariz e a garganta. Inalações de vaselina mentholada, gargarejos com agua sal, com agua iodada, com acido citrico, tannino e infusões contendo tannino, como folhas de goiabeira e outras.

TOMAR, como preventivo, internamente, qualquer sal de quinino nas doses de 25 a 50 centigrammos por dia, e de preferencia no momento das refeições.

EVITAR toda fadiga ou excesso physico.

O **DOENTE**, aos primeiros symptomas, deve ir para a cama, pois o repouso auxilia a cura e afasta as complicações e contagio. Não deve receber, absolutamente, nenhuma visita.

EVITAR as causas de resfriamento, é de necessidade tanto para os sãos, como para os doentes e os convalescentes.

A'S PESSOAS EDOSAS devem applicar-se com mais rigor ainda todos esses cuidados.

PANDEMIA: HISTÓRIA E CULTURA

Iaperi Araújo

Uma epidemia de varíola teve seu primeiro registro na história do RN quando atacou a tropa de Feliciano de Souza que partira da Paraíba para auxiliar a conquista do Rio Grande. Na Baía da Traição a tropa sofreu um tão grande ataque da varíola que somente da indiada que fazia parte da tropa morreram 400 frecheiros da nação dos Caetés. Feliciano teve que retornar a Paraíba e Jeronimo de Albuquerque conseguiu chegar a barra do Rio Grande em 25 de dezembro daquele 1597. Outros surtos violentos de varíola foram dos anos 1877, 1882, 1898 e 1904/1905.

O Cólera chegou ao Brasil em maio de 1855 por Belem do Pará e 4 meses depois já estava no RN.

Em 1856 matou 2.563 pessoas no Rio Grande, sendo 215 só em Natal numa população de mais ou menos 5.000 habitantes. Nessa época, o Presidente Antonio Bernardo de Passos ergueu o Hospital de Caridade com 40 leitos no lugar Salgadeira, Passo da Pátria, aproveitando uma estrutura da conhecida feira do lugar. Também construiu o cemitério do Alecrim em abril de 1856.

Além do grave problema de falta de hospitais capazes de cuidar dos doentes mais graves, que até 1856 eram tratados em casa, a falta de médicos era crônica na Real Província do Rio Grande. Em 1746 no documento “Despesas que se fazem pela dita Província Real em cada ano” está o registro: “O cirurgião que assiste a curar a Infantaria, vence uma praça de soldado e pão de munição, que com o ordenado de cirurgião vence 63\$180.” Acentue-se que o cirurgião não era médico, mas o soldo era comparável ao de um soldado.

A partir do século XVIII, na Europa, o hábito de enterrar as pessoas no “solo sagrado” das igrejas, começou a mudar. No Rio

Grande, em 1856, exatamente por conta da epidemia de cólera, foi criado o cemitério do Alecrim pelo Presidente Passos, ficando proibido o enterro nos templos religiosos.

A primeira epidemia, a de varíola que assolou a expedição em 1597 na Baía da Traição, continuou como endemia. Em 11 de setembro de 1809, o governador Jose Francisco de Paula Cavalcanti de Albuquerque, solicitou ao ministro Conde de Aguiar, vacinas para imunizar a população. Em 25 de outubro o conde respondeu que “uma porção daqueles humores seria permitido à Bahia.” A Bahia foi o primeiro estado brasileiro a conhecer a vacina antivariólica em 1804, graças ao conde de Barbacena.

Em 15 de abril de 1818 o governador José Ignácio Borges reclama das reações da vacina ao general Luis do Rego Barros e pede o “favor de mandar das vacinas de Pernambuco que considera a verdadeira e mais um auxiliar para aplicá-la”, pois segundo ele, o cirurgião da Província tinha problemas de vista e não tinha experiência no mister.

Acentue-se que a vacina era feita com aplicação de pús das bolhas variólicas, o que causava repulsa e oposição da população.

Em 5 de maio de 1818 o governador Luis do Rego Barros enviou a vacina e com ela o cirurgião-mór d’artilharia Francisco de Souza Soares para aplicá-la. Como a vacina não tivesse êxito, pois mesmo os vacinados contraíam a doença, o governador José Ignácio Borges fez reclamação a Pernambuco e o general mandou um novo lote “do pus” em 8 de agosto daquele ano.

Em 1833 o Presidente Basilio Quaresma Torreão em sua fala ao Conselho provincial em 25 de setembro dizia: “Senhores, podeis obter tamanho bem. Assinai já um subsidio capaz de convidar um professor hábil que cure os nossos males: Um médico, senhores, um médico.”

A vacina continuou a ser aplicada no Estado, havendo registro de que em 1837 a prática era rotineira, mas restrita a Natal, pois não existiam práticos para fazê-lo fora da capital.

Em 1851 no orçamento da Província haviam 2 contos de réis para “caridade pública”. Um auxílio de emergência para os mais pobres. Até 1866 esse destaque orçamentário continuou, sem muitos acréscimos. Em 1861 os mais pobres venciam como auxílio 320 réis por dia.

A varíola foi a mais antiga e permanente epidemia. Atravessou séculos.

Em 1850 tivemos uma epidemia de febre amarela que permaneceu atacando a população e causando mortes por 10 meses (setembro de 1850 a junho de 1851, resultando mais de 200 mortes).

O cólera de 1856 matou 2.563 pessoas no Rio Grande, e Ceará Mirim com 824 óbitos foi o município com maior número de mortos. A situação foi tão grave que 1856 ficou conhecido como ANO DO CÓLERA. A epidemia cessou em 1858, com as medidas cautelares adotadas pelo governo. Não ficamos livre dela, pois em 1862 o cólera voltou a infectar a população a partir da segunda metade do ano. Em 1870 estava na fala do Presidente Pedro de Barros.

Em 1872 o Inspetor da Saúde em seu relatório registrou uma nova epidemia de varíola. Recrudescendo em 1882, ao ponto do presidente Francisco de Gouveia Cunha Barreto ter ordenado a construção de um isolamento de palhas com leitos de esteira de periperi que recebeu a denominação de Lazareto da Piedade na estrada velha do Guarapes em 7 de setembro de 1882. Estranho é que o registro histórico diz que o Lazareto da Piedade feito de palhas acabou virando em 1923 o Hospital de Alienados do Alecrim que ficava quase diante do cemitério do Alecrim, mas há testemunhos de que era aí a estrada velha de Guarapes. Mais 2 barracões de isolamento foram levantados em Natal para os doentes da varíola.

Em 1877 o cólera grassava por todo o Brasil. Havia na região de Picuí e Barra de Santa Rosa na Paraíba na margem do rio Curimataú um rancho de pouso pros cambiteiros, que abrigava os passantes nos pernoites. Próximo havia uma casa com um casal e quatro filhos. Tinham um papagaio muito sabido que no final da tarde acompanhava a família rezando o Ofício da Virgem da Conceição: “Agora lábios meus, ouvi e anunciai...” Foram acometidos do cólera e todos morreram. Só o papagaio escapou e fugiu pro mato. Durante muito tempo, os cambiteiros evitavam o pouso do lugar com medo do contágio da doença. Um deles, vendo-se tarde da noite nas proximidades, esqueceu o medo e pegou pouso. De noite assombrou-se quando ouviu alguém chamando “Maria, chame os meninos prá rezar o Ofício.” E logo depois, “João, José, Antonio, Francisco” seguindo-se o Ofício. Nem precisa dizer que o homem saiu em desabalada carreira esquecendo a tropa de burros. Quando voltou, ainda ouviu o término da cantoria e procurando quem puxava aquela reza, encontrou o papagaio e a fêmea, numa das linhas do barracão, repetindo o que aprendera com o antigo dono. O cambiteiro levou o papagaio prá casa e criou-o até morrer.

Em 1882 apareceu no Estado uma epidemia de “febres miasmáticas” que era a chamada febre palustre ou febre amarela e que o médico José Paulo Antunes disse ser de origem vegetal.

Em 1885, Tomaz Alves dos Santos, (Tomaz Targino) pai do escritor currais-novense Celestino Alves aos 7 anos de idade foi acometido de cólera com letargia. Morte aparente das 5 da tarde às 5 da manhã. Na letargia se viu na região do brejo paraibano onde hoje fica a cidade de Solânea e no descampado uma Missão religiosa e um missionário falando ao povo que ali naquele lugar surgiria uma grande cidade com igrejas, mercado e cemitério. O menino, no sonho letárgico viu-se indo para casa e ao chegar, com muita fome e sede, pediu à mãe um pouquinho de leite de cabra que sempre tomava. Nesse momento estava acordando da letargia, quando os homens da casa já haviam vestido nele a mortalha e se preparavam para colocá-lo no caixão mortuário. Como estava acordando, a mãe

ouviu-o murmurando seu desejo de tomar o leite e providenciou, dando-lhe a beber numa colherinha. Todos ficaram surpreso. O menino voltara da morte. Só morreu 72 anos depois.

De 1901 a 1905 voltou a varíola a atacar o Rio Grande. Em Natal, o padre João Maria continuou seu trabalho em favor das pessoas com varíola, como fizera quando pároco de Flores em 1878. Peregrinava pela periferia da capital, distribuindo alimentos e medicamentos, fazendo curativos nos chagados pela doença, dando inclusive mudas de suas roupas, lençóis e toalhas de sua casa para o conforto dos doentes. Em 16 de outubro de 1905 faleceu de varíola a que fora exposto pelo seu trabalho de piedade cristã.

De 1909 a 1911 o Rio Grande conviveu com uma epidemia de gripe e em 1918 com a não mais famosa gripe espanhola. A Gripe Espanhola foi considerada uma das pandemias mais mortais da história da humanidade durante dois anos, o vírus influenza A do tipo H1N1 matou entre 50 a 100 milhões de pessoas, quase 30% da população mundial. Na época, o Diretor Geral da Saúde Pública, Carlos Seidl, enviou um telegrama para o Inspetor de Saúde do Porto de Natal, Dr. Januário Cicco, para recomendar algumas medidas de profilaxia, como assepsia da boca e das fossas nasais e o uso de quinino, um analgésico, como preventivo. Na época, o Diretor Geral de Saúde afirmou que não acreditava na eficácia do isolamento e que não se justificava o temor exagerado.

No entanto, Dr. Januário Cicco foi uma das primeiras autoridades a se manifestarem acerca do assunto. No jornal “A República”, o médico escreveu um artigo fazendo uma série de recomendações para dotar a população de conhecimentos mínimos necessários para enfrentar a doença, que tantos problemas já vinha causando em outros locais. Nos textos, ele concordava que aquilo era um exagero e apenas era uma gripe comum.

Às últimas semanas do mês de outubro de 1918 começou a repercutir de forma mais intensa a notícia de pessoas infectadas por Gripe Espanhola em Natal. O Colégio Imaculada da Conceição

(CIC) antecipou o encerramento do ano letivo, as escolas públicas municipais foram fechadas, foi ordenada a desinfecção diária dos mercados da Cidade Alta e da Ribeira, os cinemas tiveram suas atividades suspensas, a liga esportiva suspendeu todos os jogos de futebol que ainda estavam por se realizar naquele ano. Naquele período, Natal entrava em quarentena. O Arcebispo de Natal, Dom Antônio Cabral emitiu uma recomendação dizendo que a “Manifestação da enfermidade se constituía numa demonstração de desaprovação de Deus, em relação ao comportamento dos homens, que estavam se tornando cada vez mais libertinos”. Apesar disso, a Igreja Católica recomendara para que os fiéis ficassem em casa nesse período.

Além da quarentena, foram instalados três postos de saúde na Rocas, Alecrim e na Ribeira. Lá eram oferecidos, com pequena quantidade, mantimentos, querosene e medicamentos, além das informações das autoridades para poder se prevenir. No entanto, não existem dados reais de quantas pessoas foram atingidas pela Gripe Espanhola e ainda existia uma contradição dos dados oferecidos pelo Governo e noticiados pelo jornal “A República”. O declínio da doença começa a aparecer em “A República” em meado de dezembro de 1918. No dia 15 de dezembro o inspetor geral de higiene do estado, dr. Calistrato Carrilho, reabriu os estabelecimentos de diversão que haviam sido fechados como medida preventiva contra a propagação da epidemia na cidade.

A partir dessa data, raras são as notícias de pessoas acometidas da epidemia. Natal era uma cidade que tinha em torno de 30 mil habitantes e estima-se que 1/3 da cidade foi infectado.

A gripe espanhola de 1918 vitimou inclusive o presidente do Brasil, Rodrigues Alves que faleceu em 16 de janeiro de 1919, um pouco antes de sua posse no segundo mandato presidencial.

Em 11 de dezembro de 1918 o Inspetor de Higiene fez comunicado à população, informando que a gripe espanhola praticamente estava extinta no RN, depois de atingir um terço de sua população. No Brasil foram 35.000 mortos.

Depois dessas fases graves, o RN ainda foi palco de endemias e pandemias, em todos, restaram no povo a lembrança dos sofrimentos, a tristeza das mortes e o socorro que receberam de todos pela solidariedade comum.

IAPERI ARAUJO é médico, escritor e artista plástico. Contista, tem publicado na revista da ANRL alguns textos, sempre valorizando a narrativa popular. É membro da Academia Norte-rio-grandense de Letras. Presidente do Conselho Estadual de Cultura.

A VIDA CAMPESTRE NO ESPAÇO DO SEMIÁRIDO

Humberto Hermenegildo

As artes na civilização da seca, Lembranças Campestres e Vivências de um menino em uma fazenda sertaneja são livros de Benedito Vasconcelos Mendes que, vistos em conjunto, revelam interessantes aspectos da vida no espaço do semiárido nordestino, em um determinado período da história regional, que o autor apresenta a partir de uma vivência em fazendas do interior cearense. Os textos podem ser lidos como exemplos de conhecimento científico acrescido de informações culturais e escrita da memória apoiada no gênero crônica.

Em *As artes na civilização da seca* (2017), o pesquisador desenvolve a tese de que a civilização da seca, possuidora de uma tradição própria e, portanto, de uma identidade cultural, teve a sua formação no espaço do semiárido nordestino, em um período que se iniciou após a chamada Guerra dos Bárbaros e teve a consolidação ao longo de cem anos (de 1880 a 1980). A partir de então, teria havido um declínio dessa civilização, devido a dois fatores: a seca de 1979-1983 e a praga do bicudo que exterminou os algodais. Como as fazendas deixaram de ser lucrativas, ocorreu um empobrecimento e o despovoamento daqueles espaços.

Como sugere o título, o livro apresenta o aspecto artístico dessa civilização, com ênfase nos hábitos alimentares e sua determinação cultural. Tomando como ponto de partida uma comparação com a civilização da cana-de-açúcar, o autor afirma que a arte desenvolvida na região do semiárido teve uma tendência mais utilitária do que estética: “O conceito de beleza no povo da Civilização da Seca era mais ligado à abundância e à utilidade do que à forma, à cor, ao movimento e ao brilho” (2017, p. 28). Não deixa de mencionar, contudo, o que chama de manifestações artísticas contemplativas, a exemplo da arte do mestre Vitalino e os santeiros.

No seu mapeamento das artes, em que valoriza o artesanato herdado dos tapuias e dos portugueses, estão incluídos: as manifestações musicais, a poesia popular, a xilogravura, a arquitetura, bem como os procedimentos de cura.

Para melhor especificar a arte utilitária popular, na primeira parte do livro são desenvolvidos itens sobre: tenda de ferreiro e de flandreiro; marcenaria e carpintaria; oficinas de calçados e de seleiro; arquitetura de taipa; afazeres artísticos femininos; produtos de barros (louças, tijolos e tenhas).

Leitores e, mais especificamente, pesquisadores, certamente se veem tentados a cotejar a leitura do material apresentado com outras, igualmente enriquecedoras do conhecimento sobre a cultura local. Em “Oficina de seleiro”, por exemplo, vem à mente a obra de Oswaldo Lamartine, que é referenciada na literatura consultada pelo autor.

As outras partes do livro são todas dedicadas à alimentação (Arte culinária, Produção de alimentos e de cachaça, Produtores e coletores de alimentos e Venda de alimentos). Os pratos típicos da região, originados como parte de uma estratégia de sobrevivência em condições adversas e com o aproveitamento dos alimentos básicos, são produtos formadores do que o autor chama de culinária cabocla – designação assemelhada ao termo mais genérico “híbrida” e, se quisermos associar à questão linguística, poderíamos comparar também com o termo “crioula”.

O surgimento da prática alimentar referida é apresentado como uma estratégia de convivência com o fenômeno da seca: ingredientes não perecíveis, técnicas de armazenamento e de conservação artesanal possibilitaram a permanência dos pratos típicos regionais. Com uma alimentação rica em nutrientes essenciais, o sertanejo soube adaptar às condições climáticas as tradições alimentares portuguesas, que foram associadas (por meio de cópia ou substituição) aos produtos das plantas nativas e às receitas trazidas pelos africanos escravizados. Formava-se, portanto, a unidade que caracterizou a culinária da chamada Civilização da Seca, de forte identidade cultural.

Para dar movimento à identidade da civilização apresentada, é dado protagonismo aos tipos humanos cujas habilidades permitiram a construção de um ambiente favorável em tão árido espaço: o vaqueiro, o agricultor, o caçador, o pescador, o coletor de mel de abelhas e o tirador de madeira. Determinadas, sobretudo, pelas atividades dos vaqueiros e dos agricultores, fixaram-se tradições festivas como acontecimentos religiosos e profanos, celebrativos dos resultados da pecuária e da agricultura de subsistência.

A apresentação dos aspectos caracterizadores da Civilização da Seca é feita no tempo verbal do pretérito (perfeito e imperfeito), uma vez que o autor considera que está tratando de um ciclo passado. Contudo, o leitor percebe que há, na narração, o propósito de tirar lições daquele mundo para a atualidade, com vistas à sustentabilidade. Não obstante contextualizada em um período conceituado como de subdesenvolvimento, boa parte das fazendas, segundo o autor, apresentava sustentabilidade econômica, fator que permitiu a durabilidade da referida civilização.

Considerando a força da tradição cultural daí resultante, bem como a situação atual do semiárido, faz-se necessário reconhecer que existe um conhecimento acumulado sobre a região, que vem se modernizando. Muitos dos elementos daquela civilização foram adaptados à cultura mercadológica, seja na forma de resíduos, seja em formato integral no conceito de nordestinidade ainda vigente.

Sustentabilidade parece, no contexto atual, uma estratégia de resistência para a preservação das artes da chamada civilização da seca, que tem muito a oferecer ao desenvolvimento do país. Cabe ao sistema educacional, especialmente as universidades e os Institutos Federais de Educação localizados na região, a efetivação de pesquisas indicadoras de um modo sustentável de desenvolvimento, com respeito às culturas locais. Cabe aos governos financiar a ciência – não há outro caminho, sob o iminente risco de instalação da barbárie...

Na trilogia de livros que estamos comentando, *As artes na civilização da seca* contém os aspectos conceituais da tese do autor. Os demais constituem aspectos memorialísticos da infância, sob o ponto de vista de um adulto com vasto conhecimento sobre a cultura rememorada. Desta forma, o autor aplica às suas memórias a tese que desenvolve no primeiro livro.

Em *Lembranças Campestras* (2018), Benedito Vasconcelos Mendes rememora as suas passagens pelas fazendas do avô, uma em Sobral-CE e outra localizada no litoral cearense. As imagens desenvolvidas têm por base a memória de um menino que passava, naqueles espaços, as férias escolares. O narrador, contudo, é um adulto com amplo conhecimento de agronomia e da cultura sertaneja.

Os aspectos técnicos da agricultura, na narrativa sobre a vida nas fazendas, são contextualizados em uma época ainda não dominada pelo uso de fertilizantes químicos nem pela maquinaria industrial agrícola. Os procedimentos de plantio eram rudimentares e as culturas de subsistência tinham as colheitas coroadas com as tradicionais festas juninas.

O leitor, portanto, tem duas vias de apreensão do universo narrado: de um lado, a visão paradisíaca da memória infantil que se deslumbrava diante de tudo o que vivenciava como neto do proprietário das terras; de outro lado, a visão do profissional experimentado que, ao narrar, apresenta os problemas do semiárido e deixa entrever sugestões de saída para um desenvolvimento sustentável no presente já descaracterizado, na sua ótica, como Civilização da Seca.

O livro seguinte, *Vivências de um menino em uma fazenda sertaneja* (2019), desenvolve com mais detalhes alguns aspectos mencionados nas narrativas anteriores, a exemplo da prática tradicional das caçadas sazonais, especialmente a apanha da tanajura, a caçada de avoantes e a pega de preás. Para o leitor que experimentou uma infância em meio popular, torna-se quase impossível não puxar da memória o grito cantado “Cai, cai tanajura, que é tempo

de gordura” (ou “[...] na panela da gordura; [...] já é tempo de gordura; [...] tua mãe tá na gordura”, conforme a região).

A narrativa é enriquecida com informações biológicas sobre as espécies, em seus processos vitais e no âmbito do bioma do semiárido, bem como em acordo com a cultura. Assim, os informes científicos revelam o ponto de vista do narrador adulto e a divagação literária revela a retenção da memória da infância no mesmo narrador. A personagem que conta a história é, portanto, uma só, com duas facetas que se imbricam na escrita.

O ato de apresentar aspectos da cultura local, cuja formação é resultado de um longo processo, permite entrever, nela, possibilidades de desenvolvimento sustentável que, no entanto, têm sido desprestigiadas na sociedade contemporânea. Seja o caso da prática do mutirão, descrita na narrativa de um casamento na fazenda (cap. 5), atitude coletiva que, na atualidade, se mantém como fator de resistência no seio de movimentos altamente politizados ou, também, como traço residual da cultura de comunidades periféricas.

No capítulo dedicado ao ritual do velório e do enterro, emerge a tradição coletiva do “fazer quarto” ao defunto como uma espécie de despedida dos amigos e vizinhos, em uma cerimônia, praticamente, festiva e, portanto, diferente dos velórios urbanos modernos. Nesse costume regional, transparece um sentido do luto: talvez, uma vivência que relembra os feitos do defunto como um legado a ser compartilhado pelos que ficam.

A morte, tornada experiência, transforma-se em algo contíguo à própria vida, cujo seguimento é concretizado nos famosos enterros de anjos. O ritual das exéquias das crianças, além de festivo e poético, tem o sentido dessa continuidade: nele, os que ficam enviam recados a Nossa Senhora e a Jesus Cristo, pelo anjo, sob a forma de bilhetes. Vida e morte se fundem numa experiência, quiçá, menos traumática e mais harmônica.

Dentre as descrições apresentadas, chama a atenção também a da escola rural da comunidade, cujo espaço físico é praticamente fotografado pelo narrador. O ensino, contudo, é apresentado como um ritual que é regido pela professora, munida de uma palmatória de aroeira. Nem tudo, portanto, eram flores na cultura apresentada como vivências de um menino que passava férias na fazenda: o ensino, como ritual, remete à feição autoritária da sociedade, naquele momento da história.

Havia, não obstante o modo patriarcal e autoritário da organização social, aspectos interessantes a serem vistos como experiências merecedoras de adequação por parte dos protagonistas do desenvolvimento sustentável em curso. Além do mutirão, mencionado, sobressai-se o trabalho e o lazer em torno do cultivo da oiticica como árvore provedora de vida no bioma do semiárido sertanejo e nordestino.

Assim, sob o símbolo da oiticica, podemos considerar a trilogia apresentada por Benedito Vasconcelos Mendes como um texto de leitura enriquecedora para pesquisadores e escritores interessados em explorar aspectos da cultura do semiárido nordestino, sobretudo no que a região tem a oferecer para o desenvolvimento do país, em contexto tão desagregador como o atual.

Se aquela Civilização da Seca está exaurida, de acordo com a tese do autor, o semiárido permanece como bioma. Cabe aos poderes públicos fornecer os meios de desenvolvimento da região. Como conhecimento acumulado, as obras apresentadas teriam muito a contribuir para uma revitalização de aspectos aparentemente hauridos, porém aptos a contribuir com a nossa vida presente.

REFERÊNCIAS:

MENDES, Benedito Vasconcelos. *As artes na civilização da seca*. Mossoró-RN: Sarau das Letras, 2017.

MENDES, Benedito Vasconcelos. *Lembranças Campestres*. Mossoró-RN: Sarau das Letras, 2017.

MENDES, Benedito Vasconcelos. *Vivências de um menino em uma fazenda sertaneja*. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2019.

HUMBERTO HERMENEGILDO DE ARAÚJO é poeta e escritor, professor aposentado da UFRN. Membro da Academia Norte-rio-grandense de Letras e do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte. Autor de diversos livros, dentre eles, “Rastejo” (romance) e “Argueirinha” (poemas).

QUEM FOI LAMPIÃO?

Benedito Vasconcelos Mendes

Virgulino Ferreira da Silva, autodenominado “Capitão Virgulino, Governador do Sertão” e também conhecido pela alcunha de “Lampião, o Rei do Cangaço”, foi o mais famoso, o mais temido, o mais sanguinário, o mais cruel, o mais desumano de todos os cangaceiros brasileiros.

Segundo a crença popular, a alcunha “Lampião” foi dada devido à rapidez com que ele manjava seu antigo rifle Papo Amarelo (rifle Winchester, modelo 1873, de fabricação americana), que nos combates noturnos provocava um clarão semelhante ao produzido pelo farol de iluminação caseira, conhecido por lampião a querosene.

Inteligente e conhecedor do ambiente seco e quente do Polígono das Secas, especialmente de sua vegetação, de seu território e de sua fauna, desenvolveu uma estratégia de sobrevivência na caatinga baseada no alimento, na água, na medicina caseira, no conluio com os coronéis coiteiros e na perícia de se defender e atacar as volantes (polícia) no ambiente sertanejo e, com isso, tornou-se o maior estrategista de combate na caatinga de todos os tempos.

Fenotipicamente, Lampião era uma figura esbelta, de estatura entre mediana e alta, amulatada, semicorcunda, queixo desenvolvido, mãos excessivamente grandes, com dedos finos e compridos e o olho direito cego por uma estrepada de espinho de quipá (cactácea nativa do Nordeste).

Foi um cangaceiro nascido no final do século XIX e que viveu nas três primeiras décadas do século XX, na região seca do Nordeste brasileiro. Veio ao mundo no dia 4 de junho de 1898, na cidade sertaneja de Vila Bela, hoje Serra Talhada, localizada no Vale do Rio Pajeú, em plena região semiárida pernambucana. Morreu no dia 28 de julho de 1938, quando estava homiziado com parte

de seu bando de cangaceiros na Grota de Angico, no município sergipano de Porto da Folha. Com a criação do novo município, a Grota de Angico passou a pertencer ao município de Poço Redondo- SE. Foi morto a tiro de fuzil pelo soldado Sebastião Vieira Sandes, alcunhado de Santos, pertencente à volante comandada pelo então Tenente João Bezerra (João Bezerra da Silva, 1898- 1970), da Polícia Militar do Estado de Alagoas. Neste ataque morreram Lampião, Maria Bonita e mais nove cangaceiros, além do soldado Adrião Pedro de Souza, 1915-1938, da volante de João Bezerra. Suas cabeças foram expostas e fotografadas na cidade alagoana de Piranhas. As de Lampião e de Maria Bonita foram levadas para a Faculdade de Medicina da Bahia, em Salvador, para serem estudadas pelos médicos-legistas, com a finalidade de provar a existência ou não de características lombrosianas. Depois ficaram expostas no Museu Antropológico Estácio de Lima, localizado no prédio do Instituto Médico Legal Nina Rodrigues, até 1969, quando foi exigido na justiça o sepultamento. Lampião não possuía características faciais típicas (face lombrosiana) de quem tinha tendência para o crime violento, como preconizava a teoria do médico psiquiatra italiano Cesare Lombroso.

Pertencia a uma família de pequenos produtores rurais, tinha sete irmãos (quatro mulheres e três homens) e seus pais, ajudados pelos filhos, viviam como os demais catingueiros da região, tirando o sustento da família da exploração da terra, praticando a agricultura de subsistência, plantando feijão, milho, mandioca, batata-doce, melancia, jerimum e outras culturas, cultivando algodão mocó, criando aves domésticas, galinhas, capotes, patos e perus, criando cabras, ovelhas, jumentos, burros, cavalos e uns poucos bovinos, além de ter trabalhado como almocreve.

Nos sertões pernambucanos, os pequenos produtores rurais de sua época praticavam, também, o extrativismo de madeira para carpintaria, marcenaria, construção civil, cerca, lenha e carvão. Caçavam, pescavam e coletavam frutos comestíveis das plantas nativas e mel de abelhas silvestres. Podemos dizer que, socioecono-

micamente, a família de Lampião pertencia à classe média baixa. Lampião, antes de entrar para o cangaço, sofreu as consequências da tenebrosa e severa seca de 1915, que foi tão bem descrita pela romancista cearense Raquel de Queiroz, em seu famoso livro *O quinze*. Já vivendo fora da lei, testemunhou as catastróficas secas de 1919 e de 1932. Como habitante do sertão semiárido, Lampião assistiu ao sofrimento dos sertanejos nos períodos das calamidades climáticas, quando, devido à carência de chuvas, não conseguiam cultivar seus roçados, faltavam água e alimentos para o gado e para o homem. O gado morria de fome e sede e o povo adoecia e percia de fome e das epidemias de cólera, varíola e catapora. Os sertanejos que viviam na região atormentada pelas secas periódicas sofriam muito, pois as doenças, a falta de alimentos e a morte de seus entes queridos e de seus animais domésticos os obrigavam a fugir para os seringais da Amazônia, para trabalhar na coleta da borracha de seringueira e, tempos depois, passaram a migrar também para as regiões Sul, Sudeste e Centro-Oeste do país.

Lampião foi alfabetizado na antiga e precária escola rural, onde o mestre-escola o ensinou a ler, escrever e a contar. Ele passou a infância e o início da adolescência trabalhando no campo com seu pai. Ainda muito jovem, trabalhou como artesão de couro, confeccionando arreios e outros artefatos, e como almocreve, transportando em lombos de burros produtos alimentícios para as feiras e casas comerciais das vilas e cidades regionais. Após a morte de seu pai, entrou para o bando de seu tio Antônio Matilde (Antônio José Ferreira) e depois para o grupo do cangaceiro Sinhô Pereira (Sebastião Pereira e Silva, 1896-1979), seu conterrâneo de Serra Talhada. Pouco tempo depois, em 1922, ocupou o lugar do seu chefe, que abandonou o cangaço e foi morar em Goiás. Lampião, ao entrar na vida bandoleira, levou seus dois irmãos mais velhos, Livino Ferreira da Silva, apelidado “Vassoura”, e Antônio Ferreira da Silva, conhecido por Esperança, e tempos depois trouxe para o cangaço seu irmão mais novo, Ezequiel Ferreira da Silva, cognominado Ponto Fino.

Foram seus pais José Ferreira da Silva e Maria Vieira da Soledade. Seu pai foi morto a tiro pelo Segundo Tenente José Lucena de Albuquerque Maranhão (1890), no terreiro de sua casa, na cidade alagoana de Mata Grande, onde, poucos dias antes, também tinha morrido sua esposa. Segundo a literatura, Lampião, seu pai e sua mãe usaram vários sobrenomes, daí o grande número de nomes próprios que tinham, principalmente sua mãe. O documento de onde tiramos a data de nascimento de Lampião e o nome completo de sua mãe foi a sua Certidão de Batismo (Batistério), fornecida pelo Vigário da Paróquia de Floresta, da Diocese de Pesqueira-PE, Padre Joaquim Antônio de Siqueira Torres, com data de 6 de agosto de 1961.

Lampião pertencia a uma família valente e muita unida, sob a liderança firme de seus atormentados pais, que passaram os últimos anos de vida envolvidos em confusões criadas pelos seus três filhos mais velhos (Antônio, Livino e Virgulino). Sua família teve que deixar sua terra natal, Serra Talhada, e fugir para outras cidades, primeiramente para a fazenda Poço do Negro, próxima a Nazaré do Pico, Distrito de Floresta-PE, e depois para os municípios alagoanos de Água Branca e Mata Grande, sendo este último o município onde morreram sua mãe e seu pai. José Ferreira, pai de Lampião, foi morto pela polícia em consequência de roubos e brigas praticados por seus filhos. Sua mãe faleceu de morte natural. O primeiro litígio da família Ferreira ocorreu ainda quando ela residia em Serra Talhada, ocasião em que seu vizinho José Saturnino (José Alves de Barros) entrou em desavença com os filhos de José Ferreira, por motivo de roubo de criações. Devido a esta briga, a família de José Ferreira ficou peregrinando por vários lugares em Pernambuco e Alagoas, para fugir das perseguições policiais, a mando de José Saturnino e/ou em consequência de roubos e confusões realizados pelos irmãos Ferreira. Em um curto período de tempo, a família Ferreira mudou-se de Serra Talhada para Floresta-PE e daí para a cidade alagoana de Água Branca e de lá para Mata Grande, também em Alagoas. O clima de conflito entre a família Ferreira e a de José Saturnino induziu Lampião e seus irmãos para

o banditismo. José Saturnino, quando menino, era amigo de Lampião. Sua família tinha mais posses do que a de Lampião, mas não chegava a ser considerado coronel do sertão.

Naquela época, os latifundiários, que eram as pessoas mais ricas do sertão, eram chamados de coronéis, pertenciam a uma classe social privilegiada, e, além de serem detentores de extensas áreas de terra, possuíam poder econômico e político nas vilas e cidades sertanejas, e se arvoravam de donos da lei e da polícia. Com prepotência, truculência e arrogância perseguiram, prendiam, torturavam e matavam seus desafetos. Mandavam no povo porque tinham dinheiro, prestígio e “votos de cabresto” para eleger os políticos que lhes garantiam o poder local. O povo pobre, abandonado pelo poder público, só tinha uma opção: aceitar a ordem estabelecida pelos ricos e poderosos.

José Saturnino, embora não fosse considerado coronel do sertão, era valente, tinha prestígio com a polícia, enfrentava e perseguia o pai, o próprio Lampião e seus irmãos.

Os irmãos Ferreira sentiam-se injustiçados e não aceitavam a prepotência e os insultos de Saturnino, o que os estimulou a pretendem fazer justiça com as próprias mãos, escolhendo a vida cangaceira.

A religiosidade de Lampião, dos demais cangaceiros e de todo o povo do sertão era baseada no misticismo herdado dos tapuias, na romaria para venerar os santos populares, eleitos pelo povo, como Padre Ibiapina, Padre Cícero e Beato Antônio Conselheiro. No sertão semiárido, existem os santos populares, santificados pelo povo, mediante o endeusamento dos líderes religiosos carismáticos, como ocorreu com o Padre Ibiapina, Beato Antônio Conselheiro, Padre Cícero, Frei Damião, Beato Zé Lourenço, Beato José Senhorinho e outros.

Lampião acreditava nas orações fortes, para adquirir corpo fechado, e nos amuletos, para se proteger das armas dos inimigos. Ele usava orações manuscritas dentro da carteira de dinheiro e/ou acondicionadas em saquinhos de couro, pendurados no pescoço,

como proteção contra facadas e balaços. Era um devoto incondicional do Padre Cícero e se ajoelhava em plena caatinga para rezar e pedir proteção aos santos de sua devoção.

Era costume dos cangaceiros pedir às rezadeiras sertanejas para fechar seus corpos com a oração de São Bento. Eles acreditavam que, tendo o corpo fechado, estariam protegidos das armas dos seus inimigos.

Os cangaceiros praticavam a medicina popular usada pelos sertanejos para a cura de suas doenças. Seus remédios caseiros geralmente eram as banhas de animais e aqueles feitos com partes de plantas. Para o tratamento de muitas doenças, usavam a banha de tejo, banha de cobra cascavel, banha de raposa, banha de cágado, banha de jia, banha do peixe traíra e banha de galinha. Utilizavam também raízes, cascas de caules, folhas, flores, sementes e frutos das plantas, para fazer unguentos, cataplasmas, chás, xaropes, garrafadas e lambedores, visando curar os mais diferentes males. Os ferimentos a bala eram sarados com pimenta malagueta e sal grosso. Os golpes de faca eram costurados com linha zero e agulha grande de coser tecido grosso.

Nas horas de lazer, em seus esconderijos na caatinga, alegros pela cachaça, Lampião e seus cangaceiros declamavam poesias de cordel, cantavam, tocavam sanfona, zabumba e dançavam o xaxado (dança para homens, na qual a mulher era substituída pelo rifle). Jogavam baralho (cartas), dados (bozó) e outros jogos para se distraírem.

A alimentação dos cangaceiros tinha como base o feijão de corda; o milho; a farinha e a goma de mandioca; a rapadura; o queijo de coalho; a manteiga da terra; a banha, o toucinho e a carne de porco torrada e mergulhada na gordura e a carne de gado seca (carne de boi salgada e seca ao sol). A cabra, o carneiro, a galinha, os peixes de água doce nativos dos rios da região (curimatã, traíra, piau, cangati, muçum, cascudo e outros) e as caças de animais silvestres (preá, mocó, tejo, tatu, tamanduá, veado catinqueiro, avoante, rolinha, juriti, marreca, pato selvagem, asa branca

e muitos outros animais) também faziam parte da alimentação dos membros do bando.

Os cangaceiros usavam uma vestimenta especial, que lhes conferia uma estética própria, formada pelo chapéu de couro, bernal, cabaça d'água, matulão, cartucheira, lenço de pescoço e casaco de mangas compridas e bolsos. Calçavam alpercatas de couro e suas armas brancas eram o punhal, com cabo artisticamente trabalhado, e o facão, que era usado para serviços gerais e, às vezes, para decepar a cabeça de inimigo já morto. O punhal de Lampião era exageradamente grande, com 82 centímetros de comprimento, muitas vezes usado para ser introduzido na “saboneteira” (fossa clavicular esquerda, localizada acima da clavícula) para atingir o pulmão e o coração de suas vítimas. Lampião usava como armas de fogo a pistola (Parabellum), o rifle Papo Amarelo, usado até 1926, e o fuzil Mauser, modelo 1908, calibre 7x57, usado após 1926.

A indumentária dos cangaceiros do grupo de Lampião primava pela beleza e utilidade. O chapéu de couro e o bernal eram enfeitados com artísticos bordados. O chapéu típico do cangaço tinha as abas dobradas e decoradas com belas peças de couro, moedas de prata ou ouro, medalhas de santo e estrela de David feita de metal, pregadas na aba da frente do chapéu. Lampião era um exímio costureiro e usava máquina de costura manual.

Lampião, muito vaidoso que era, gostava de ver e ler nos jornais a sua fotografia e a de seu bando de cangaceiros, bem como as reportagens e artigos que escreviam sobre ele e seu grupo de malfeitores. Fazia seu marketing pessoal nas entrevistas que dava, quando se autoproclamava Capitão Virgulino, o Rei do Cangaço e Governador do Sertão. O povo o tinha como muito corajoso, valente, malvado, rico e poderoso. Ele gostava de distribuir dinheiro em moedas para as crianças e de retribuir favores aos coiteiros. Lampião, ao longo de seus mais de 20 anos de vida cangaceira, praticou, ele e seus cabras, os mais cruéis castigos e mortes às suas vítimas. O povo amedrontado imputava os mais hediondos crimes

a Lampião e seu grupo, como os de castrar, estuprar, sangrar, cortar a língua, cortar orelha, ferrar no rosto com ferro quente e outros terríveis suplícios. Um dos mais hediondos métodos de matar usado por Lampião e seu bando era sangrar a jugular ou a carótida de suas vítimas. Degolar seus inimigos e expor as cabeças em estradas e em outros locais públicos eram uma prática comum entre os cangaceiros e volantes, usada como forma de intimidação.

Lampião conquistou um grande leque de amigos entre os coronéis sertanejos, aqueles latifundiários que detinham o poder político e econômico no sertão e por isso dominavam a justiça e a polícia. Nos sertões nordestinos, na primeira metade do século XX, vigorava a “lei do mais forte”.

Os coronéis eram pessoas privilegiadas, que conseguiam o que queriam pela força das armas. Geralmente residiam em suas fazendas de criação de gado, cuja casa-sede em que habitavam era semelhante a um bunker, guarnecido pelos jagunços. Possuíam verdadeiros exércitos de capangas, disfarçados de vaqueiros. Esses coronéis geralmente mantinham estreita aliança com Lampião, na esperança de, quando necessitassem, receber o reforço armado do Rei do Cangaço, em suas eventuais contendas políticas. Forneciam a Lampião armas, munições, hospedagem, proteção e comida para o bando, quando estavam arranchados em suas fazendas. Esses coronéis políticos do sertão eram detentores de grande prestígio e eram cortejados pela sociedade. Geralmente eram coiteiros do Rei do Cangaço e, sem eles, jamais Lampião teria se mantido tanto tempo vivo e sem ser preso.

Com exceção do Maranhão e Piauí, Lampião atuou em todos os outros Estados nordestinos, invadindo fazendas, vilas e cidades para roubar dinheiro, jóias, alimentos, armas e munições. Extorquia e matava com crueldade, como meio de vida, com o único objetivo de tirar proveito material. Lampião aterrorizava a população sertaneja para impor seu poder. Provocava o medo e a intimidação para se manter com autoridade perante o povo. Não

tolerava traição e aquele que comunicasse às volantes (polícia) o local do seu esconderijo pagaria com a vida, após ser brutalmente torturado, para servir de exemplo aos demais moradores da região.

Os grupos de cangaceiros eram formados somente por homens, mas em 1930 Lampião inovou o cangaço levando Maria Bonita para conviver com ele, passando ela a fazer parte do seu grupo de cangaceiros e a partir daí começou-se a permitir a presença de mulheres no cangaço. A entrada de mulher no grupo de cangaceiros só era permitida se ela fosse amante de algum membro. Lampião não aceitava mulher descompromissada no seu bando, tinha que estar amigada com algum cangaceiro. As mais famosas cangaceiras foram Maria Bonita (Maria Gomes de Oliveira, 1911-1938); Dadá (Sérgia Ribeiro da Silva, 1915-1994), companheira de Corisco; Lídia de Zé Baiano; Enedina de Cajazeira, Sila, mulher de Zé Sereno; e Durvinha, amante de Moreno.

Lampião visitou o Padre Cícero (Cícero Romão Batista, 1844-1934) em Juazeiro do Norte em 1926, onde recebeu a patente falsa de Capitão do Batalhão Patriótico, criado pelo Deputado Floro Bartholomeu da Costa (1876-1926) para combater a Coluna Prestes, que à época estava rondando os sertões nordestinos. Lampião recebeu também fardamento e fuzis doados por Floro Bartholomeu, com a justificativa de que iria combater a Coluna Prestes.

A maior façanha de Lampião foi invadir a cidade de Mossoró, no Rio Grande do Norte, no dia 13 de junho de 1927. À época, esta cidade já era desenvolvida e populosa, com cerca de 25 mil habitantes. Os invasores foram rechaçados pela população, sob a liderança do Prefeito Rodolfo Fernandes (Rodolfo Fernandes de Oliveira Martins, 1872-1927).

BENEDITO VASCONCELOS MENDES é engenheiro agrônomo e escritor. Foi professor titular e diretor da antiga Escola Superior de Agricultura de Mossoró (ESAM), hoje Universidade Federal Rural do Semiárido (UFERSA). É membro da Academia Norte-rio-grandense de Letras.

CURIOSIDADES E HUMOR NA HISTÓRIA DA MEDICINA – PARTE 2

Armando Aurélio Fernandes de Negreiros

A primeira parte dessas **Curiosidades e humor na história da medicina** foi publicada na REVISTA DA ANRL N° 57 – OUTUBRO / DEZEMBRO de 2018. Neste número damos continuidade. Os livros pesquisados foram: **Admirável mundo médico** e **As belas artes da medicina** do colega Armando José China Bezerra; **A paixão transformada**, **A face oculta** e **A língua de três pontas**, de Moacyr Scliar; **O século dos cirurgiões**, de Jürgen Thorwald; **A assustadora história da medicina**, de Richard Gordon e **A arte secreta de Michelangelo** de Gilson Barreto e Marcelo G. de Oliveira.

1. Louis Pasteur (1822 – 1895), que não era médico, criou a vacina antirrábica e contra o antraz. O antraz foi o primeiro germe que se provou ser causador de uma doença no homem.
2. Assim como o nome “salmonela” é uma homenagem ao seu classificador, o americano Daniel Elmer Salmon (1850 – 1914), as “rickettsias”, que causam o tifo exantemático, foram descobertas pelo também americano Howard Taylor Ricketts (1817 – 1910).
3. O auto experimentalismo era comum. Assim é que Jesse Lazear (1866-1900) deixou-se picar por mosquitos infectados com o vírus da febre amarela.
4. Mais cruel foi Patrick Manson (esse nome Manson parece ser apocalíptico, lembrem-se de Sharon Tate, aos 26 anos de idade, assassinada barbaramente por Charles Manson em 1969?) que manteve o seu filho trancafiado em um quarto até ser bastante picado pelos anofelinos, para mostrar ao mundo como

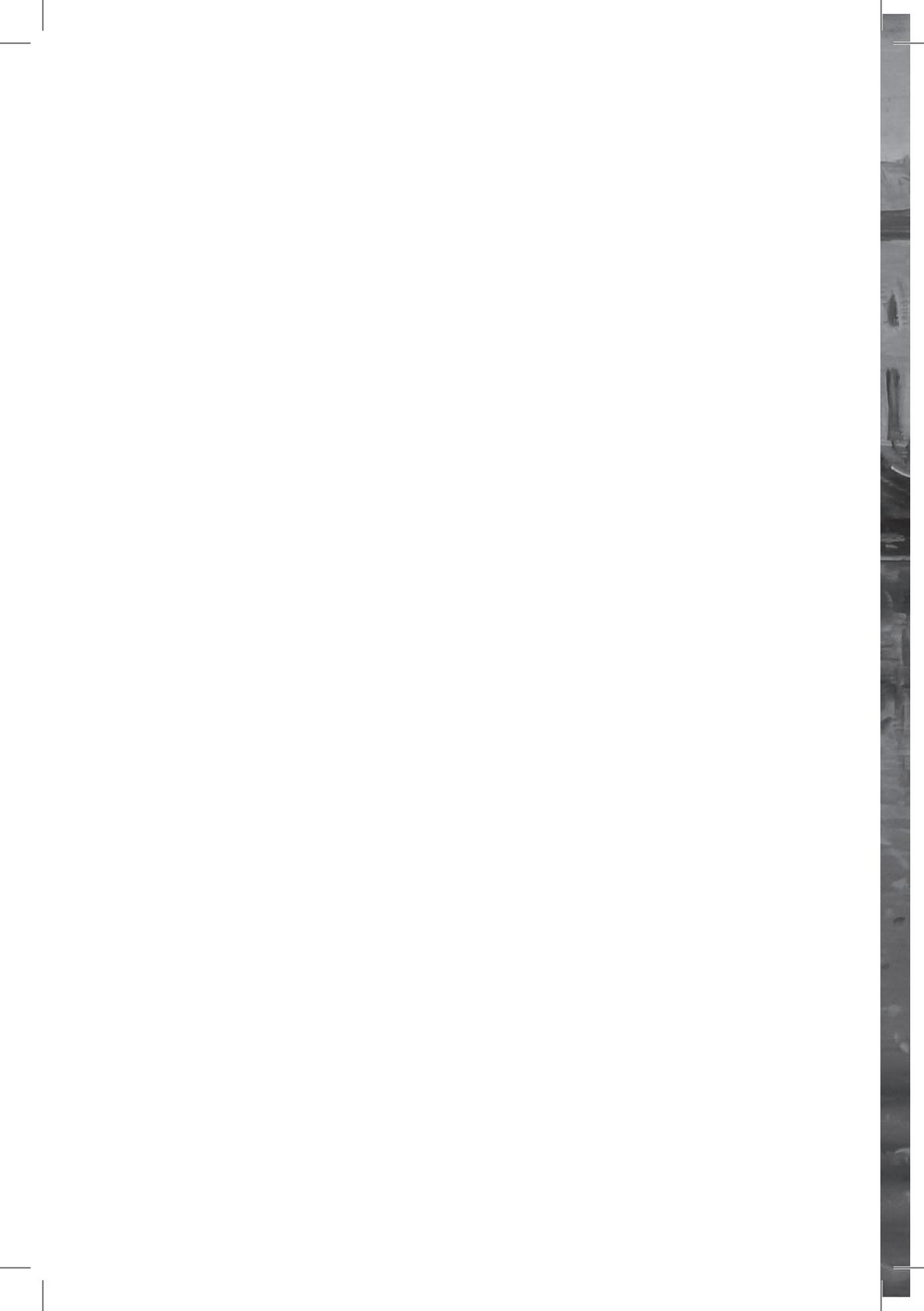
- ocorria a inoculação do parasita da malária.
5. Aulus Cornelius Celsus (53 a.C. a 7 d.C), médico escritor, já escrevia no livro *De arbitus*, um capítulo intitulado *De res medica*, os quatro sintomas básicos da inflamação: dor, rubor, tumor e calor.
 6. O fato do monge Rasputin ter resistido à ingestão de cianureto de potássio se deveu à uma insuficiência congênita de ácido clorídrico estomacal, de cuja reação seria liberado um gás que o levaria à morte por anóxia química.
 7. Alexander Fleming (1881-1955) em 1928 observou que em placas contaminadas por fungos não nasciam bactérias. Apenas dez anos depois Ernest Chain e Howard Florey descobriram que era o fungo do gênero *Penicillium* que tinha poderes germicidas. Em 6 de agosto de 1942 os três salvaram um paciente com meningite e por isso foram agraciados com o Nobel de medicina em 1945. Até então não havia antibiótico para se tratar uma simples (ora, simples!) gonorréia.
 8. Cosme e Damião, provavelmente irmãos gêmeos, eram sicilianos. Cosme médico, Damião, farmacêutico. Cristãos, se viram combatidos pelo império romano. Mortos, danaram-se a fazer milagres. Em Mossoró o milagreiro é o assassino cruel Jararaca, com crentes ignorantes fazendo fila no seu túmulo. Já o herói que enfrentou Lampião, Coronel Rodolfo Fernandes, é completamente esquecido. Depois voltaremos a esse tema.
 9. Havia o hábito – e por incrível que pareça ainda há quem o cultive – de se fazer segredo de algumas descobertas em medicina. Assim é que Peter Chamberlain (1560-1631) inventou o fórceps e conseguiu mantê-lo em segredo de família por 125 anos.
 10. O intestino de carneiro foi utilizado como camisinha: era a **tripa profilática**. Depois foram feitas com linho e tinham que ser molhadas antes do uso. Em 1843 com o advento da vulcanização da borracha, houve o *boom* das camisinhas e foi

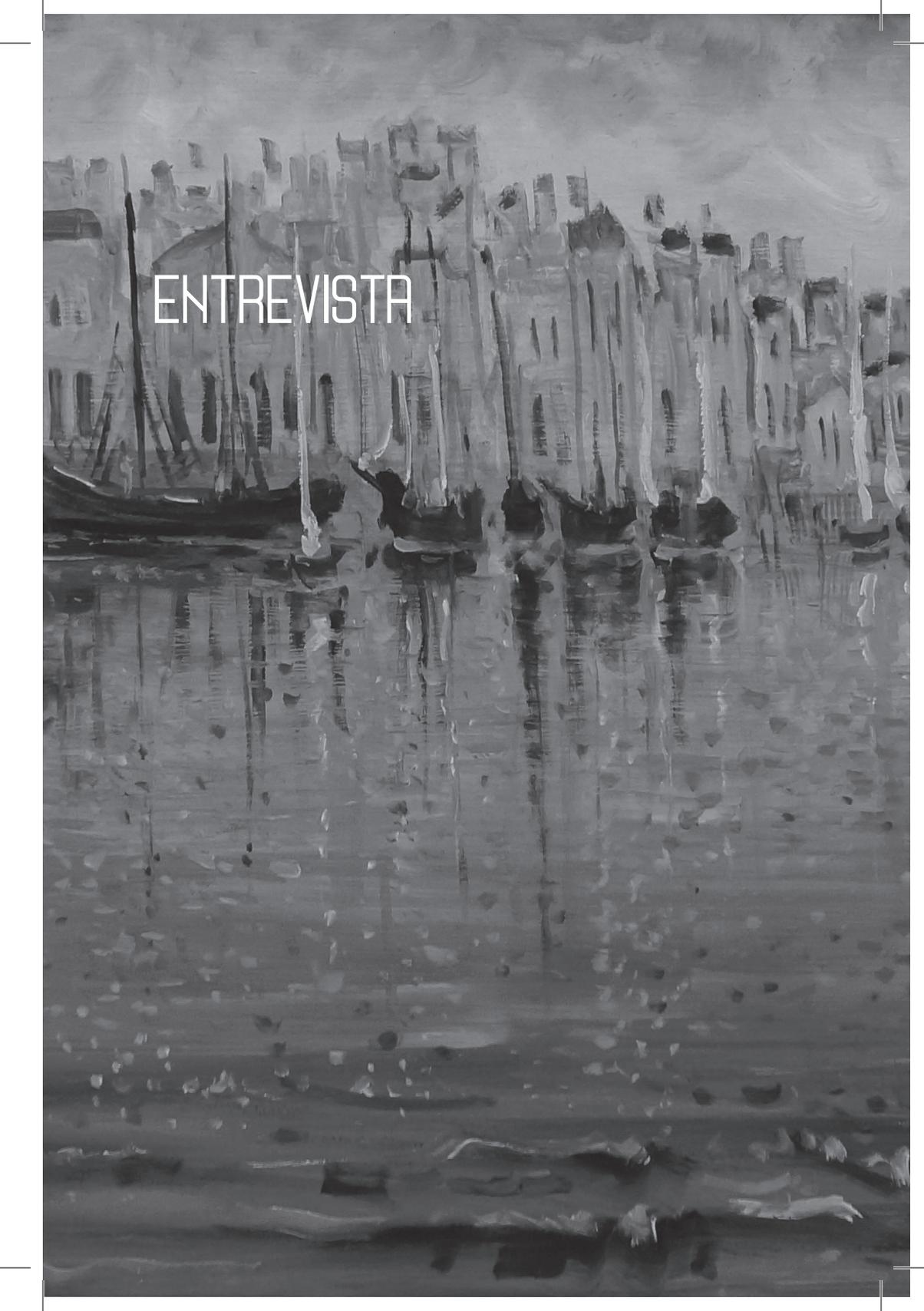
Condom o primeiro médico inglês a prescrevê-las. É chamada de camisa de Vênus numa alusão à deusa da fertilidade, a mesma Afrodite. Doença venérea vem de Vênus, assim como Hermafrodita foi um filho de Hermes com Afrodite que nasceu com duplo sexo.

11. O tendão de Aquiles é utilizado figurativamente como o ponto frágil do ser humano. Isso se deve à mãe de Aquiles que, ao batizá-lo no lago sagrado de Stix, segurou-o pelos calcanhares e ao imergi-lo de cabeça para baixo, todo o seu corpo estava bento, exceto os tornozelos. Durante um combate na guerra de Tróia, uma flecha adversária atingiu-o no tendão calcâneo, pondo-o fora do combate.
12. A sífilis teve o seu nome originado de um poema de Girolamo Fracastoro, italiano de Verona, onde o personagem principal, Syphilus, estava acometido do *morbis gallicus*, ou pestilência do amor, por ter blasfemado contra Deus.
13. A origem daquelas enormes perucas, vistas ainda hoje em tribunais e parlamentos europeus, deve-se à tentativa de disfarçar a queda de cabelos provocada pela sífilis. Por serem chegados a orgias, os papas Alexandre VI, Júlio II e Leão X morreram de sífilis.
14. Nero, imperador romano, em 59 d.C. matou sua esposa, depois matou a amante e o marido dela, enfim engravidou a própria mãe, Agripina. Depois mandou matar a mãe e abrir o seu ventre para ver de onde havia saído.
15. A cesariana teve origem numa ordem de Julio César que estabeleceu que, diante da possibilidade de morte da mãe e da criança, durante o trabalho de parto, o médico poderia abrir o ventre da mãe na tentativa de salvar o feto. Muitas vezes se confunde essa história com a de Nero, relatada no parágrafo anterior.
16. Segundo a mitologia grega o primeiro a nascer de uma cesariana foi Asclépio (o mesmo Esculápio dos romanos), deus da medicina e filho de Apolo com Coronis. Esta, embora prome-

- tida ao primo Ísquis, engravidou daquele. A deusa Ártemis, irmã de Ísquis, condena Coronis à pira fatal, mas Apolo intervéem e retira o seu filho do ventre materno. Asclépio foi criado pelo centauro Quiron (metade homem, metade cavalo) que lhe ensinou a arte de curar com fitoterápicos. Zeus (o mesmo Júpiter) temendo que ele tornasse os homens imortais, pelos seus conhecimentos médicos, fulminou-o com um raio.
17. O estetoscópio (*stethos* tórax, *kopos*, observação) foi inventado devido à timidez de René Laennec (1781 – 1826) que, ao sentir-se constrangido de auscultar diretamente uma bela donzela, enrolou uma folha de cartolina, deixando uma extremidade mais larga do que a outra. Para sua surpresa o som saiu amplificado. O esfigmomanômetro (tensiômetro, aparelho de pressão) surgiu em 1905, desenvolvido pelo russo Nikolai Korotkoff.
 18. A protetora das mamas femininas e dos mastologistas é Santa Águeda (ou Ágata), siciliana que por recusar as ofertas amorosas de Quinciano, foi queimada viva, tendo antes as mamas amputadas, no ano de 250. Falou para o carrasco:
 19. - Você não tem vergonha de amputar os seios de uma mulher, se você, quando criança, se alimentou nos seios de uma mulher?
 20. O deus grego do casamento é o *Hymen* e o *hymeneu* o cântico entoado na solenidade. Foi Vesalius quem denominou a polêmica membrana situada no introito vaginal de hímen.

ARMANDO NEGREIROS é médico e escritor. Membro da Academia Norte-rio-grandense de Letras e de outras instituições culturais. Autor de vários livros, dentre eles “A Folga da Dobra”.





ENTREVISTA



RICARDO LÍSIAS: “COMO CONJUNTO, O MEIO LITERÁRIO É TÃO CONSERVADOR QUANTO O RESTO DO PAÍS...”

Nesta entrevista, concedida com exclusividade ao escritor mossoroense Thiago Jefferson Galdino, o escritor e professor Ricardo Lísias fala dos seus livros e comenta vários outros assuntos de interesse cultural.

THIAGO GALDINO: Como foi a sua infância em São Paulo, especialmente no que diz respeito a sua formação como leitor?

RICARDO LÍSIAS: Minha infância se deu basicamente nos anos 1980 em uma família de classe média na periferia de São Paulo (que era um local bem menos violento que hoje) em uma família sem nenhum privilégio e, ao mesmo tempo, nenhuma insegurança financeira, já que constituída por funcionários públicos. Minha família sempre gostou de ler e o acesso aos livros era fácil. Eu também frequentava bibliotecas. Meu avô era professor de inglês aposentado, o que também me deu certa familiaridade com idiomas estrangeiros. Em resumo, tudo se voltava para a literatura, inclusive o gosto do resto da família por artes. Embora não pratiquem de forma profissional, minha irmã é ligada ao teatro e meu irmão, à música clássica.

TG: Em “*O céu dos suicidas*” (Editora Alfaguara, 2012), você parte de um processo traumático real para tratar de um assunto penoso: o suicídio de André, seu amigo, ocorrido em 2008. Ainda que o narrador personagem se chame Ricardo Lísias, ele não é

o escritor que assina o texto. Trata-se, portanto, de um romance ficcional. Recentemente, houve um episódio de censura em uma escola de São Paulo que culminou na demissão de um professor que tentou adotar o livro em sala de aula. Qual o argumento dado pela instituição para justificar o ato extremo?

RL: Trata-se da barbaridade do nosso tempo. A escola achou que o livro poderia incitar o suicídio entre os alunos. Quando a história se tornou pública, inventaram uma razão formal qualquer. No final das contas, acho que foi uma questão política: o professor é uma pessoa de esquerda (discreto mas decidido), é um não-conformista e muito bem considerado pelos alunos. Na verdade, é um fenômeno. Acho que a escola resolveu afastá-lo por conta disso e inventou essa barbaridade. Vivemos uma era, além de tudo, em que os mesquinhos, os fracos, agora estão indo atrás de vingança contra os brilhantes, e o professor que adotou meu livro é uma unanimidade entre os alunos. Nunca vi nada igual. Por isso também foi vítima dos mesquinhos que tinham autoridade escolar.

TG: Ainda no campo da autoficção (termo cunhado por Serge Doubrovsky para denominar um tipo de literatura situada entre autobiografia e ficção), você lança, em 2013, “*Divórcio*” (Editora Alfabeta). Aqui, outra vez, o narrador personagem é o Ricardo Lísias, em sua difícil tarefa de se recompor após encontrar o diário da esposa, onde descobre, entre tantas coisas, relato de traição da mulher, cometida no início do casamento. Longe de toda polêmica gerada pelo livro, qual a posição do autor, bem como os limites éticos do gênero?

RL: Não tenho muita certeza se entendi a questão. Tenho bastante dificuldade em ligar ética à arte, por um motivo claro: no geral leva à censura. O que aconteceu no romance *Divórcio* foi que alguns grupos resolveram dizer que meu livro não é um romance, mas uma mera narrativa de fatos que eu teria vivido. E segundo esse grupo essa narrativa não deveria/poderia ter sido feita. Acho

que não há nada nisso para uma discussão razoável.

TG: “*Divórcio*” (Editora Alfaguara, 2013) também cria um duro estereótipo da classe jornalística e põe em pauta a questão do sigilo da fonte. Qual a sua opinião sobre esta garantia constitucional?

RL: O sigilo da fonte é um direito fundamental, que deve ser mantido sem nenhuma dúvida. O que o livro discute é um tipo de jornalismo que se baseia exclusivamente em informações de fontes em *off*, sem mais nenhum tipo de trabalho, ainda mais no que diz respeito ao ambiente artístico, cultural e intelectual. Também critiquei a necessidade do “furo” que, nesse ambiente, me parece algo meramente ridículo. Por fim, diversas revelações do site *Intercept* estão mostrando como setores da imprensa utilizam vazamentos de maneira irresponsável, muitas vezes criando uma verdade que politicamente lhes interessa.

TG: A vida imita a arte, ou a arte faz parte da vida?

RL: A arte é algo que está na nossa vida, como estão todas as outras instâncias, objetos, sensações, criações e qualquer outra coisa que nosso engenho venha a criar. Mesmo uma imitação é algo que faz parte da vida, tem sentidos próprios e se relaciona com o que pretende imitar. Não vejo sentido lógico em achar que a arte está separada da vida. Nada está.

TG: Em 2014 você publica uma série de e-books, em cinco volumes, sob o título “*Delegado Tobias*” (E-galáxia). A narrativa (em formato de folhetim), de caráter fracionário, estendia-se às redes sociais, onde o personagem central, munido de perfil virtual, comunicava-se com os leitores. O espaço artístico testado, aqui, tem por propósito levar a literatura para além das suas fronteiras?

RL: Eu pretendia de fato compreender como novos suportes podiam oferecer ferramentas inéditas para criar novas narrativas. Não acho que o e-book seja somente um suporte a mais para uma leitura chapada. Ele pode até servir para isso, mas creio ser bastante possível pesquisar novas linguagens, ferramentas particulares, possibilidades desconhecidas ou, se não tudo isso, como obter algo diferente da mera leitura na tela. Por isso desenvolvi esse projeto, que considero um dos meus trabalhos mais bem sucedidos, embora deva confessar que a conclusão final (o inquérito aberto pela Procuradoria Geral da República) tenha me surpreendido bastante.

TG: Sobre a sátira “*Diário da cadeia – com trechos da obra inédita Impeachment*” (Editora Record, 2017), que problema surge quando o pseudônimo utilizado se assemelha à realidade?

RL: No caso, o que ocorreu foi que a figura mais satirizada pelo livro, o ex-deputado federal Eduardo Cunha, hoje bastante esquecido apesar da centralidade de sua atuação para chegarmos onde estamos, não gostou obviamente nem um pouco do trabalho e agiu para diluí-lo. Como eu assinava com o nome dele (embora avisasse desde a capa que não se tratava dele), um grupo de advogados contou meias verdades para a justiça, que acabou aceitando-as sem maiores cuidados e o livro foi proibido. Depois disso consegui inúmeras vitórias na justiça e solicitei a reconvenção. O processo que abri contra o ex-deputado ainda está para ser julgado na 1ª instância, o que deve ocorrer a qualquer momento. Com isso quero provar que o nome que assina um livro atualmente faz parte da narrativa. Ressalto que a ação na justiça serviu para a diluição da força política do projeto.

TG: Com “*Delegado Tobias*” (E-galáxia, 2014) você foi alvo de inquérito policial e a Polícia Federal passou a investigá-lo por falsificação e uso de documento público falso. Posteriormente, o

livro “*Diário da cadeia – com trechos da obra inédita Impeachment*” (Editora Record, 2017) concebeu longa discussão estilística e, também, ação judicial. Há quem diga que você se concentra em polêmicas de forma intencional...

RL: Em um ambiente em que proliferam o bom comportamento, a política da camaradagem, o jogo do elogio fácil e a troca de favores, evidentemente que o cultivo de tensão e a criação de um espaço independente e agressivo diante da realidade seria tomado como tentativa de polêmica. Não acho estranho. Só me espanta alguém acreditar que talvez por algum tipo de esporte mórbido eu atrairia processos contra mim que incluem, inclusive, pedidos de prisão. Acho que, por fim, quem acredita nisso não tem a menor noção de como funciona o Direito e o Poder Judiciário, já que eu não tenho como exigir que um procurador me denuncie. Enfim, faz parte do tipo de ambiente do Brasil contemporâneo, o que demonstra o que venho dizendo: como conjunto, o meio literário é tão conservador quanto o resto do país...

TG: O experimento “*Diário da catástrofe brasileira*”, em constante renovação, se encontra, no momento, dividido em cinco tomos: Transição; A pulsão de morte no poder; O nazifascismo se consolida; O corpo de Lula e Cultura e política (1969 – 2019) – Alguns esboços. “[...] é uma tentativa de combate antifascista e não uma análise somente”, você diz. Quais os principais erros cometidos pela esquerda que possibilitaram o crescimento e eleição de um candidato de extrema direita no país?

RL: A resposta seria muito ampla e ao mesmo tempo incompleta: não sei se tenho condições de listar todos os erros que cometemos, que são muitos e, além disso, alguns continuam sendo reiterados. Acho que o principal foi a cegueira. Simplesmente não notamos o tamanho do perigo que crescia ao nosso redor. Não enxergamos que o fascismo tomava cada vez mais força. Do mesmo jeito, fizemos pouco de quem não tem interesse por Proust e Tho-

mas Mann, por exemplo. Passamos muito tempo zombando de uma figura mórbida que se intitula filósofo mas que na verdade se trata de um ideólogo da necropolítica que chegou ao poder através do voto e mantém um largo índice de apoio cultivando justamente um conservadorismo entranhado na sociedade. Não sei por que fizemos isso. Talvez estivéssemos inebriados conosco, ou quem sabe tenhamos nos julgado invencíveis...

TG: Quais recursos inventivos, além da possibilidade de atualização do texto, podem ser incorporados à configuração dos e-books?

RL: São inúmeros. Agora mesmo percebi que e-books têm muito mais facilidade de publicação de imagens do que o livro impresso. Do mesmo jeito, a interatividade poderia oferecer boas chances: um texto poderia ser modificado, por exemplo, segundo a localização do leitor. Uma história policial, por exemplo, pode ter uma dinâmica própria, sem falar da sátira: é possível inclusive medir as reações dos leitores. É muita coisa e lamento que pouco esteja sendo absorvido.

TG: Que impacto possui os *memes* na representação política digital?

RL: Tanto a campanha política da extrema direita quanto depois seu movimento de sustentação no governo se dão através de uma maciça circulação de imagens. Acho que isso se dá por vários motivos, entre os principais a acentuada queda no hábito de leitura e também o fato de que o suporte mais utilizado para a disseminação desse tipo de material é o telefone celular. Assim, as imagens (acompanhadas de breves comentários) acabam sendo a maneira como essa ideologia se comunica e toma cada vez mais força. O impacto portanto é decisivo hoje muito possivelmente superior a qualquer propaganda de TV ou mesmo escândalo jornalístico, que aliás me parecem neutralizados.

TG: O seu objetivo é, enquanto escritor, causar incômodo através da sua intervenção literária, por vezes performática?

RL: Embora eu goste bastante do gênero artístico da performance e também acredite que ele seja um dos mais eficazes para o mundo contemporâneo, ainda não me está muito claro como ele se aplicaria à minha literatura. Não compreendi muito bem as menções que vi nesse sentido. Aqui não quero dizer que discorde dessa possível aproximação. Ao contrário, acho que pode ser bastante produtiva, apenas acho que precisa de melhor desenvolvimento.

Um dos meus objetivos ao publicar (são vários objetivos, entre eles por exemplo um menor é lidar com a necessidade de invenção que tenho) é produzir discursos capazes de intervir na realidade e mostrar-se claramente relevante para ela. Acredito que venha daí a sensação de incômodo e mesmo de provocação que meu trabalho possa por vezes transmitir.

TG: O escritor paulistano Julián Fuks, em entrevista ao *Jornal O Globo* sobre o seu romance “*A ocupação*” (Companhia das Letras, 2019), disse que “o momento pede uma literatura engajada”, ao refletir sobre “como a literatura pode participar ativamente da política”...

RL: É uma situação complexa. O momento pede um engajamento pessoal de todas as pessoas, seja qual for a atividade que elas desempenhem. Tenho apenas alguma dificuldade de entender o que seria uma “literatura engajada”. Se for o termo que se solidificou ao longo do século XX, eu acho que não pode existir arte pior. Não serve para nada. Acredito, por outro lado, que não seja isso que Fuks esteja querendo dizer. Acho que a arte precisa perturbar pessoas concretas, instituições que de fato existem e grupos bem estabelecidos na sociedade. E isso só se consegue com um trabalho formal eficaz. Do contrário é ler textos que comovem críticos em eventos protegidos por seguranças, que não incomo-

dam ninguém. Esses estão ficando ineficazmente engajados, o pessoal adora, se comove, e sai dali achando que fez alguma coisa...

TG: Você já informou, em outras oportunidades, que escreve todos os dias (com raríssimas exceções). Como ocorre o seu trabalho de reescrita?

RL: Escrevo todos os dias há muito tempo de fato. Trabalho por projetos, às vezes desenvolvendo e outras apenas criando-os. Tenho muitos projetos engatilhados, mas desenvolvo poucos e isso depende de uma série de coisas, inclusive de encomendas e sugestões. Quando o trabalho estiver bem avançado, começo novas versões, incorporo pesquisas recentes, até o ponto em que acho possível publicá-lo. Evidentemente isso tem a ver também com o momento histórico e com o que pretendo com a publicação desse trabalho e não daquele.

TG: Quais as suas influências literárias?

RL: É uma pergunta ampla e que pode ser respondida de diversas formas. Se houver um autor que tenha me causado impacto real, deslumbramento mesmo, esse nome é o de Samuel Beckett. E nenhum outro... Não sei dizer, por outro lado, que tipo de influência ele me legou. Creio ter sido muito influenciado por Virginia Woolf, James Joyce, Marcel Proust, Graciliano Ramos e inúmeros outros nomes do alto modernismo. É o momento histórico que mais me ensinou. Considero-me também bastante influenciado pela literatura francesa da segunda metade do século XX em diante e também por alguns latinos.

TG: A organização da Festa Literária de Paraty anunciou, em novembro, a poeta americana Elizabeth Bishop como homenageada da edição de 2020. Em comunicado posterior, diz que a

autora, “que viveu por quase 20 anos no nosso país [...], foi uma das grandes responsáveis pela divulgação da literatura brasileira em terras estrangeiras”. Nas circunstâncias políticas atuais, você acredita que a FLIP deveria repensar a escolha?

RL: Não tenho dúvida. A questão é que a escolha vai levantar debates que interessam aos neonazistas. E de forma nenhuma é o momento de levantá-los. Foi algo completamente impensado e que deveria ter sido revisto. Pelo que entendi e ao menos até agora não foi, o que causará um enorme estrago. De uma forma ou de outra, como já afirmei outras vezes, o establishment da literatura brasileira contemporânea é conservador.

TG: Como você avalia a literatura brasileira contemporânea?

RL: Como conjunto, tenho alguma condição de avaliar apenas a prosa de ficção. No geral, é uma prosa conservadora, de natureza realista. Há, por outro lado, momentos surpreendentes e lugares produzindo vozes bastante vigorosas. Li outro dia a antologia *A resistência dos vagalumes* que me impressionou, sobretudo o texto de Amara Moira. Aqui e ali surge algo vigoroso. É assim em qualquer tradição: as boas obras são raras. A única coisa é que nosso meio termo poderia não ser tão conservador e bem comportado. Isso acho desagradável: há muito pouco desafio aos poderes estabelecidos.

TG: Dos 15 livros presentes na lista de mais vendidos no Brasil em 2019, feita pela Nielsen, não há nenhuma ficção. Constam, em sua totalidade, obras de autoajuda (pessoal e financeira)...

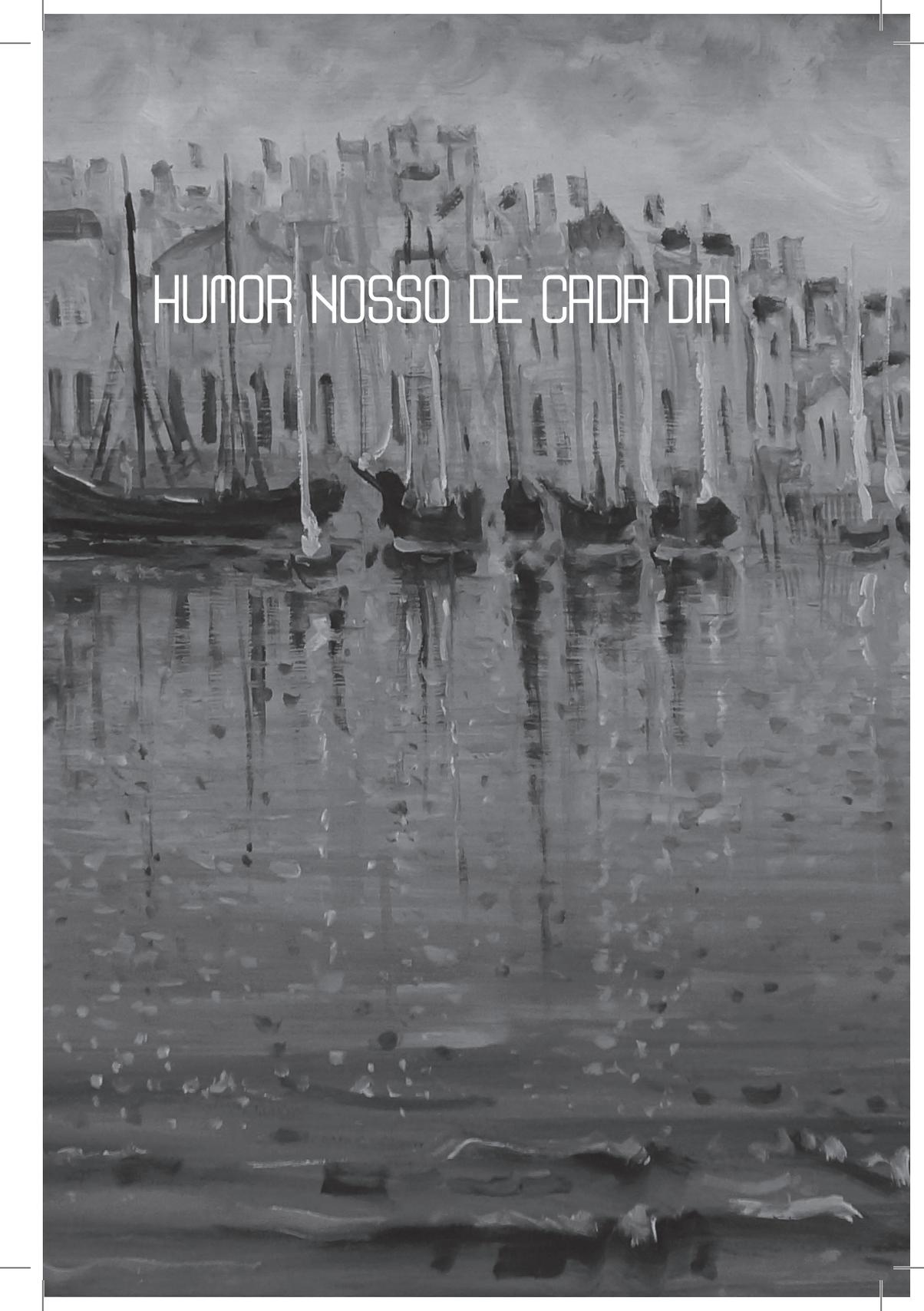
RL: Acho que a ficção e, talvez mais ainda, a arte em geral está em um momento de crise. Acredito que tenha a ver com o fortalecimento do neonazismo, que usa procedimentos artísticos para mobilizar as massas, sem qualquer obra consistente por trás. Assim fica aplacada certa necessidade enquanto possíveis caminhos de transgressão se neutralizam. É preciso resistir.

TG: Em algumas ocasiões você apresentou diversos planos literários, desde um guia das saunas gays de São Paulo para turistas até a continuação do “Pseudoliteratura”, além de um romance intitulado “Brasília”, e, ainda, livro sobre o Brasil contemporâneo, entre outros. Qual o andamento destes projetos?

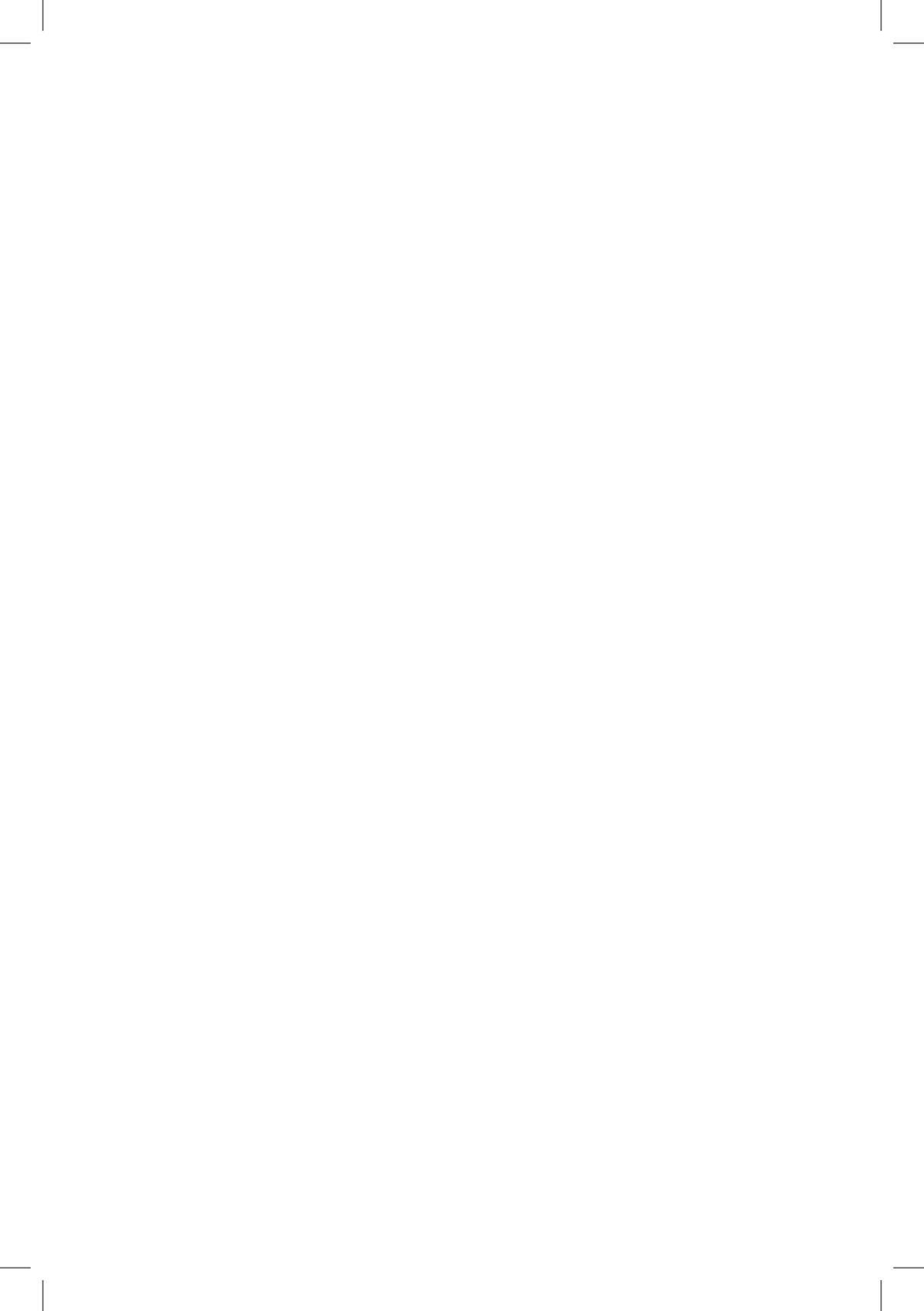
RL: Como respondi anteriormente, tenho muitos projetos e muitas vezes vou alimentando-os. Desenvolvo poucos, é verdade, mas nunca deixo de pensar em propostas e ideias que estão arquivadas. Tenho muita informação guardada, pesquisas em andamento ou indicadas e um bom arquivo. Aos poucos escolho esse e aquele tema. Atualmente estou iniciando um novo romance, *Brasília*, enquanto desenvolvo o projeto do *Diário da catástrofe brasileira*. No entanto, a família Tobias sempre aparece nos meus descansos.

TG: Você também escreveu livros infantis, como, por exemplo, “*Sai da frente, vaca brava*” (Editora Hedra, 2001), “*Greve contra a guerra*” (Editora Hedra, 2005) e “*A sacola perdida*” (DSOP, 2014)...

RL: Sim, fiz alguns trabalhos para crianças. A gente nunca pode ter certeza, é claro, mas tenho a impressão de que esse tempo passou para mim.



HUMOR NOSSO DE CADA DIA



MEMÓRIA POPULAR VI

Valério Mesquita

01) Lagoa do Mato, distrito de Macaíba, recebia sempre a visita de Alfredo Mesquita. E não apenas nas horas de pedir votos. Nas horas de gastar, de ajudar, de falar e até nas alegrias de um forró, a que certa vez foi, atendendo convite do líder político da região. Festa boa, de muita cachaça, muita conversa, acertos e rumos discutidos e a rapaziada arrastando os chinelos na sala da frente da casa. Perto da meia-noite, dona Luzia, mãe de uma garota que era a alegria em pessoa, foi chamá-la para ir embora. Houve relutância. A moça protestou baixinho, pediu para demorar mais um pouco e a turma que estava com ela engrossou o coro, pedindo que dona Luzia não a levasse. Ficassem mais uma horinha, afinal, a festa estava embalada, tudo ali era gente conhecida e o dia seguinte, um domingo, nada a fazer. A velha, entretanto, não abria mão. Iriam logo. A patota correu então em comissão ao prefeito Mesquita, suplicando sua interferência junto a dona Luzia, demovendo-a da intenção de ausentar-se. Como era do seu feitio, ele não sabia deixar de ajudar. E pensando assim, foi falar com dona Luzia. Fez ver a ela que a moça saindo acabaria metade da festa, pois ela estava dando animação especial, tanto assim que vários rapazes estavam a lhe solicitar que não se fosse. E mais, conhecendo a todos e sabendo que a gente de Lagoa do Mato era gente boa, de respeito, se responsabilizaria por tudo. Iria levá-la em casa, logo mais, se por acaso dona Luzia quisesse ir naquele momento. E fosse sem receio. Ninguém iria tirar nenhum pedaço da moça. Aí a velha respondeu: “Seu Mesquita, eu não tenho medo que ninguém vá tirar um pedaço da minha neta, não. Eu tenho medo é de que possam botar um pedaço nela.”

02) Pedro Luiz de Araújo, o famoso Mestre Pedro das tiradas

espirituosas e jocosas, comparece hoje com mais uma estória do seu rico folclore. No período eleitoral, a política macaibense fica densa, tensa e intensa. Nos idos de 1970, Mestre Pedro era vereador e desenvolvia oposição cerrada ao então prefeito. Discursando na Câmara contra os gastos excessivos da prefeitura e procurando atingir o prefeito e o tesoureiro, Mestre Pedro saiu-se, na tribuna, com esta frase lapidar: “Dois piriQUITOS numa quenga não tem mio que chegue!!!”.

03) Manoel Luiz Teixeira, vulgo Pixilinga, Ailton Fonseca e Zé Aguinaldo eram o trio incorrigível de boêmios de Macaíba dos anos 50 e 60, pra ninguém botar defeito. Foram protagonistas de cenas impagáveis da vida noturna e alegre da cidade. Certa vez, sem muito crédito no comércio, mergulharam numa farra homérica que os levou ao “liseu” completo. Viajores da madrugada, aportaram às três da manhã na modesta mercearia do comerciante Antônio Natalense. Chamaram, chamaram, imitaram a voz do filho deste, até que, resmungando, Seu Antônio abriu a porta. Entraram, pediram bebidas, biscoitos, carne de conserva, sardinha, ovos, pão, etc. Tudo era despachado sob o fundo musical do resmungo e lamentações de Seu Antônio, que não adivinhava o que estava por vir. Ao final, com a sacola cheia à mão, Pixilinga, entre educado e sutil, batendo em retirada, soltou a frase detonadora: “Seu Antônio pendura aí a despesa e deixe com a gente!!!” Seu Antônio de olhos estufados, cabelo em desalinho, a roupa amarrotada, os braços no balcão segurando o corpo cansado e envergado, impotente, rasgou o silêncio da madrugada: “Ô bando de f.d.p!!!”.

04) Leonel Mesquita foi agropecuarista, proprietário da Fazenda Arvoredo, que depois veio a pertencer a sua esposa Nídia Mesquita, minha irmã. Leonel faleceu ainda moço, em 1979. Foi prefeito constitucional de São Gonçalo do Amarante tendo, durante muito tempo, militado na UDN, como membro do diretório estadual desse partido em Macaíba. Foi seguidor fiel de Dinarte Mariz e Djalma Marinho, nos quais sempre votou. Era homem de coragem pessoal, de fidelidade aos amigos, mas implacável como

inimigo. A sua marca registrada era a irreverência. Leonel era abecedista de carteirinha. Vez em quando, frequentava o Castelão. Certa vez, estacionou, à tarde, o seu carro em frente ao estádio e pediu os cuidados de um garoto “pastorador”. Ao final do jogo, constatou que seu automóvel havia sido deslocado do ponto onde o deixou, o que danificou a caixa de marchas. O “pastorador” denunciou de pronto, que empurraram o veículo, mas anotou a placa do carro do responsável. Dia seguinte, ele foi ao Detran e descobriu o nome do proprietário. Era um conhecidíssimo engenheiro, dono de uma construtora. Sem maiores contemplações, Leonel colocou um paralelepípedo no banco do seu carro e se dirigiu à sede da empresa, no bairro da Ribeira. Lá encontrou o automóvel do empreiteiro. Ato contínuo, atirou o petardo no parabrisa do automóvel do proprietário e, sob os olhares dos curiosos, sentenciou: “Tamos quites!!!”.

05) Macaíba tem um repertório inesgotável de “estórias” protagonizadas por personagens inesquecíveis. Por mais que se explore esses assuntos, menos se esgota o seu manancial. Novamente chega um “causo” do nosso conhecido Pedro Luiz de Araújo, o nosso Mestre Pedro, ex-vereador, ator de “peças” antológicas, já narradas aqui. Mestre Pedro carteava no Natal Clube ao lado de figuras como Djalma Marinho, Romildo Gurgel, Leonel Mesquita, Firmino Moura entre tantos outros. Certa vez, viveu uma densa e intensa “parada” de ficar frente à frente numa disputa com o explosivo Dr. Romildo Gurgel. Como todo jogador de baralho tinha manias e tiques nervosos, Romildo e Mestre Pedro não fugiam à regra. Romildo jogava com o revólver à cintura, pois achava que ele dava sorte. Por outro lado, Mestre Pedro deslizava na boca, de um lado para outro, um gasto palito, numa manobra acrobática que incomodava Romildo. “Mestre Pedro, tire esse palito da boca!!!”, esbravejou Romildo irritado. “Tire o revólver”, contestou Mestre Pedro calmamente. Romildo se desarma e Mestre Pedro entrega o palito. Com os “amuletos” desfeitos, o jogo continua tenso. Atinge o ápice. Os curiosos acercam-se da mesa. Romildo troveja para o

garçom: “Traga-me o revólver!!”. Mestre Pedro, sem pestanejar dispara: “Traga o palito!!” O riso foi geral, e nessa “parada”, o palito foi mais arma que o revólver.

06) Esta me foi narrada, há alguns anos, pelo tabelião Raimundo Barros Cavalcante. No início dos anos 50, a prefeitura possuía o mais moderno (para o seu tempo) e bem equipado serviço de som externo, denominado “Amplificadora Municipal, a Voz de Macaíba”. O seu estúdio funcionava numa dependência do Mercado Público, no Centro, que irradiava para dez alto-falantes instalados em pontos diferentes da cidade. E lá estava o nosso herói, Zé Pirififu, no estúdio, protegido por uma imensa parede de vidro, fazendo o seu duplo trabalho de locução e técnica de som, às voltas com pilhas de discos 78 rotações. Como todo artista provinciano, Zé tinha o seu fã-club. A mais “atacada” fã ultrapassou a barreira do som, para todas as noites poder paquerar com o seu “Sérgio Chapelin”. No entanto, alguém resolveu colocar pimenta no prato do Pirififu, contando tudo a sua mulher. Certa noite, quando o locutor apresentava o “musical variado” e ligava o microfone para dar o prefixo, de repente, surgem no estúdio, as duas mulheres aos gritos, trocando seletos e sonoros palavrões. Neutralizado pelo impacto da cena, Pirififu esquecendo de desligar o microfone, jogou-se entre as duas rogando calma, mas apanhando ao mesmo tempo. Ao cabo de três minutos, quase toda a cidade estava postada de frente ao recinto, a tudo ouvindo e assistindo pela parede de vidro. O nosso sofrido personagem, ao perceber a multidão, correu para o microfone e sentenciou: “E assim, acabamos de ouvir, em cadeia com a Rádio Poti de Natal, mais um eletrizante capítulo da novela “O Direito de Nascer”. Boa noite!”.

07) Zé Cearense era um pacato cidadão, motorista de praça, que residiu algum tempo à rua do Vilar, em Macaíba. Trabalhou também na Empresa São Cristóvão e depois foi ser motorista na antiga praça de jeep no centro da cidade. Sofria de asma e, vez por outra, quando se agitava, sobrevinham acessos da doença. Lá pelos anos setenta, o assunto em Macaíba eram as aparições da rua

do Vilar, à noite, perto do buirão, juntamente na parte escura próxima ao antigo sítio do Dr. Enock Garcia. Todo dia chegava à praça de veículos uma notícia de quem foi apavorado ou viu uma alma do além. Às vezes, o próprio Zé Cearense narrava com riqueza de detalhes o que lhe contavam. Homem crédulo e temente às coisas do outro mundo, Zé tornou-se presa fácil para alguns amigos planejarem uma brincadeira. Certa noite, guardou o carro na garagem do proprietário e se dirigiu a sua casa. No caminho, igual a todos as noites, sempre se benzia ao se aproximar do local. Nena, um espertalhão, havia se escondido dentro da bueira. De repente, uma voz quase sumida, trêmula, abafada, saiu de dentro: “Zé Cearense, Zé, é você que está passando?”. Um frio percorreu as pernas do motorista fazendo-o parar ali mesmo: “Sim, sim, sou eu”, respondeu ofegante e nervoso. Novamente a voz “sobrenatural” inquiriu: “Você trabalha tanto e não tem nada. Quer ficar rico, Zé?”. Sugestionado pelo medo e temendo deixar a alma sem resposta, o pobre balbuciou aos sopros, incomodado pela asma: “Queeero! Queero!”. “Então, Zé Cearense”, replicou a assombração, “vá dar o c...”. Ato contínuo, Zé sacou da peixeira de dezessete polegadas e desafiou o fantasma: “Saia daí, seu fela da p.... Quem já viu alma do outro mundo falar sacanagem!”. Nena somente desocupou a bueira quando a crise de asma piorou, forçando Zé a se recolher a sua casa, bufando de raiva. No outro dia, na praça, Zé não foi trabalhar.

08) Na década de 60, não havia hospital em Macaíba. Os problemas de saúde eram resolvidos em Natal. Um dia, Seu Mesquita foi procurado logo cedo por um compadre que trazia para consulta a sua filha mais moça. O compadre era um mulato sério fanático do Padre Cícero do Juazeiro. A jovem se queixava de uma dor insuportável na barriga. Seu Mesquita encaminhou-a ao seu filho, médico Carlos Mesquita, em Natal, que atendia na Maternidade Januário Cicco. Recebendo a apresentação, o Dr. Carlos foi logo perguntando o que a moça estava sentindo. Um tanto acanhada, ela explicou que trabalhava como doméstica em casa de um

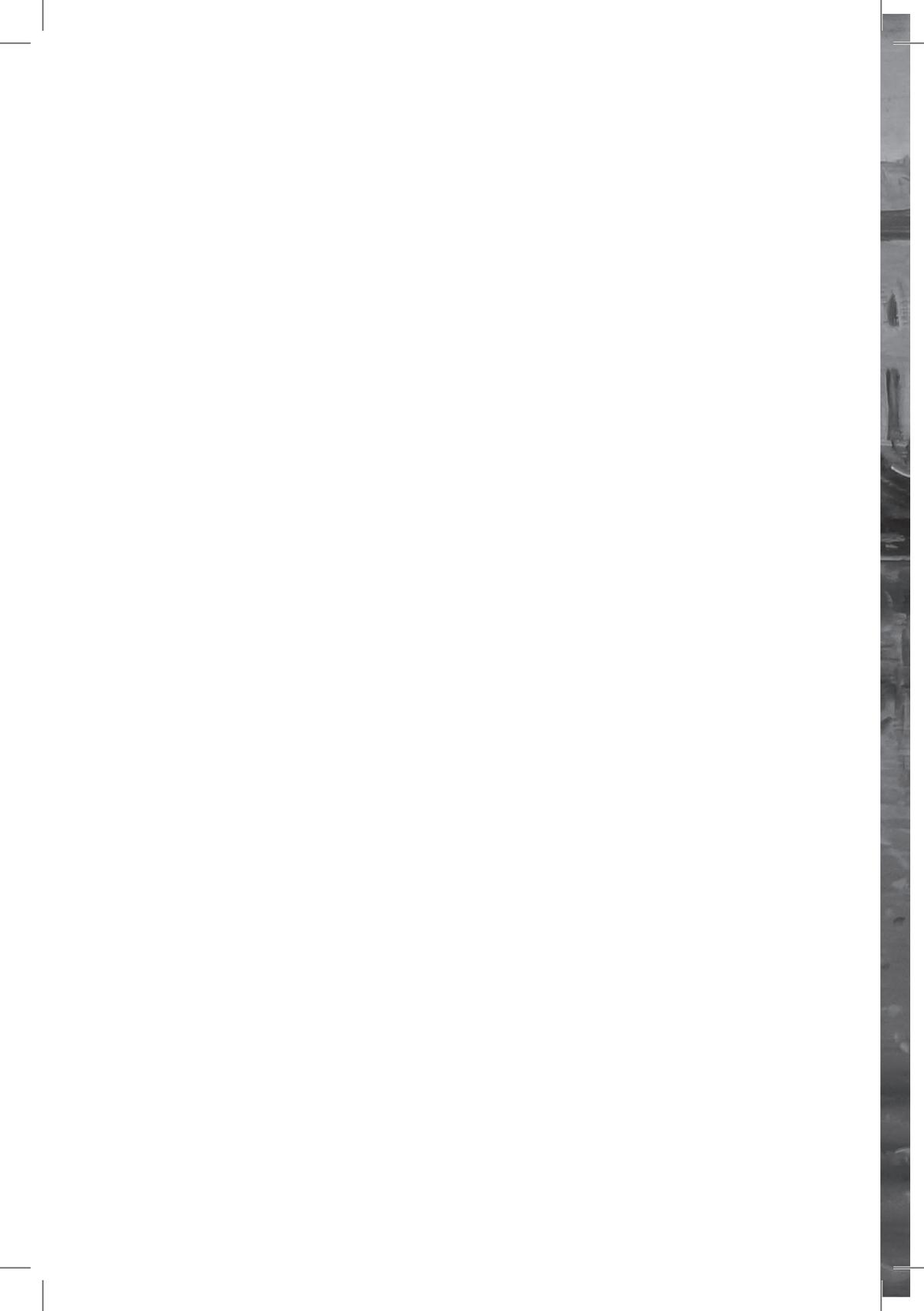
amigo do pai. Quando engomava sofreu um choque elétrico e daí a dor passou a lhe perseguir. Após auscultar a paciente, o médico indagou se ela não tinha namorado. O pai interrompeu o diálogo bruscamente para protestar a pergunta, dizendo que a menina era donzela e que só saía acompanhada. “Nem a cabeça na janela, doutor, ela bota!”, exclamou o velho, do alto da sua indignação. O médico ginecologista fitou calmamente o velho e sentenciou: “Pois então, ela está grávida de Paulo Afonso”. E encerrou a consulta.

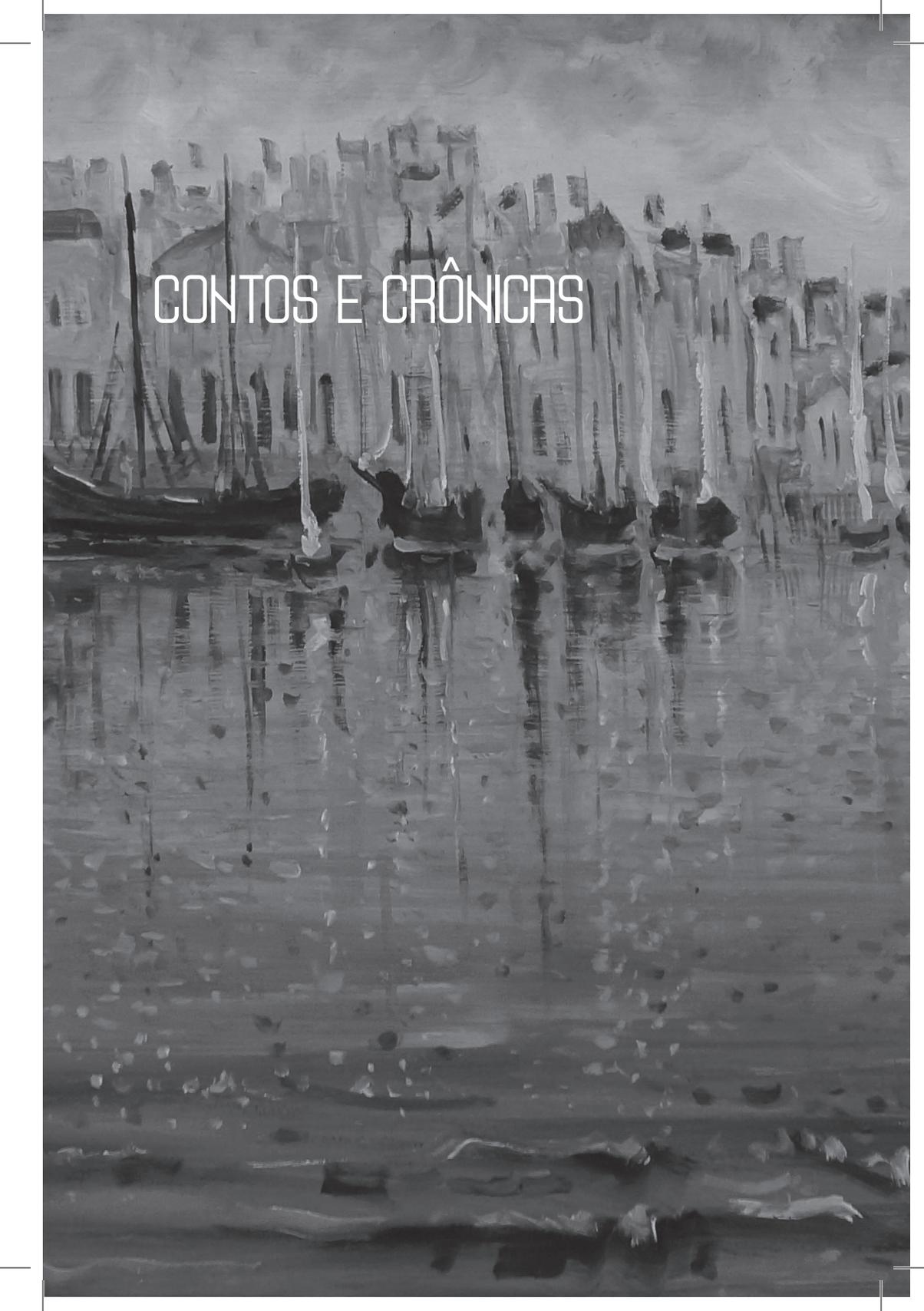
09) O saudoso amigo e comerciante macaibense Neto Soares sempre atravessou altos e baixos em sua atividade profissional. Foi o pioneiro na cidade do comércio de eletrodomésticos. A maior crise que enfrentou remonta ao tempo em que o Banco Comind faliu fraudulentamente, levando ao desespero muitos comerciantes e poupadores. Para piorar a situação, Neto foi acometido de cirrose e submeteu-se a rigoroso tratamento. Certo dia, aproximaram-se dele alguns comerciantes para saber como estava passando. “Eu vou bem”, disse Neto mostrando altivez e sem demonstrar fraqueza. “Continuo morando na rua dos ricos (referindo-se à Dr. Francisco da Cruz) e lá de flagelado só passa o carteiro”. Neto Soares não pressentira ao lado a presença do carteiro Carlinhos que “espiritou-se” com a sua colocação. “Venho, sim, à rua da Cruz todo dia para entregar cobrança dos bancos, morou!!!”. Depois daí, passou meses sem falar com Neto.

10) Nos anos 50, uma briga no cabaré de Macaíba (o famoso “Gango”), entre soldados da polícia e do Exército, colocou a cidade em polvorosa. De salto foram recambiados ao xadrez seis soldados de Caxias. Como consequência, uma hora depois, chegou a Macaíba um verdadeiro destacamento do Exército, comandado por capitão que tomou a cidade de sobressalto, colocando metralhadoras em cada esquina. O delegado de polícia não contou história, foi se refugiar na quinta de Seu Né Macena. Os soldados do destacamento da Polícia foram reunidos e postos como reféns no caminhão do Exército. Entrementes, realizava-se no Pax Clube, tradicional “sodalício” da cidade, um monumental baile com traje de passeio

completo. Lá estavam todas as autoridades da cidade. Avisados sobre a ocorrência, apenas Seu Mesquita então deputado estadual, saiu às ruas e foi protestar e discutir com o capitão do Exército, sobre a operação de guerra que se instalava na pacata Macaíba. Após discussões, rumaram para a delegacia e acordaram em liberar os presos, após descobrirem o esconderijo do delegado que mandou, precavido, as chaves da cadeia. Quando tudo se caminhava para um final feliz e o cortejo do verde-oliva se preparava para sair, uma voz aflita e sumida veio da carroceria do caminhão: “Seu Mesquita, e eu?”. Era o soldado Joaquim de Juvêncio de cima do caminhão, refém, com medo danado de ser levado para Natal. Seu Mesquita mandou que Joaquim descesse em paz. E Macaíba foi dormir depois.

VALÉRIO MESQUITA é escritor e advogado. Membro da Academia Norte-rio-grandense de Letras, ex-presidente do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte, ex-presidente da Fundação José Augusto. Autor de “Notas de Ofício” e vários outros livros





CONTOS E CRÔNICAS



UM TREM PARA OS HENRIQUES

Clauder Arcanjo

— Piu... piu...

Café com pão! Bolacha, não! Piu... piu... Café com pão! Bolacha, não!

A manhã nascia preguiçosa sob o som de um trem. As casas acordaram, todo mundo achando aquilo muito estranho. “Como um trem, se não havia nenhum trilho na redondeza?”, comentavam os habitantes, assustados.

A moradora mais antiga, Dona Maricota da Silveira, beata e descrente de tudo na vida, propagou na rua que aquilo nada mais era do que os sinais do fim do mundo.

— Piu... piu... Café com pão! Bolacha, não! Piu... piu... Café com pão! Bolacha, não!

Somente o pequeno Pedro Henrique, que havia sonhado e pedido uma Maria-Fumaça a noite inteira, levantou-se da cama feliz. Chamou por sua mãe, pedindo-lhe que o arrumasse com a roupa e os sapatos de festa.

Pronto e altaneiro, ele colocou o seu boné de maquinista e pôs-se à porta de casa.

— Piu... piu... ZZZZZ... zuc.... zuc... xiii...

O comboio parou bem à frente do Pedro Henrique. E, de dentro da cabine da locomotiva, uma voz ecoou:

— Senhor Pedro Henrique, eis a sua Maria-Fumaça! Conforme você pediu a Deus. Atrasamo-nos um pouco porque encontramos no caminho um céu não muito bom. Entre!, a nossa viagem vai começar. Assuma agora!

Pedro Henrique, então, subiu e instalou-se na cabine. Com pouco, chamou pelo irmão mais velho:

— Venha, também, Gabriel Henrique. Quero você como maquinista deste trem, eu ficarei no posto de foguista.

Gabriel atendeu ao pedido do pequeno Pedro; logo em seguida, os dois Henriques puxaram fortemente a cordinha do apito, sinalizando a partida da estação:

— Piu... piu... Piu... piu... Piu... piu...

E saíram:

— Piu... piu... Quem sonha tem! Quem não sonha, fica na mão! Piu... piu... Quem sonha tem! Quem não sonha, fica na mão!

Os vagões a dispararem, velozes e brilhantes, em direção às montanhas, deixando no céu a língua da fumaça.

Nas calçadas das residências daquela pequena cidade, homens e mulheres boquiabertos e tristonhos. Teriam que reaprender a sonhar, caso quisessem passear naquela intrigante locomotiva.

— Piu... piu... Quem sonha tem! Quem não sonha, fica na mão! Piu... piu... Quem sonha tem! Quem não sonha, fica na mão!

CLAUDER ARCANJO é poeta, escritor, editor e Engenheiro Civil. Autor de “Licânia”, “Novenário de Espinhos” e outros livros. Membro da Academia Norte-rio-grandense de Letras e outras instituições culturais.

MEMÓRIAS DE ORFALESE

Raul Pacheco

“ah, que saudade do que eu nunca mais vi/no fundo dos meus olhos”¹

No lendário reveillon de 2015 alguma coisa me disse que eu precisava sair de Natal. Certo como um raio, o pensamento desabou em mim enquanto eu dirigia entre Pirangi e Búzios. Tati me acompanhava enquanto dávamos carona a Guilherme. Tinha sido uma noite de euforia. Uma conjunção de pessoas muito queridas havia se juntado para celebrar a passagem daquele ano luminoso. Em 2015, eu deveria ter me formado, mas o transe literário superava qualquer preocupação naquele momento. Produzia mal, mas escrevia muito. O mundo fervia ao meu redor e não havia nada a fazer senão bailar naquela ciranda transbordante de vida. Circulávamos entre Ponta Negra, Búzios, Maracajaú e Pium. O Vale, a Vila, o Zen Bar, cada paralelepípedo torto, cada praça mal iluminada escondia uma boa conversa pairando entre o lixo e o fumo. Quem rejeita a simplicidade esquisita da juventude considerará essa felicidade um excesso. Mas nós, que desenterramos discos de Dorival para flutuar no nono andar do paraíso, vivíamos. Vivíamos apenas. Mas vivíamos com intensidade, paixão e inocência. Vivemos bobos ainda. Mas seguimos vivendo muito. E assim eu encontrava o mundo antes de ir. Desde 2005 eu namorava a cidade de Porto Alegre. Namorávamos à distância, por vídeos e fotografias. Por skate, mas também por Érico Veríssimo, Luís e Luísa. Setas invisíveis me atraíam como ímãs. Fui embora no dia 25 de agosto de um jeito egoísta, mesquinho, babaca. Ainda hoje custo a me perdoar. Uma quebra severa, sem avisos, depois de uma despedida disfarçada de aniversário. Alguém mais sereno diria que foi melhor assim. Logo ao desembarcar no aeroporto – quem diria – Salgado Filho, senti uma familiaridade sem explicação. A

sensação flagrante de estar onde e como eu queria. Atravessando a passarela, indo para o ponto do ônibus, eu olhava a estrada ladeada de gramados, aquela verdice louca, o céu muito azul das quatro horas, o fim de tarde dourando tudo. Sentia liberdade e vastidão chegando com o vento, vento frio de fim de inverno. Longe da perfeição, desde aquele instante a capital gaúcha me transmitia algo oposto ao acanhamento letárgico de Natal. Desde que voltei tento me opor a esse sentimento, transformá-lo num manto de energia. Mas, calada, a cidade parece se opor a mim, tentando me envolver num cochilo, até hoje sem sucesso. Pouco a pouco vamos nos modelando. Em Porto Alegre encontrei o ambiente adequado para depositar o gozo ralo do Carne de Monstro – série de contos que eu escrevia desde 2010. Por mais precária que fosse, a produção desses zines permitiu que eu amadurecesse de um jeito jamais possível aqui. Saí do útero quentinho da minha cidade materna e fui morar numa pensão fodida entre as Avenidas Assis Brasil e Benjamin Constant. Dividia um banheiro, uma cozinha e uma lavanderia com oito pessoas estranhas que se mudavam praticamente a cada mês. Vivi muito mais do que poderia sonhar, mas fiz muito menos do que gostaria. Uma sucessão de bons acontecimentos tão imensa que a lesão no joelho, em janeiro, (vista de agora) parece pequena. Conheci a Casa dos Estudantes, a Biblioteca Pública, o Cinebancários, a CCMQ, a Usina do Gasômetro. Todos esses lugares me acolheram e extasiaram numa contemplação de vida sem igual. Naturalmente, o mais marcante foi o Parque da Redenção. É difícil para alguém de uma capital reclusa, como eu, não sentir espanto ao ver alguém praticando bateria no meio de uma praça às três horas da tarde. Todos os dias, atravessava a cidade para ler, escrever e vender zines. Meu trajeto principal consistia em pegar a Av. Brasil até a Farrapos e descer até o Mercado Público. De lá, eu vagava até a Alfândega, observava mendigos e pessoas de negócios circulando entre bancos de praça e de finanças. Outros dias eu subia direto pela Quintino Bocaiúva até o Moinhos de Vento – o pequeno, lindo e rico parque do bairro. Seguia para a Protásio Alves e depois voltava pela Cristóvão Colombo. Ao contrário dos

quadrados lógicos de Natal, as veias de Porto Alegre serpenteavam e pareciam mudar de lugar e direção. Eu andava sem mapa, me guiando por instinto e senso de direção. Perdi as contas de quantas vezes me perdi até conseguir gravar um mapa mental que ia da Estação Triângulo, no caminho de Alvorada (cidade vizinha) até a Cidade Baixa (espécie de Ribeira), passando pela Borges de Medeiros (lugar sinistro que parecia um vórtice me lançando ao desconhecido sempre que a cruzava). Eu morava num bairro chamado São João, ambiente que me lembrava a Bernardo Vieira. Uma efervescência comercial dominava a semana. Nos finais, um vazio hostil. Ficava bem perto do aeroporto, onde eu não ia nunca, e bem perto do IAPI, onde eu ia sempre. Além do skate, levei uma mala cheia de livros, cadernos, papéis e algumas roupas preenchendo os espaços vazios. Quando o Grêmio jogava eu via os coletivos passando lotados de gente batucando em direção ao Estádio. E podia ouvir as comemorações dos gols de dentro do meu quarto. Meu quarto era um vão de (se muito) dois por quatro metros com uma cama, um guarda-roupas, uma mesinha de tábuas e um cobertor tão grosso quanto sujo (que salvou meu couro nas noites frias de agosto/setembro). Na pensão, desenvolvi minhas capacidades de cozinhar, lavar louça, limpar a casa e escrever. A pensão do Garoa era um vão comercial com uns trinta por cinco metros no térreo de um prédio residencial. Os quartos eram separados por divisórias de madeira e abertos na parte de cima. Nenhum deles tinha janela, exceto o último, que não ficava grudado nos outros oito, mas num poleiro onde se subia por uma escadinha depois da cozinha. Assim que pude, me transferi pra lá. Eu adorava ficar escrevendo enquanto escutava o barulho do motor em fúria da máquina de secar roupa. Poucas, mas boas vezes andei de ônibus. Havia uma parada bem em frente à pensão. Bastava atravessar a rua. Acontece que a primeira coisa que fiz, depois de desembarcar, foi comprar uma bicicleta (fodidíssima no brique da Saturnino de Brito – por cem reais). A segunda foi achar um lugar onde imprimir os zines. E a terceira foi vendê-los. Várias vezes, quando ficava saturado de ler ou de escrever eu saía do meu quarto, passava um café na pren-

sa francesa e ficava na calçada, fumando, tomando café e vendo a chuva cair. Meu quarto, em cima da cozinha, tinha o teto um pouco mais baixo que eu e um chão de tabique que se tremia todo nas noites de trovões. Mas, ao contrário dos outros, tinha uma pequena janela que dava uma maravilhosa vista para a garagem do prédio. No meio daquela garagem tinha um flamboyant que passava a maior parte do tempo exibindo flores vermelho-vivas. E depois uma oficina que logo cedo, de manhã, ecoava um apito e depois os sons das serras de cortar ferro. Naquela mesma direção oeste, lá na frente, depois das ruas quadradas que margeavam a Avenida Farrapos, ficava a Terreira da Tribo de Atuadores Ói Nois Aqui Traveis. Não ali, mas na Usina do Gasômetro, conheci as entranhas do teatro junto ao Grupo Estação. Um amigo (da oficina de escrita que Bruna ministrava) havia me falado deles e um dia fui lá assistir uma peça. Gabriel Farias se destacava encenando Romances Impossíveis. Descobri a oficina de atuação que eles ofereciam, participei e aquilo mudou minha vida. O teatro, que antes eu conhecia como mero espectador, injetou-se-me nas ideias e agora o carrego comigo. Uma força imensa que ainda sigo aprendendo a cavalgar.

SEGUNDA PARTE

Em Porto Alegre tive contato com pessoas maravilhosas, não transei nada, não beijei ninguém, mas li muito, escrevi pra caralho e me toquei bastante. Tive viagens marcantes. Meditei profundamente. Vivi uma solidão e uma introspecção fantásticas. Eu me sentia movido pelo espírito que Thoreau descreve em Walden, aquela ideia de experimentar o tutano da vida, deixando perecer as coisas triviais para absorver somente o que fosse essencial. Conheci alguém que fugiu com o circo, uma garota que se viu amando por dinheiro, um homem inteligente vivendo entre a riqueza e a falência. Conheci uma atriz brilhante chamada Elisa e o jovem Maicon, morando na rua, sentindo saudade do cachorro que ficou em casa. Conheci muito da fantasia e da agonia daquela cidade. Impressionei-me com sua exuberância, que reflete a de suas pessoas. Vivi

momentos mágicos de investigação da própria substância da vida. Aproveitei estados de contemplação imersiva. Aprendi que o tempo do fôlego não é menos importante que o da fala. Experimentei vastidões. Entendi um pouco mais sobre a pausa, sobre o espaço, sobre a distância. Tudo isso são elementos que tenho incorporado ao meu texto e à minha vida. Recebi lições sobre o erro, sobre o fervor insano da juventude, sobre excessos e sobre a necessidade que temos de crescer e de nos podar. Tudo isso pode parecer pretensioso. Eu mesmo caio em exageros filosóficos com frequência. Mas ao mesmo tempo é tudo tão simples. Creio de verdade que há muita gente que sabe muito mais disso sem precisar de tanta verbalização. Aprendi um pouco mais sobre silêncio. Vi filmes, peças, livros, pessoas. Vi a grandeza de existir numa corda bamba entre a sobriedade e a doidice. Hoje, minhas pernas pedem um pouco mais de chão. Mas até então eu era todo coração, todo desejo absoluto de ser, de expandir meu ser pelo contato com as fronteiras das possibilidades. Ainda que isso possa parecer uma quebra brutal, e que seja mesmo, por baixo disso tudo havia um instinto de leveza e serenidade, uma consciência de até onde eu poderia esticar meus pés. Meu movimento é sempre graduação, embora pareça brusco. Embora eu ceda à ilusão, ao charme das coisas rudes, como se somente ali morasse a verdade e a vida – o que não é de todo verdade - agradeço sinceramente ao impulso insano que me arremessou para cruzar esse país de norte a sul num jorro geográfico maravilhoso. Escapei de viver, aqui em Natal, momentos que eu não gostaria de ter vivido. Me vi, depois, a salvo de quebras, embora minha própria ida tenha sido uma primeira (e monumental) quebra. E pude acompanhar, longe de casa, o rompimento, escancarado e anunciado da democracia brasileira. E pior, pude ver meu estado se banhar com o sangue das prisões, sangue sujo, triste, prova de nossas incapacidades. Tentei transformar tudo isso em material de criação. O que melhor podemos fazer? A tragédia das chacinas, da política de drogas, da indiferença soturna. Que depois vem cobrar seu preço. Natal não sabe, mas ainda se recupera de um luto de três anos por seus bastardos filhos violentamente suprimidos. Cresceremos, sim. Mas não sem

chorar. E acredito que estamos a crescer um bocado porque muito já choramos. É claro que minha visão desse outro Rio Grande destoa bastante daquela dos próprios sul-rio-grandenses. Em nossa terra, vivemos imersos em fluxos dos quais é difícil escapar porque fluem abaixo da nossa camada de percepção. Já eu, estrangeiro entre estrangeiros, podia vivenciar uma conexão mental com os pares das universidades, das rodas de leitura e de criativização, enquanto (ao mesmo tempo) comungava caminhos com os errantes. A vida me permitia rodar sem medo pela noite e pelos ermos, dividir a vida prática com as pessoas de menor conforto. Nenhuma das duas me absorvia. Nem eu podia ingressar na transa leve e maluca dos jovens remediados, nem me dissolvia nas redes de transas intensas e inconsequentes da informalidade. É o lugar da transição, que me situa ao mesmo tempo que me desorienta nesse tempo de incerteza. Quando fui a Porto Alegre, minha vontade era arrancar os pavimentos da minha vida. Mas quando vi minha própria carne se desmanchando no meio da piração generalizada, compreendi que era o momento de me inverter. De buscar mais a serenidade que o caos, de compreender uma outra natureza da rebeldia, quando a própria rebeldia se torna uma espécie de fluxo padronizado. Tive medo de muita coisa que escrevi. Entendi que há várias partes inconciliáveis dentro de mim. E que, como qualquer pessoa, preciso existir nesse turbilhão. Eu, que saí desejando ir surfar no vácuo, voltei querendo aprender a nadar para não afundar. A pensão do Garoa era uma como uma lupa da sociedade. Tudo que antes eu enxergava de uma forma verde e distante, pra mim ali se mostrou maduro e próximo. Vi de um jeito menos idealizado os vacilos sucessivos que vão lançando pessoas poço abaixo. E vi como cada pessoa ia se comportando para emergir ou afundar. É curioso. Voltei a Natal extremamente aterrorizado com a impossibilidade da estagnação. O mundo gira. O universo se revoluciona. É possível ficarmos parados? Porto Alegre, talvez como símbolo maior do Rio Grande do Sul, possui uma estabilidade que chegou a mim como força de caráter. Não de forma pontual, individualizada. Mas coletiva, numa transmissão que se mostra mais, muito mais nas ações que na estreita via da fala.

Nada é garantido, tudo é inconstante, mas há uma percepção séria de causa e efeito. Voltei a Natal e decidi parar de fumar maconha. Havia um desequilíbrio em mim por dentro que se potencializava. O que antes aplainava, ninava meus picos de fúria, tornara-se algo que me deprimia escancaradamente. Disparava paranoias. Armava gatilhos incessantemente à beira do disparo. Estar sóbrio era uma forma de me conectar comigo. De esquecer o gosto de sangue na boca. Achei que seria difícil, mas foi fácil. Foi algo como desviar novamente do desvio. Sentia a minha geração raspando o tacho da alegria com uma decidida indisposição de abastecê-lo. Eu me olhava no espelho e via um pedaço faltando. Eu não me reconhecia. Estava preenchido e saudoso. Porém, nesse mesmo momento de cisão, vi um novo caminho se abrir. Um campo de possibilidades imprevisíveis abria-se novamente. Com a lesão da perna, precisei mudar meu jeito de andar. Não podia mais me lançar dos despenques. Mas podia aproveitar os detalhes de uma outra velocidade. Pisei no freio. E aí pude ver as pessoas todas correndo como loucas, sem saber para onde iam, pela simples obrigação de correr. E pude enxergar meu caminho. Que era, na verdade, uma continuação. Eu continuaria me dedicando a escrever, embora agora precisasse prestar mais atenção a cuidar da minha família, da minha casa. Eu não era mais um pivete que podia cagar sem remorso pro mundo todo. Não deveria mais ser objeto de cuidado. Pelo contrário. A vida me pedia que cuidasse dela agora, que estava cansada, que precisava se renovar. Sentei. Estamos bem. Vivemos um momento aturdido. A realidade parece feita de gelatina, mas ainda assim seguimos.

¹ Trecho de *Aquela Fé*, por Don L, Carlos Gallo, Terra Preta & Eddu Ferreira.

RAUL PACHECO é escritor, ensaísta e advogado. Autor de diversos zines e trabalhos literários independentes. Autor do blog cultural <https://medium.com/@raulmpacheco>

CRÔNICAS DA FLORESTA NEGRA (02)

Antonio Nahud

“Solidão é o modo que o destino encontra para levar o homem a si mesmo.”

HERMANN HESSE

Durante três meses, em 2005, viajei de trem e carona, sem pouso certo. Semanas na Alemanha, Itália e Áustria, principalmente na Floresta Negra germânica e na Toscana.

Escrevi o que vi, senti e imaginei, resultando no livro inédito *CRÔNICAS da FLORESTA NEGRA*. Terminei por perdê-lo. Recentemente encontrei uma cópia em uma velha pasta. Uma belíssima surpresa.

São seis crônicas, uma dezena de poemas e um único ensaio: “Investigação de um Poeta Acima de Qualquer Suspeita: Rilke no Castelo de Duíno”. Pretendo publicá-los no blog.

Confira a segunda narrativa.

A ENCRUZILHADA dos DESTINOS

Nunca fui turista, sou um eterno viajante. O turista não encara a intensidade dos lugares desconhecidos, é demasiado assustador para sua realidade. Ele não está interessado na poesia do cotidiano, na análise delicada dos fenômenos, na beleza secreta do viajar. Circula às pressas, sem entrega, como se estivesse diante de uma série de cartões-postais. Nesta valorosa viagem germânica,

aprendi que para superar dificuldades, repelir dores e gozar alegrias, devo continuar cultivando o estado contemplativo. As condições favoráveis para a felicidade são difíceis de alcançar e, uma vez encontradas, diluem-se como miragens num piscar de olhos. Aqui, na Floresta Encantada, observo o mundo da forma e da ausência de forma. Sou um inseto de luz flutuando na escuridão. A visão penetrante vai fundo no fado dos homens e dos bichos, na maneira como percebem a Vida. Um exercício que dissipa a obscuridade, desenvolvendo o auto-conhecimento.

As criaturas deste Rainbow são personagens de uma aventura milenar. Muitos não sabem que existem, outros procuram caminhos para aliviar o vazio. Eles são muitos, de diversas expressões e intenções, gozando uma temporada aparentemente ilimitada. O “Círculo da Comida”, em cujo centro se ergue uma enorme fogueira, é uma encruzilhada concentrando milhares de estranhos, cada um com seu destino único, sentados à espera da ração de frutas, legumes e verduras. O sofrimento humano parece inexistente. Um idoso xamã, lunático, trajado numa minúscula tanga, rodopia, elevando um longo cajado e acompanhado por um fiel pastor-alemão. A cabeça calva coroada de delicadas flores-do-campo, a barba antiga e grisalha, olhos glaucos e pele rígida curtida ao Sol. Um animal raro, um sátiro, o Louco do Tarot apanhando cinzas na fogueira, soprando-as nos nossos rostos, um por um, e gritando: “Love! Love!”. Como será o cotidiano desta figura fora daqui? Suporta o caos urbano?

Vivo a beatitude e, na pureza local, faço constantemente exercícios espirituais e poéticos. Sob a influência do misterioso, o poeta cigano divaga em um frenesi longínquo, ciente que o tempo histórico é uma ilusão da consciência; não existe tal cronologia. Seduzido pela paisagem de sonho e a concentração humana, rabisco palavras louvando o fundo do oceano de si mesmo, de nós, de qualquer ser; versos invocando a natureza. A simplicidade, por ventura, favorece o perfume das palavras.

Na obscuridade, sinto o céu de Goethe (Frankfurt am Main, Alemanha. 1749 - 1832), Friedrich Hölderlin (Lauffen, Alemanha. 1770 - 1843) e Thomas Mann (Cidade Livre de Lübeck, Alemanha. 1875 - 1955). O caminho da Via Láctea é o caminho. Ao longe e em volta, montanhas e a Floresta Negra. Existem, e agradam-me à vista, imerso na magia. Andara, Mata Atlântica, Chapada Diamantina e outras formosuras, visíveis e invisíveis, completam-se no meu raciocínio íntimo. São dias em que não preciso de consolo. Nesse conforto, nessa tranquilidade, repouso o espírito. Não pertença a um lugar determinado, movo-me suave e firme, algumas vezes com a certeza da melancolia, mas nem sempre.

Em Berlim, Colônia ou Munique sangra a ferida dos duros anos da Segunda Guerra, se ajusta contas com o passado de carnificinas e paisagens devastadas. Nas calçadas, tijolos dourados de metal resplandecente exibem nomes, datas de nascimento e desaparecimento - recordam o massacre de 6 milhões de judeus. Adolf Hitler é o símbolo número um da maldade resultante da retórica ditatorial. A Alemanha rendeu-se a 8 de Maio de 1945, findando a guerra na Europa. Passaram-se 60 anos, o mundo deu muitas voltas, mas a II Guerra jamais vai deixar de ser uma infâmia na história recente da humanidade. De onde escrevo, neste lugar de contentamento, ocorreu na época uma terrível batalha resultando em milhares de mortos. A arcaica patifaria humana.

Tive pesadelos bizarros com o holocausto anti-semita e, para a minha agonia, com o nefasto Josef Goebbels, ministro da Propaganda na infâmia hitleriana, que me convidou educadamente para conhecer o bunker do Führer. Noutra noite, sozinho, ouvi uma voz feminina piedosa, clara, sussurando “Viktor! Viktor!”. No dia seguinte encontrei um humilde túmulo, em uma parte obscura da clareira, cuja lápide trazia o ano de 1944 e um nome, Gustav. Seria um jovem soldado nazista? Um ingênuo que não conseguiu regressar à casa da família? Sua casa ruiu enquanto estava no campo de batalha? Não teria mudado o caráter ao ser possuído por um regime de terror e crime? A guerra é um dos piores aspectos da nossa estupidez.

Espantoso e pungente refletir sobre a guerra; invasões, deportações, guetos, campos de extermínio; a crise econômica e moral; dificuldades dos sobreviventes em retomarem suas vidas, o desespero e a readaptação dos mutilados; a esperança em dias melhores.

Gosto da Alemanha, da sua gente amável e do silêncio dramático das cidades. Sinto-me em casa, embora sofra com o frio. Entre tantos lugares que vivi ou passei, a Alemanha foi paixão à primeira vista. Desperta-me uma série de identificações. Na Bavária, gritei ao vento: “Onde está, Ludwig II? Em que castelo formoso chora ao ouvir óperas de Wagner?”. Desde adolescente assisto em cinematecas filmes com o selo de qualidade UFA (Universum Film Aktiengesellschaft), um importante estúdio de cinema alemão. Aprendi a amar suas ambiciosas produções pilotadas por diretores como Fritz Lang, Friedrich Wilhelm Murnau, Ernst Lubitsch, Paul Leni. Bem como atores da estirpe de Conrad Veidt, Peter Lorre, Brigitte Helm, Pola Negri, Joseph Schildkraut, Lil Dagover, Rudolf Klein-Rogge, Paul Wegener, Zarah Leander, Werner Krauss.

Tenho uma perene atração por “Dr. Mabuse / Dr. Mabuse der Spieler” (1922), “Metropolis / Idem” (1926) e “M - O Vampiro de Dusseldorf / M” (1931); pelo erotismo da Lola-Lola de Marlene Dietrich, em “O Anjo Azul / Der Blaue Engel” (1930), que marcou época. Adaptado de um romance de Heinrich Mann, o clássico de Josef von Sternberg narra a degradação de um professor (criação magistral de Emil Jannings) apaixonado por uma cantora de cabaré. Jannings ganhou o Oscar de Melhor Ator em 1928 e se tornou um rosto indispensável em muitos filmes de propaganda do III Reich. Ele está inesquecível como o miserável porteiro de “O Último Homem / Der Letzte Mann” (1924) ou o Mefistófeles de “Fausto / Faust” (1926).

A Alemanha sempre lançou e exportou talentos, do corrosivo Billy Wilder ao lendário condutor de melodramas Douglas Sirk, incluindo fotógrafos excepcionais como Eugène Schuftan e

Michael Ballhaus. A década de 70 trouxe outra boa fase para o cinema alemão, revelando Wim Wenders, Robert van Ackeren, Ulli Lommel, Volker Schlöndorff, entre outros. O mais autoral e incisivo dessa época, Rainer Werner Fassbinder, é autor de maravilhas como “O Casamento de Maria Braun / Die Ehe der Maria Braun” (1978) ou “O Desespero de Veronica Voss / Die Sehnsucht der Veronica Voss” (1981); e por atrizes em estado de graça: Hanna Schygulla, Eva Mattes, Margit Carstensen, Barbara Sukowa etc.

No clarão da tarde, escrevendo e comendo amoras, framboesas e cerejas, recebo o sorriso de um rosto sugerindo um brando contentamento. Vou ao encontro dela, sentando-me ao seu lado. A poeta marroquina Amél ri outra vez. “Sto molto bene. È come un sogno, e adoro il sognos”, diz em italiano. Olhos rasgados, incisivos, faiscante. Eu a conheci numa noite de Lua Nova, dias passados, no “Angel Walk” (O Caminho do Anjo). Uma experiência vasta, perturbadora, sensual. Mais de cinquenta pessoas, em fila dupla, olhos fechados, acariciam “anjos” que atravessam o túnel carnal. Participei e senti emoções autênticas. “A vida é curta”, garante Amél, sem nenhum motivo aparente. A vida é curta, confirmo. Levanto-me, atravesso a clareira, deixando a encruzilhada, o coração palpitando em triunfo inocente. Caminho pela Floresta com desmedida fé, procurando trilhas do bem e contente por estar só e em paz. Recebo na cara a atmosfera vertiginosa da tarde úmida e pálida. Quem se esconde dentro de mim? Qual é a transcendência?

Alemanha, agosto de 2005

ANTONIO NAHUD é poeta, jornalista e escritor. Autor de “Suave é o Coração Enamorado”, “Pequenas Histórias do Delírio Peculiar Humano” dentre outros livros.

UM PEQUENO CONTO GÓTICO

José Delfino

Por lá as convenções do tempo são tão repetitivas que quase passam despercebidas. As quatro estações do ano estão sempre circunscritas a períodos de seca ou cheia, acompanhadas de um calor inclemente. O sol nasce de madrugada. Sempre escurece à tardinha. Folhas secas, emburradas, caídas no chão dos parques, o ano inteiro dão a impressão de um eterno outono.

Onde os dois moravam reinava e imperava paz. Viviam sós. Aposentados, passavam seus dias em quietude e silêncio. Ruídos só o do latir de cães em horas de impaciência. Ou o som da buzina de um carro que o vento trazia de longe, uns dois quilômetros das bandas da Hermes da Fonseca. O casarão, construído na base de um fundo de saco, dava pra três ruas. Em frente um solitário terreno baldio esquecido pela prefeitura. Só ia ali quem tinha notícia.

Quando ele voltou da rua, a tarde estava na metade. O temporal ainda se formava nas nuvens à espera da hora de desabar sobre o chão e diminuir um pouco o ar abafado. Ou, nunca se sabe, afogar os infortúnios sem cura.

Ultimamente, entretanto, algumas coisas pareciam um tanto erradas. Fatos estranhos estavam acontecendo. A ausência dos amigos mais chegados tinha virado rotina. Os filhos não apareciam mais.

Deu um oi pra ela ao entrar e veio aquela vontade de tomar um Manhattan com três gotinhas de angostura, pra relaxar. A vontade, como por milagre, desapareceu. Como “estão aparecendo fantasmas no jardim”? “Meninos brincando e dois adultos a supervisioná-los”. Aqui, dentro de casa? E não dão a mínima pra você como se fossem cegos e surdos? Como “melhor mudarmos daqui”? Coisa nenhuma. Almas de outro mundo existem, dizem, mas não acredito. Aquele papo furado que somos um corpo físico

que armazena uma aura energética, uma consciência, algo que não morre: o tal “eu” essencial. Mas a casca uma hora estraga , acaba e se decompõe. E continua por aí em forma de energia.

Não ria, estou falando sério. Vamos colocar um raciocínio, um tanto ilógico nisso. Quem sabe, poderiam ser tais entidades? Pessoas que já se foram. Fantasmas não têm consciência e nem interagem conosco. Daí que quando você diz que quis tocá-los suas mãos atravessaram a imagem de um deles. Corpos vivos, mulher, têm consciência, inteligência, a gente toca , e respondem quando perguntamos “Tem alguém aí?” ao contrário do que você afirma. Devem ser essas entidades, apesar do meu cepticismo a respeito . Seja o que for, eles estão apenas se divertindo. Relaxe. Eles enxergam e parecem nos ignorar. Ou não escutam. Usualmente usam ambientes elétricos carregados para se manifestar. Não aparecem quando os invocamos. Pelo menos, não quando eu estou em casa. Não, nada disso. Poderiam ser humanos que já morreram. O fato de estarem jogando bola sem dar uma mínima bola pra mim, corroboraria a tua teoria.

Foi quando ouvi o som estridente de um apito. Que zoadá é essa no jardim? Vou até lá pôr tudo em pratos limpos. Você vai ver. Ei, o que vocês estão a fazer aí? Vamos, meninos , o treino hoje não vai demorar muito porque parece que vai chover , gritei de longe. Esta é uma propriedade privada. Vamos parar com isso. É, eles não nos ouvem ou fazem que não nos notam. Meu Deus, eles não dão a mínima atenção para o que eu digo. Eu lhe falei. O meu corpo atravessa os corpos deles. De repente , são mesmo almas de outro mundo.

Henrique, estou sentindo alguma coisa no ar e não sei bem dizer o que é. Eu também, melhor irmos embora. Meninos, vamos parar o jogo por hoje. Vicente, uma pena não podermos mais voltar. A família vendeu a casa a preço de bolo. Foi ,é? Então você não sabe da história? Não. Ano passado a dona da casa teve um câncer de mama e morreu. O marido dela, que tinha tido um idêntico

bem pouco antes, inconformado e em desespero , resolveu pôr fim a tanto sofrimento com um tiro de 38 no céu da boca. Morreu no mesmo instante. Não deve ter ouvido nem o som do estampido. Isso aqui agora vai virar um restaurante chique . Sabia ? Você parece que não lê jornal , porra.

JOSÉ DELFINO DA SILVA NETO é escritor e médico. Professor da UFRN, é autor de diversos livros, dentre eles, “Almas Nuas” e “A Estação de Ana e Outras Estações” .

PRECISAMOS DESCOLONIZAR A BASE DA POPULAÇÃO

Ana Paula Campos

Sempre dedico um tempo do meu dia para ler os “textões” de pessoas que admiro e aproveito para repensar meus saberes e pontos de vista. De repente me peguei pensando que certas discussões estão girando em círculo entre os intelectuais. Somos leitores, escritores falando para outras pessoas que seguem, de uma forma ou de outra, nossa mesma linha de raciocínio.

Algo semelhante acontece nas universidades. Diariamente são defendidas dissertações e teses com temas interessantíssimos, mas que não reverberam nas bases das comunidades. As discussões nascem e morrem em salas fechadas com ar condicionado e pior, os sujeitos da pesquisa não são ouvidos durante os debates, quando muito são entrevistados no início do processo. Todos os problemas e buscas por soluções para estas comunidades são discutidas e pensadas por pessoas que não vivenciam o problema, salvo raras exceções.

Sabemos que existe um plano de desmonte da educação em curso que pretende culminar com o extermínio do povo negro. Cada dia que passa as verbas para a educação diminuem e com isso a qualidade das escolas públicas cai consideravelmente. O Estado sabe que conhecimento é poder então cria barreiras para dificultar a disseminação dos saberes.

Pessoas de periferia seguem sem saber sua história, a história dos seus ancestrais. Seguem sem representatividade, acreditando que os ancestrais estavam passivos frente aos problemas do nosso povo. Quem não sabe de onde veio, aceita qualquer identidade que lhes é imposta. A tentativa de silenciar os educadores é a maior prova disso, porque diferentemente do que esbraveja uma minoria desse país, nós não doutrinamos ninguém! Ao contrário, nós

damos as ferramentas para que crianças, jovens e adultos pensem com criticidade sobre os problemas do Brasil e do mundo, encontrando alternativas para transformá-lo.

Pensar em uma sociedade democrática é pensar no debate, e debater não se limita a falar suas verdades para um grupo que corrobora seu pensamento. Precisamos adentrar os espaços onde a informação não chega. Precisamos adaptar os discursos de livros e da academia para uma linguagem acessível, mas antes de tudo, precisamos ter humildade para reconhecer os saberes advindos das vivências do povo e aprender com a sabedoria dos mais velhos.

Só vamos vencer a luta contra o racismo fazendo um trabalho de base. É fundamental e urgente que todos tenham consciência de classe, raça e gênero se quisermos avançar de forma igualitária.

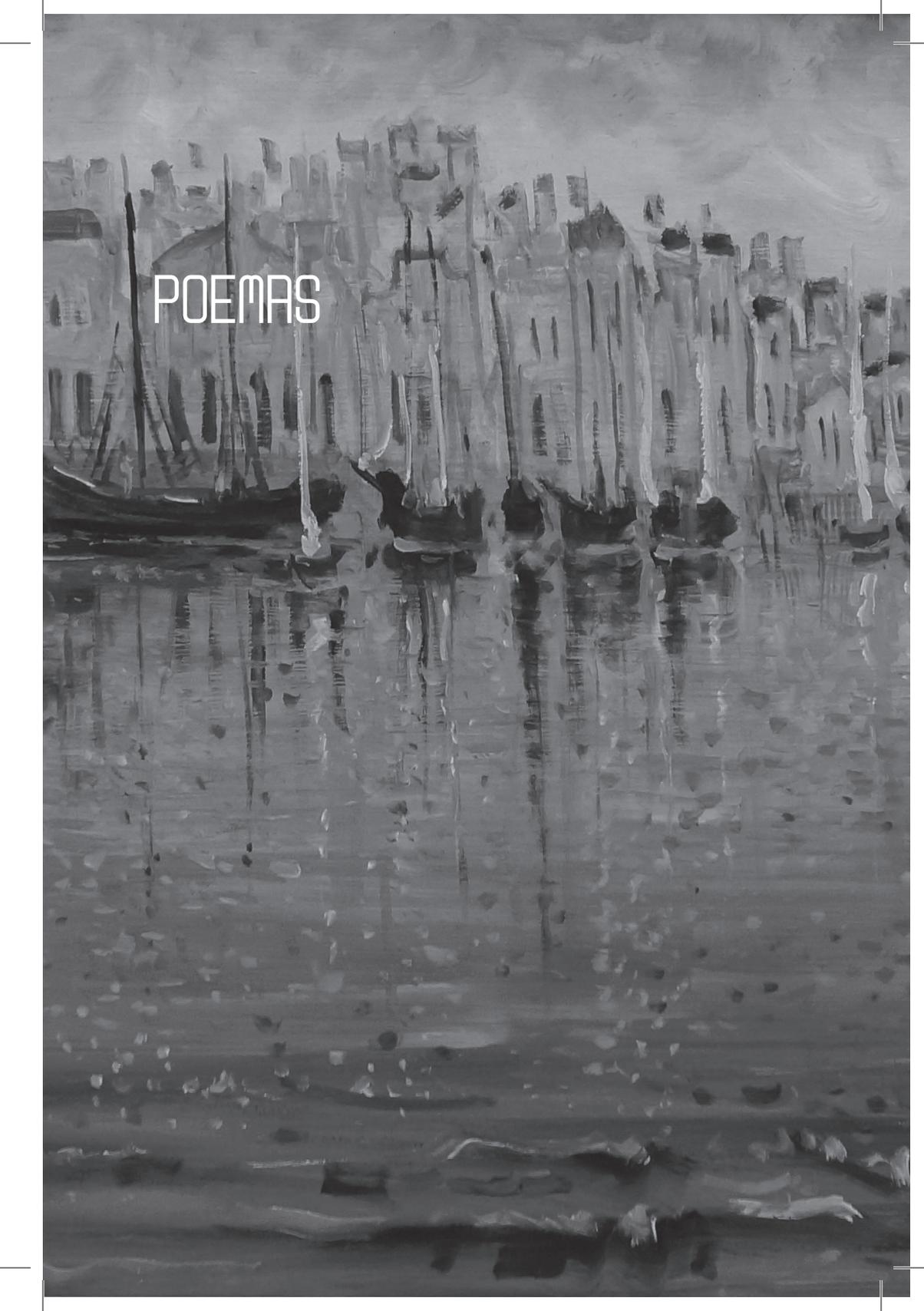
ANA PAULA CAMPOS é escritora e professora da rede pública de ensino, contadora de histórias, feminista negra, militante do movimento negro.

DIOGENES DA CUNHA LIMA: O ESPETÁCULO EM PESSOA.

Cristine Tinôco da Cunha Lima Rosado

Respeitável público, o aniversariante de hoje é o próprio espetáculo. Ele é arte, magia, poesia. Facilmente tira da cartola prosas, músicas, sendo capaz de transformar uma flor de rua em flor teimosa, símbolo da cidade. Ele tem super poderes. Dá visibilidade ao belo, ao que merece ser exposto, expresso e dito e torna mais que invisível - inexistente - as durezas e as injustiças vividas. Já precisou ser trapezista em muitos momentos da vida, vencendo com maestria caminhos quase impossíveis. É o próprio equilíbrio, fazendo contorcionismos incríveis, adaptando-se aos mais variados contextos, sempre de forma ética e justa. Não é comediante, mas fazer sorrir é sua especialidade. Seja através de suas hilárias histórias (é de uma memória invejável), ou de suas ações singulares, que podem ser um assobio de uma música ao amanhecer, um bom dia poético, ou atitudes que transformam uma vida. Ele também sabe ser plateia, ao aplaudir as vitórias de quem quer bem. Sabe reconhecer quem lhe fez bem, e já se fez palco para que outros tivessem o seu momento de estrela. É multifacetado, atuando como advogado brilhante, escritor de belos artigos, compositor de cantigas de ninar, presidente da Academia de Letras, marido, pai, avô, amigo...É “domador” de uma família que segue seus princípios, pela admiração e pelo exemplo. Ele faz questão de participar nos bastidores. Ouve atentamente as críticas dos que estão a lhe assistir. Muda suas performances. Está sempre em reconstrução. E em momentos de leões indomáveis, é a sua arte que nos anima. Você é um jovem artista da vida. A vida no picadeiro é leve porque ele assim ordena e, para nossa alegria, nunca esquece que o show tem que continuar! Você é o nosso espetáculo e a nossa obra prima!

CRISTINE ROSADO é professora, Diretora Pedagógica do Colégio CEI – Centro de Educação Integrada LTDA, (Romualdo Galvão).

The image is a black and white abstract painting. It features a series of horizontal, textured brushstrokes that create a sense of depth and movement. The upper portion of the painting is lighter, with more defined, layered strokes, while the lower portion is darker and more textured, suggesting a ground or water surface. The overall composition is vertical, with the word 'POEMAS' centered in the upper half.

POEMAS



O HOMEM DE TODAS AS RUAS

Lívio Oliveira

Para Diógenes da Cunha Lima

No homem a flor pequena e quase branca
brota quando há luz e a água é leve e pura
as mãos que cuidam têm lágrimas e amor
e uma fé que se espalha nos cantos da vila.

Nos olhos doces do homem o sonho vive
se multiplica e povoa a casa aberta ao sol
em que transitam correntes de mar e ventos
e o idílio dos dias bons dos cavalos e trens
[indo e vindo.

O homem altaneiro traz a palavra a voz
as pétalas: nelas inscreve riscos sagrados
que sacerdotes ditam da Europa e da África
dos cânticos de paz e tambor que povoam o largo.

O homem pode ser a flor pequena e frágil
pode crescer tanto e virar tronco rijo de Baobá
ser Pau-Brasil salvo defronte ao seus pares: jardim
diante da casa em forma de livro e palavra.

Na face está o que é perene: a fala que insiste
os arcos de violino e a poesia das altas copas
sem que se esqueça a flor de todas as ruas
de todos os dias que um dia serão lembrados.

LÍVIO OLIVEIRA é poeta, escritor e Procurador Federal. Membro da Academia Norte-rio-grandense de Letras, do IHGRN e da UBE/RN. Autor de “O Colecionador de Horas”, “O Teorema da Feira” e vários outros livros.

TRÊS POEMAS DE JARBAS MARTINS

SONETO

Ao modo de Aznavour e do meu jeito

Tu que atraís a beleza, que te ornas
e sequer o teu nome sei de cor
-mulher, anjo ou demônio e sempre tornas
aos rostos todos do poema amor.

Desafiarei a terra e o mar que entornas
inventarei o Dia em teu louvor,
o fogo, a fúria , o gelo, as horas mornas,
o pó que é Deus que amamos – nossa Dor.

Com as chamas e a paz da inquietude
em busca da razão de existir,
à espera de tudo que há por vir

a recriar a nossa juventude
socorrendo e construindo o que quiseres.
Tu: Mais linda entre todas as mulheres.

RONDEL

O sorriso industrial do Motoserra
rói o mais leve sonho das esquinas.
Sua manada privada dos sem crinas
patina em uma pátria ácida que os aterra.

Em um kit letal, ócio e vacinas,
em suas covas famintas nos enterra.
O sorriso industrial do Motoserra
rói o mais leve sonho das esquinas.

Alheio ao mundo instrui, comanda e serra
enverga ao modo da Árvore que assassina.
Em estojos de culpas se encerra
e nas cegas lições que a si doutrina.

O sorriso industrial do Motoserra

VILANCETE

Mote:

Com Silvana em ciranda
em seu dócil ondular
comigo e Deus a dançar.

Volta:

Com Silvana uma conjunção
fez à dança unir o sagrado
e Deus em um chão alegrado
na roda nos deu a mão

A Musa trouxe em seus braços
um buquê do paraíso
e nos lábios um sorriso
pintado em sublimes traços.

Amor me fez escolher
entre a amizade e a paixão,
por Deus aprendi a viver
nas folias do salão.

JARBAS MARTINS é poeta, escritor e professor aposentado da UFRN. Membro da Academia Norte-rio-grandense de Letras. Autor de “Contracanto” e outros livros.

DOIS POEMAS DE ALEXANDRE ALVES

elefante falso sobre as dunas*

a lágrima de um caeté – onde secou? –
aves de arribação – onde voaram? –
no horto – onde fica? –
folhas mortas – onde flutuam? –
no livro de poemas – onde há poesia? –
roseira brava – onde está ela? –

rio do vento rosa de pedra
silêncio do subúrbio
a canção da montanha: símbolos inúteis
imagem virtual o olho
na américa latina way of life
demopoesia na máquina de lavar poemas
instrumento dúctil na feira livre
ponto de fuga ou poeira no céu
sertania ou nau frágil

amante ladino de antecedentes criminais
contracanto no livro de bolso
na minha remington 22 os marrons crepons marfins
pássaro oculto da cidade íntima
talhe rupestre no lance de dardos
na dramática gramática
cachorro magro na chuva ácida

devolva meu lado de dentro
ópera antinstrumental do vazio homérico da cidade
dádiva

quem mais capaz de escutar?
todos ecoam ainda quase sem peso
sobre as dunas do falso elefante

* Texto inédito formado quase na totalidade por títulos de livros e poemas da lírica potiguar, muitos desconhecidos pelos próprios norte-rio-grandenses, incluindo seus poetas.

mera encruzilhada

febres não descansam no feriado
nem esses insetos
derrubando montanhas
cubra sua pele
só arranque em caso de emergência
ou quando passar um silêncio trôpego
indeciso furacão
escolhendo seguir
para o lugar mais comum

a mais certa
encruzilhada do mundo
talvez uma bússola
desnorтеada e à beira de um abismo
solar cuja vida dura apenas
uma breve respiração

ato falho
nasce outra semana
a febre descansa nunca
procura-se qualquer placa
que indique outro abismo
procura-se algum segundo
para saber se ainda existe vida

ou se eis aqui
a mera encruzilhada

ALEXANDRE ALVES é poeta, escritor e professor da UERN. Autor de “Poesia submersa: poetas e poemas no RN 1900-2000” (Editora Queima-Bucha: 2020), “Silêncio mar: a poesia de Zila Mamede nos anos 50” (Sebo Vermelho, 2006) e vários outros livros.

TANKAS

Raimundo Gadelha

As estrelas são
olhos do deus nunca visto
Homem sem crença,
segue o seu caminho
longe da essência.

Natal é berço
de mar, dunas ao vento...
Terço saudade
com imagens da cidade
e semblante dos amigos

Desenha no céu
Triste trajetória
Olhos úmidos,
o menino contempla
a morte da estrela.

Sobram as sombras,
noturnas assombrações
do que já não sou...
Perverso, o passado
perverte o presente.

Trago as mãos
calejadas de vida
E nelas sinto,

Indiferente, unhas
crescendo passageiras.

Vestir a blusa
que aqui esqueceste
Fechar os olhos
e, sentindo teu cheiro,
prolongar tua presença.

Com as palavras,
forjar mais um poema
Samurai serei
No fio da katana
o corte ou a guarda.

Peguei o brilho
de estrelas distraídas
Enchi os bolsos
e fiz, em meu caminho,
esboços de uma vida.

Onde o prazer
dos caminhos de ontem?
Mesmo sem crime
hoje eu sou detento
Lento passa o tempo.

Nem disse adeus
Para fugir da prisão,
o sonho bastou
Meu cavalo alado
trouxe paz onde estou.

Sem que perceba
eu faço diferentes
caminhos iguais
Destino não importa
Na busca constante, sou.

Caminho por ruas
que habitam meus sonhos...
Na velha casa
a janela é moldura
do meu primeiro amor.

RAIMUNDO GADELHA é poeta e escritor. Sócio correspondente da Academia Norte-rio-grandense de Letras. Autor de vários livros.

RIBEIRA

Kalliane Amorim

*“Há um tempo para tudo e um tempo
para todo propósito debaixo do céu.
Tempo de rasgar, e tempo de costurar;
tempo de calar, e tempo de falar.
Tempo de amar, e tempo de odiar;
tempo de guerra, e tempo de paz.”*
(Eclesiastes 3,1.7-8)

O tempo é uma lavadeira,
quarando velhas memórias
às margens de um vasto rio...

Sobre a nudez dos lajedos,
as lembranças, alvejadas
como flor de laranjeira
ou capucho de algodão,
deitam sua tessitura
de ternura e mansidão...

Já passaram pelas águas,
pela espuma do sabão,
açoitadas no compasso
dessas vigorosas mãos
que as estendem nos cercados,
como uma oferenda ao sol
pelos dias que se vão...

Tempo, tempo, tempo, tempo,

tuas pedras, teu bastão...
Tua música perene
martelando a solidão
das memórias encrespadas
pelo vento, revoadas
de aves de arribação...

Tempo, tempo, tempo, tempo,
serei eu tua invenção?

KALLIANE AMORIM é poeta, escritora e professora do IFRN. Autora de “Relicário”, “Peregrina” e outros livros.

UM PÁSSARO

Elder Heronildes

Vi um pássaro esta manhã,
Era pequeno e voava suavemente,
Parecia uma pluma ao vento.
Aqui e ali, diria até, que o fazia,
Com um visado objetivo.
Num relâmpago de tempo, parou,
Em um pequeno galho, fazendo
Um gracioso trejeito no minúsculo corpo,
Como se bailando estivesse.
A impressão que se tinha é que
Volvia os minúsculos olhos,
Em direção ao intruso observador.
Nesse momento ouvia-se nitidamente.
Sem perder a leveza suave e penetrante,
Belíssimos silvos, como se fora uma melodia,
encantadora, penetrante e contagiante.
Vez ou outra como um exímio trapezista
Sobrevoava alguns galhos, parando em um fio.
Não perdia a graça, nem a beleza e nem o toque
Ágil das pequenas asas que agiam dominando
O equilíbrio e os impulsos esvoaçantes.
Quem o via e ouvia, numa manhã de sol
Radiante, por entre folhagens esverdeadas,
Vibrava com incontida emoção pelo,
Balé improvisado e mavioso do pássaro,
Que se fazia acompanhar de um som de
Inenarrável e grandiosa beleza,

Numa sincronia perfeita e grande harmonia.
Ia lá e vinha cá, com movimentos rápidos
de impressionante perfeição, como se fruto,
De um longo aprendizado, não lhe faltando,
Sequer o ritmo rigoroso e compatível com
O movimento do pequeno corpo conduzido
Com verdadeira maestria pelas asas vibrantes.
Qualquer ser humano ficaria petrificado
E envolvido de intensa e profunda emoção,
Frente a tamanha beleza e maviosa sinfonia,
Esvoaçante.
Meu Deus, que maravilha!
17/04/20

ELDER HERONILDES é poeta e escritor. Ex-reitor da UERN, membro da Academia Norte-rio-grandense de Letras e atual presidente da Academia Mossoroense de Letras (AMOL).

O ARTISTA DA CAPA

Thomé Soares Filgueira, mais conhecido, simplesmente como Thomé (1938-2008) destaca-se como um dos expoentes da geração de artistas plásticos potiguares, que sobreveio aos pioneiros Newton Navarro e Dorian Gray Caldas. Ninguém como ele revelou com tanta sensibilidade a beleza das paisagens campestres – antigos engenhos, casas-grandes, etc. – e o encanto do rio, o Potengi velho de guerra, retratado de mil maneiras (Ver na página 90 artigo de Manoel Onofre Neto sobre Thomé).

QUADRO DE ACADÊMICOS - SETEMBRO/2020

Cadeira	Patrono	Primeiro Ocupante	Sucessores
1	Padre Miguelinho	Adauto da Câmara	Raimundo Nonato da Silva, Sylvio Pedroza, Claudio Emerenciano.
2	Nísia Floresta	Henrique Castriciano	Hélio Galvão, Grácio Barbalho, Ernani Rosado, Humberto Hermenegildo de Araújo.
3	Cons. Brito Guerra	Otto Guerra	José de Anchieta Ferreira, Daladier Pessoa Cunha Lima.
4	Lourival Açucena	Virgílio Trindade	Enélio Lima Petrovich, Agnelo Alves, Cassiano Arruda Câmara.
5	Moreira Brandão	Edgar Barbosa	Ascendino de Almeida, Manoel Onofre Jr.
6	Luís Carlos Wanderley	Carolina Wanderley	Gumercindo Saraiva, João Batista Pinheiro Cabral.
7	Ferreira Nobre	Antônio Soares	Mariano Coelho, Nestor dos Santos Lima, Luiz Alberto G. de Faria
8	Isabel Gondim	Matias Maciel	Walter Wanderley, Nilson Patriota, Nelson Patriota
9	Almino Afonso	Nestor Lima	Cristóvão Dantas, Humberto Dantas, Peregrino Junior, Dorian Gray Caldas, Roberto Lima.
10	Elias Souto	Bruno Pereira	Paulo Macêdo (vaga)
11	Padre João Maria	Januário Cicco	Onofre Lopes da Silva, Miguel Seabra Fagundes, Fagundes de Menezes, Paulo de Tarso Correia de Melo
12	Amaro Cavalcante	Juvenal Lamartine	Veríssimo de Melo, Oswaldo Lamartine de Faria, Paulo Bezerra, Cláuder Arcanjo.
13	Luís Fernandes	Luís da Câmara Cascudo	Oriano de Almeida, Anna Maria Cascudo Barreto. Eulália Duarte Barros.
14	Joaquim Fagundes	Antônio Fagundes	Raul Fernandes, Armando Negreiros.

15	Pedro Velho	Sebastião Fernandes	Antonio Pinto de Medeiros, Eloy de Souza, Umberto Peregrino, Francisco Fausto, Lívio Oliveira.
16	Segundo Wanderley	Francisco Palma	Rômulo Wanderley, Maria Eugênia Montenegro, Eider Furtado de Mendonça e Menezes, Armando Holanda (eleito).
17	Ribeiro Dantas	Dioclécio Duarte	Aluizio Alves, Ivan Maciel de Andrade.
18	Augusto Severo	Waldemar de Almeida	D. Nivaldo Monte, Pe João Medeiros Filho.
19	Ferreira Itajubá	Clementino Câmara	Nilo Pereira, Murilo Melo Filho. (vaga)
20	Auta de Souza	Palmira Wanderley	Mario Moacir Porto, Dorian Jorge Freire, José Hermógenes de Andrade Filho, Jarbas Martins.
21	Antônio Marinho	Floriano Cavalcanti	Luiz Rabelo, Valério Mesquita.
22	Côn. Leão Fernandes	Côn, Luís Monte	D. José Adelino Dantas, Côn. Jorge Ó Grady de Paiva. Côn. José Mário de Medeiros.
23	Antônio Glicério	Bezerra Júnior	Othoniel Menezes, Jaime dos G. Wanderley, Iaperi Araújo
24	Gothardo Neto	Francisco Ivo Cavalcante	Antídio Azevedo, Antônio Soares Filho, Tarcísio Medeiros, Sônia Fernandes Faustino.
25	Ponciano Barbosa	Aderbal de França	Inácio Meira Pires, João Wilson Mendes Melo. (vaga)
26	Manoel Dantas	José Augusto Bezerra de Medeiros	Diógenes da Cunha Lima
27	Aurélio Pinheiro	Américo de Oliveira Costa	Vicente Serejo
28	Padre João Manoel	Paulo Viveiros	Jurandyr Navarro
29	Armando Seabra	Esmeraldo Siqueira	Itamar de Souza
30	Mons. Augusto Franklin	Manoel Rodrigues de Melo	Aluísio Azevedo, Diva Cunha.
31	Padre Brito Guerra	José Melquíades	Pedro Vicente Costa Sobrinho, Leide Câmara.
32	Francisco Fausto	Tércio Rosado	João Batista Cascudo Rodrigues, João Batista Machado.
33	Tonheca Dantas	Oswaldo de Souza	Hypérides (Peri) Lamartine, Carlos de Miranda Gomes.
34	José da Penha	Alvamar Furtado	Lenine Pinto, Ivan Lira de Carvalho
35	Juvenal Antunes	Edinor Avelino	Gilberto Avelino, Ticiano Duarte, Woden Madruga.(eleito)
36	Benício Filho	João Medeiros Filho	Olavo de Medeiros Filho, José Augusto Delgado.

37	Jorge Fernandes	Newton Navarro	Luís Carlos Guimarães, Elder Heronildes.
38	Luís Antônio	José Tavares	Vingt-un Rosado, América Rosado, Benedito Vasconcelos Mendes.
39	Damasceno Bezerra	Raimundo Nonato Fernandes	Marcelo Navarro Ribeiro Dantas
40	Afonso Bezerra	Sanderson Negreiros	Geraldo Queiroz

Este livro foi composto em
Adobe Garamond Pro
e impresso em cartão
Duo Design 250g./m². (capa)
e Pólen Bold 90g./m². (miolo)
pela Offset Gráfica, Natal/RN,
em setembro de 2020

www.offsetgrafica.com.br